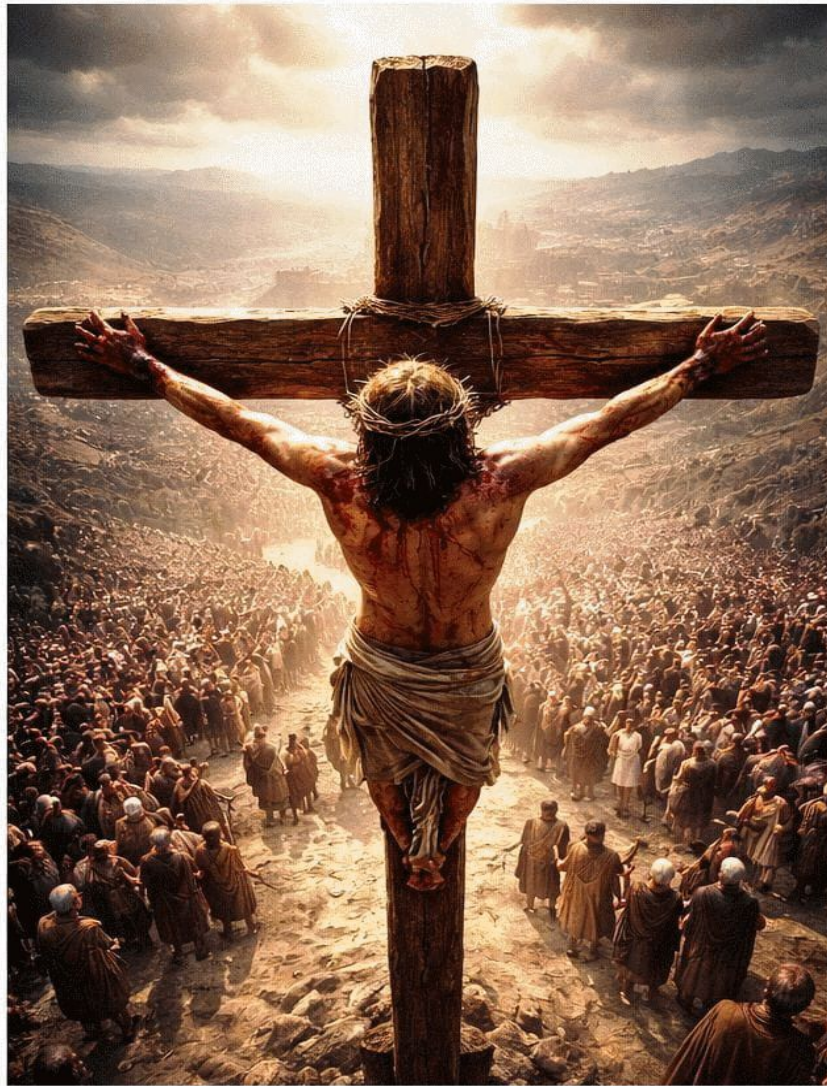


O QUE JESUS VIA DO ALTO DA CRUZ



A. D. SERTILLANGES

Editado por 

O QUE JESUS VIA DO ALTO DA CRUZ

A. D. SERTILLANGES, O.P.

LONDON
BURNS OATES & WASHBOURNE LTD
PUBLISHERS TO THE HOLY SEE

Tradução por IA (ChatGPT) do
texto em inglês

NIHIL OBSTAT:

ERNEST MESSENGER, PH. D.,
Censor Deputatus

IMPRIMATUR:

† Joseph Butt,
Vic. Gen.

WESTMONASTERII,
die Sa Januarii 1937

ÍNDICE

PRÓLOGO

I. O POSTO DE OBSERVAÇÃO

II. SIÃO

III. A CASA DE SEU PAI

IV. O CENÁCULO

V. O MONTE DAS OLIVEIRAS

VI. OS TRANSEUNTES

VII. OS SEUS ENTES QUERIDOS

VIII. OS SEUS INIMIGOS

IX. O SEU TÚMULO

X. O CÉU

EPÍLOGO

PRÓLOGO

S. PAULO exorta-nos a «revestir-nos de Jesus Cristo»,^[1] e as suas palavras, entendidas no sentido espiritual em que ele as pretendia, são de uma importância incomensurável. Mas há talvez ainda um outro sentido em que não é impossível, nem destituído de importância, revestir-se de Jesus Cristo.

Podemos revestir-nos de Jesus Cristo pela imaginação, colocando-nos, não ao pé da cruz, nem diante dela, mas sobre ela; com a cabeça inclinada sob a inscrição, usando a coroa de espinhos, trespassados pelos cravos, sentindo a madeira fria e áspera entre os ombros; numa palavra, tornando nossa a esfera de visão e as emoções que eram as d'Ele, vendo com os seus olhos e sentindo com o seu coração, recordando, julgando e prevendo com Ele, de tal modo que, ainda neste mesmo sentido de imaginarmos que trocámos de lugar com Ele, já não sejamos nós que vivemos, mas Cristo que vive em nós.^[2]

Foi em Jerusalém que este pensamento me ocorreu, enquanto eu estava — como frequentemente fazia — num lugar que é singularmente sugestivo para tais reflexões.

Na esplanada dos Gregos, que domina o átrio do Santo Sepulcro, a poucos passos da grande cúpula, encontra-se uma pequena cúpula de pedra encimada por uma cruz. Pode chegar-se até ela com bastante facilidade, e aí pode permanecer-se e demorar-se. Se então olhardes para Jerusalém, que se estende diante dos vossos olhos, encontrareis o mesmo panorama, tendo em conta as alterações produzidas pelo tempo, que se oferecia ao olhar do divino Mestre.

Segundo os cálculos mais cuidadosos e pela autoridade de quem melhor conhece actualmente a arqueologia dos Lugares Santos,^[3] a cruz de ferro que ali tocais assinala, com uma margem de poucos centímetros, o nível e o lugar outrora ocupados pelo divino rosto. Pensamento impressionante, que recorda as palavras de S. Cirilo de Jerusalém, quando pregava no Santo Sepulcro:

«Quantos outros apenas podem ouvir, enquanto nós podemos ver e tocar!»

O cenário da crucifixão está hoje alterado para além de qualquer reconhecimento; a simples menção do meu posto de observação bastaria para o mostrar. Mas é possível reconstruí-lo sem grande dificuldade. Permanecem alguns pontos duvidosos por resolver; e atormentadoras são essas dúvidas, porque não é fácil resignarmo-nos ao lamentável facto de não podermos actualmente traçar com certeza a Via-Sacra. Mas o restante do lugar sagrado é felizmente conhecido por nós. As suas linhas gerais são-nos indicadas pelas colinas que cercam o Gólgota; os outeiros, os vales, parcialmente aterrados mas claramente discerníveis, ainda subsistem; as estradas são determinadas pela formação do terreno e por direcções imutáveis. As ruínas visíveis aqui e além, as escavações realizadas nos últimos tempos, o estudo comparado dos textos e dos factos permitem-nos reconhecer e até estabelecer com precisão o teatro do drama. Podemos sentir o estremecimento da realidade.

Abramos, pois, sem mais demora os nossos olhos com Jesus Cristo: os olhos do corpo e os olhos da inteligência. Ao «revestirmo-nos» de Jesus Cristo, unamo-nos ao seu espírito e ao seu coração. Assim, talvez o mundo invisível em que a sua alma se move nos apareça mais vivamente; talvez nos seja concedida a graça de uma união mais íntima com Ele.

JERUSALÉM,
Tarde de Quinta-Feira Santa

CAPÍTULO I

O POSTO DE OBSERVAÇÃO

É cerca do meio-dia, em Jerusalém, a hora mais abafada do dia, quando Jesus sai do pretório. É Primavera — 20 de Março, no dia mais cedo, 17 de Abril, no dia mais tarde — mas a Primavera na Palestina nada tem do encanto do nosso Abril. A Primavera é a estação do tempo incerto; um dia pode ser belo, o seguinte pode trazer neve ou um calor sufocante. É a estação do *Khamsin*, o vento quente e opressivo vindo do sudoeste.

Jesus transporta a sua cruz. Ao pescoço, provavelmente, está presa a inscrição quadrada, de cerca de sessenta centímetros de lado, caiada de branco, que será pregada à cruz para anunciar a natureza do seu crime. Vai precedido por um centurião montado a cavalo e escoltado por um grupo de soldados; por companhia tem dois ladrões que decidiram executar com Ele; diante d'Ele, atrás d'Ele e à sua volta encontra-se uma multidão curiosa ou hostil.

Durante cerca de duzentos metros em linha recta, mas um pouco mais através da rede de ruas estreitas, o caminho desce pela cidade. Depois a estrada sobe, sempre sinuosa, perfazendo uma distância total de cerca de quinhentos metros. A procissão chega assim à Porta de Efraim, também chamada Porta da Praça, porque dá para uma ampla esplanada quadrada, delimitada por um ângulo recto das muralhas. Mais tarde, isto tornar-se-ia o fórum romano.

A Porta de Efraim é uma porta de redente; isto é, forma um ângulo saliente; de tal modo que a entrada se faz de norte para sul e a saída de leste para oeste. É interessante notar que num convento grego próximo se conserva um antigo degrau sobre o qual Jesus pode ter pisado enquanto transportava a sua cruz.

Imediatamente depois de atravessar o limiar, Jesus encontrou-se face a face com o seu túmulo.

Não havia nada de sombrio naquela paisagem, apesar dos túmulos, que eram um elemento comum nas propriedades ricas da época. A porta situada entre a de Efraim e a de Jafa chamava-se Porta dos Jardins; e, de facto, todas as encostas de Gareb, a colina fronteira, estavam cultivadas. As oliveiras constituíam a maior parte da vegetação; mas havia também cidreiras, figueiras, noqueiras e romãzeiras. Muitas aves faziam os seus ninhos nos ramos dessas árvores, andorinhas e martins alegrando-se na Primavera, juntamente com pardais, abibes, cucos, tordos e rolas.

Também não faltavam flores. O lugar estava coberto de ciclames, a flor dos terrenos rochosos, narcisos selvagens, íris, funcho, papoilas e margaridas; e especialmente a anémoma vermelha — talvez o lírio do campo que rivaliza com a glória de Salomão — uma flor que cintila como um vitral quando o sol brilha sobre ela, mas que na sombra possui a tonalidade baça do sangue seco.

Ali também cresciam as famosas flores do Calvário: aquelas pequenas flores que parecem nunca morrer, brotando hoje nos mesmos lugares de ontem. Jesus, que as amava, misturou o seu sangue com as suas gotas carmesins; e o pisco-de-peito-ruivo da lenda, a meditativa pomba do salmo e talvez também a coruja, atraída pelas grandes trevas, estavam ali para O consolar na morte.

Certa vez, numa Sexta-Feira Santa, por volta das três horas da tarde, eu encontrava-me no meu lugar predilecto — na esplanada que mencionei acima — quando vi o ar subitamente cheio de uma nuvem de andorinhas voando densamente agrupadas e enchendo o espaço circundante com os seus gritos. A pequena cruz de ferro que agora se ergue no lugar do grande madeiro ficou apanhada na rede das suas trajectórias; de um lado para o outro, os gritos agudos e fugidios cruzavam-se e tornavam a cruzar-se; era uma festa, e era uma recordação da morte. Quem sabe se Jesus, nas profundezas da sua agonia, não ouviu e acolheu com um triste sorriso outro cântico tão requintado?

* * *

Falámos do Calvário e ainda não localizámos esta «montanha» que ocupa um lugar tão importante nos nossos pensamentos. Já é suficientemente difícil localizá-la pela nossa descrição, e o peregrino no próprio lugar, se não estiver prevenido, achará ainda mais difícil situá-la, perto do átrio medieval que conduz até ela.

Na verdade, o Calvário não é de modo nenhum uma montanha; nem sequer é uma colina, a não ser que se queira dignificar com esse nome aquilo que pouco mais é do que um pequeno outeiro num campo. Se a esplanada de cerca de cinquenta metros diante da Porta de Efraim ainda não tivesse sido nivelada — e teria sido realmente nivelada? — a subida ao Calvário teria sido quase imperceptível. Este montículo calcário não se elevava mais de cinco metros acima das estradas que serpenteavam em redor da sua base; erguia-se de forma bastante abrupta do lado ocidental, mas muito gradualmente do leste e sudeste, o caminho por onde Jesus se aproximava dele.

No entanto, o posto de observação de Nosso Senhor domina a cidade. Quando o madeiro tiver sido erguido, o seu ponto mais alto ficará mais três metros acima do nível do solo, e o olhar do Crucificado poderá percorrer todo o horizonte.

Diante d'Ele, Jesus verá a Porta de Efraim a uma distância de oitenta metros, o Templo a cerca de quatrocentos metros, a torre Antónia a trezentos e sessenta metros e, a cerca de seiscentos metros, o grande ângulo sudeste, ou o «pináculo» de onde Satanás quis que Ele se lançasse.

Depois verá a região circundante. A norte-nordeste, quase exactamente a norte, encontram-se as encostas de Nabi-Samouel, o «lugar alto» de Gabaon, onde Salomão teve o sonho da sabedoria, onde a infeliz Resfa protegeu os seus filhos contra os abutres; depois Masfa, onde os fiéis Macabeus adoravam enquanto aguardavam a sua entrada em Jerusalém.

Exactamente a nordeste fica o Monte Scopus, onde Alexandre outrora vacilou perante a majestade do sumo sacerdote; onde Céstio Galo e Tito acamparam quando os dias de Israel chegaram ao fim; onde mais tarde os soldados de Godofredo de Bulhão avançaram — uma aproximação solene à

cidade que, desde os dias de Nabucodonosor, Senaquerib e Teglal-Falasar, sempre foi objecto de fascínio ou de desejo.

A leste encontra-se o Monte das Oliveiras, que ocupa um lugar predominante na vida de Jesus em consequência das recordações evocadas pelas suas partes baixas, as suas encostas, o seu cume, os seus arredores, as suas aldeias e os seus caminhos. E por isso nos demoraremos nele nestas páginas.

À direita do Monte das Oliveiras, para além da torrente do Cedron, estende-se uma faixa de deserto queimado e árido, para lá da qual se pode pressentir o Mar Morto e ver a linha ininterrupta das montanhas de Moab, com a faixa de neblina na sua base que sobe daquelas águas pesadas.

Aqui estão as recordações do grande jejum, do Baptismo e da voz vinda do céu; aqui está o Monte Nebo, de onde Moisés viu ao longe a Terra Prometida; aqui está Maqueronte, com a cabeça de João Baptista repousando no seu prato como numa auréola; aqui estão as cavernas que deram refúgio ao bode expiatório, perseguido pelos crimes de Israel, como Jesus o é pelos nossos.

Mais perto, e ainda exactamente a leste, encontra-se o Monte Moriá, pedestal do Templo, com o seu prolongamento para sul limitado pelo vale do Tiropeon e pelo vale de Josafat, local da «Cidade de David».

No horizonte desta faixa de terra imortal encontra-se a aldeia de Siloé, antigo lugar de sepultura dos Judeus, e atrás dela o Monte do Escândalo, onde outrora foram perpetradas as antigas «abominações».

A oeste, altas colinas fecham a paisagem, colinas que conduzem ao que hoje se chama Monte Sião e delimitam o vale curvo de Hinnon, ou Geena.

Tal é o lugar para onde Jesus caminhou ao encontro da sua morte.

Naquele momento, a paisagem era bela e agradável; mas sabemos que em breve uma nuvem escura se espalhou sobre a terra. Durante a Primavera na Palestina, a noite cai muitas vezes assim, subitamente, após horas de radioso sol. Quando sopra o temido vento do deserto, acumulam-se nuvens

fumacentas, agitadas pelas pesadas asas do demónio do Estige assírio, e nas alturas trava-se uma guerra entre o vento do ocidente, húmido e fresco, e o sopro quente do Nedjed. E durante algum tempo reina a escuridão: imagem do que sucedeu, por intervenção da Providência divina, no momento da Grande Morte.

* * *

E aqui está a cruz. É uma trave esquadriada, com um travessão. Tem provavelmente cerca de três metros de altura; Roma gosta de fazer dos seus criminosos condenados um espectáculo, para exemplo público. Jesus alude a isso quando diz: «*E Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a Mim.*»^[4] Aquilo que é destinado à sua infâmia, Ele transforma em instrumento de glória.

O comprimento da trave tinha necessariamente de ser limitado, porque precisava de ser espessa e, ainda assim, o condenado tinha de a transportar. Devia, portanto, haver um limite para o peso. Além disso, certas condições eram impostas pelo equilíbrio e pelo manejo. Era possível apoiar o ombro contra o travessão; mas arrastar a madeira pelo chão atrás de si teria sido impossível.

O madeiro possuía provavelmente uma saliência de madeira a certa altura acima da base; esta, a *antenna*, formava uma espécie de sela e destinava-se a impedir que as mãos e os pés se rasgassem sob o peso do corpo; mas este pormenor não é certo.^[5]

Os pés de Cristo são por vezes representados apoiados sobre um estrado inclinado: trata-se de uma invenção piedosa para a qual não existe qualquer autoridade. Jesus deve ter sido pregado com as pernas suficientemente dobradas para que os seus pés repousassem direitos contra a trave: uma posição horrível, mas precisamente por isso mais provável.

Que espécie de árvore teve o privilégio de fornecer a madeira sobre a qual deveria pender o fruto mais precioso do mundo? Não se sabe ao certo. Muito provavelmente tratava-se de uma árvore conífera. Uma lenda fixa um vale a sudoeste da cidade, pertencente ao mosteiro grego da Santa Cruz,

como o lugar onde a árvore foi cortada; mas tantas lendas infantis florescem nesse local que é difícil levar isto a sério. Na verdade, custa perceber como alguém pode ter certeza neste ponto. Um pretório continha toda uma colecção de cruzes; mas nenhuma delas trazia etiquetas indicando de onde provinham.

A liturgia é melhor inspirada quando abstrai da origem material de uma madeira tão impregnada de significado espiritual:

«Ó cruz fiel, árvore formosa,
Árvore única e divina,
Nenhum bosque sobre a terra nos mostra
Flor e folha iguais às tuas.
Doces os cravos e doce a madeira
Que sustenta tão doce peso.»^[6]

Estas ternas reflexões místicas têm maior encanto do que todas as histórias de Lot plantando uma árvore, ou da rainha de Sabá encontrando a árvore usada para fazer um limiar no templo de Salomão, e fantasias semelhantes.

Quando falamos da cruz como de um pedaço de madeira, não pensamos no seu crescimento nem na sua localização. A sua localização é o universo; o seu crescimento data do «Sexto Dia»; a menos que se prefira dizer que ela existe e cresce no coração do cristão quando este se une ao seu divino Mestre. A cruz é necessária para a salvação do mundo: feliz a terra, feliz a alma disposta a pagar o preço dela!

* * *

Tendo estabelecido o lugar do Calvário e descrito a cruz, permanece ainda a questão: em que direcção estava voltado o Sofredor? Há autores místicos que orientam a cruz para ocidente — isto é, «desorientam-na». A sua ideia é que o olhar que regenera está voltado para nós, tendo Israel e a Antiga Lei sido abandonados. Esta teoria, além de ser apriorística e não isenta de parcialidade, não encontra confirmação na situação do Calvário.

Ao sair pela Porta de Efraim fica-se voltado para o Monte Gareb, de que o Calvário é um pequeno contraforte: voltar o madeiro para ocidente seria

fazê-lo encarar as colinas e escondê-lo do povo. Os ociosos da porta e os demorados da esplanada, os transeuntes que se encontravam em grande número no cruzamento dos caminhos, as multidões agrupadas por toda a parte, os habitantes das tendas erguidas ao ar livre para a festa, todos eles teriam ficado privados da visão; o exemplo público feito da vítima teria sido anulado; a erecção do madeiro e a condução da execução ter-se-iam tornado difíceis; sob todos os aspectos teria sido uma má disposição.

Não, Jesus estava voltado para a porta por onde saíra, por onde vinham os que O insultavam e os ávidos de espectáculo; oferecia-se àqueles que O odiavam e escarneciam; sujeitava-se à conveniência dos seus executores; e, se ainda for preciso acrescentar razões de conveniência simbólica, o Homem novo olhava para as origens, para a extremidade da terra de onde vieram a civilização juntamente com a luz; estava voltado como a abside de uma igreja, tendo diante dos olhos a muralha de um mundo para além do qual já passara, embora não o tivesse abandonado; o seu último olhar saudando o Templo, casa de seu Pai, e o sol nascente.

E assim a cruz é agora erguida no seu devido lugar, voltada na direcção correcta, segundo todas as regras. O solo calcário oferece boa sustentação; a trave mantém-se firme; e agora a inscrição encima o madeiro. Aquele que vai morrer foi despojado das suas vestes, primeiro atado à cruz e depois pregado nela. A sua coroa foi deixada sobre a cabeça, presumivelmente como comentário à inscrição zombeteira, mas na verdade consagrando Jesus como rei dos corações e rei do universo.

Os primeiros espasmos sacodem um corpo já cruelmente dilacerado pela flagelação e por uma noite de tormento; a vítima foi erguida brutalmente sobre o madeiro; o sangue escorre em finos fios das suas mãos e pés, brota da sua fronte e risca o peito e os membros ao longo das marcas dos açoites. A posição cruelmente distendida não permite qualquer movimento; mas a alma permanece livre, e os grandes estremecimentos que atormentam o corpo deixam o espírito na plena posse das suas faculdades.

Resta ainda um pouco desta grande vida por viver, uma vida que, nos estreitos limites da Judeia, abraça o mundo inteiro. Mais um ou dois clamores, e mais algumas palavras de soberano poder. Mais uma lamentação pedindo compaixão à terra e ao céu; à terra, para a recompensar

com misericórdia para connosco; ao céu, para nos conceder as suas bênçãos. E através de tudo isso, aquele olhar que vê para além de todas as coisas, aquele olhar que seguiremos até onde a nossa vista alcançar. Mas ele vai infinitamente para além da nossa visão, porque atravessa o mundo visível e invisível e penetra até à sua origem, até às próprias profundezas de Deus.

Depois de a cruz ter sido erguida, o Calvário permanece por um momento imóvel, paralisado pelo espectáculo da dor suprema. A reacção inevitável afecta até os executores. Mas afecta sobretudo o Sofredor. Depois do terrível embate com que a cruz caiu no buraco rochoso, fazendo estremecer a trave e os membros da vítima, o Crucificado acolhe como uma espécie de alívio a dor surda e contínua que agora se segue e que só mais tarde atingirá o seu paroxismo.

Os ruídos da cidade fazem-se ouvir intermitentemente através deste silêncio furtivo: os gritos dos condutores de burros enchem o vazio deixado pelos blasfemadores agora silenciados; passam camelos com passo majestoso, transportando as suas cargas de regresso a Jafa ou a Damasco. Ao longe, o vento levanta nuvens áridas das colinas de areia; Moab encontra-se envolta numa névoa malva; as figueiras exalam o seu perfume meloso; ao pé da cruz, as flores vermelhas aumentam e multiplicam-se lentamente. A mão da morte, hesitando por um instante, afrouxa o seu aperto impiedoso sobre o peito de Jesus.

CAPÍTULO II

SIÃO

TUDO aquilo que encontra o seu primeiro olhar fala a Jesus da obra de seu Pai e dos começos da sua própria obra. Mas há um lugar, penso eu, um lugar cheio de mistério, que especialmente atrai e prende a sua atenção; pois ele forneceu um ponto de partida ao longo dos séculos.

Ali, para além das muralhas e da esplanada do Templo, entre a actual mesquita El-Aksa e a Geena, encontra-se uma estreita faixa escarpada de terreno chamada Ofel (uma colina ou outeiro). Ocupava uma área de cerca de oito hectares, dos quais quase cinco se estendiam desde o sopé da colina até Gihon, a actual Fonte da Virgem. Ora esta última porção de terra, ou mais exactamente a sua parte principal, que formava uma cidadela, tinha há três mil anos um nome destinado a chegar até aos confins da terra e que, segundo um dos sentidos que lhe estavam associados, haveria de possuir um significado eterno.

Chamava-se Sião.

Sim, a «Cidade de David», como foi chamada depois do feito de Joab, a «metrópole do Rei dos séculos», como mais tarde lhe chamou S. João Crisóstomo, tinha menos de cento e oitenta metros de largura no seu recinto interior. O seu único abastecimento de água era a nascente de Gihon e, para garantir que, em caso de cerco, esta fonte indispensável, situada fora das muralhas, não fosse cortada, tinha sido escavado um *sinnor*, ou canal secreto. Foi por esse caminho que um único homem, seduzido pelas promessas de David, conseguiu conquistar a minúscula fortaleza «inexpugnável».

Por vezes é algo muito pequeno que traz um grande nome. O nome de Sião pertenceu inicialmente apenas a esta pequena cidadela, sendo mais tarde estendido à cidade — se é que se pode dar o nome de cidade a dois hectares de terreno cobertos por um amontoado de cabanas indistinguíveis das encostas sobre as quais estavam erguidas, um conjunto de casebres cinzentos sobre terra cinzenta, um formigueiro sem a glória de um prado.

O leitor não deve admirar-se nem decepcionar-se. A vida naqueles tempos remotos, e nestas regiões ainda hoje, não é aquilo que a nossa civilização ocidental nos leva a imaginar. As pessoas vivem aqui ao ar livre; encontram-se à porta da cidade para tratar dos seus negócios; dispersam-se para o trabalho nas encostas ou no vale; dormem sob as estrelas ou ao abrigo de uma rocha, em cavernas naturais ou até em antigos túmulos. Só de vez em quando entram nas suas casas, a menos que o tempo esteja mau, e então fecham-se nelas.

Acomodação no sentido moderno da palavra só existe para as autoridades sociais e para a divindade. Estas ocupam a cidadela, que é ao mesmo tempo templo e palácio. Em tais condições, pouco espaço é necessário. Quando a natureza é favorável e se presta, como acontece nestas regiões, à conveniência dos seres humanos, considera-se a casa menos como habitação do que como refúgio. O campo está aberto; e assim a cabana, sendo pouco usada, reduz-se ao mínimo. O deserto é vasto; e assim a toca do leão precisa apenas de ser pequena.

Eis, pois, Mestre! Eis a terra onde foi plantada a raiz de Jessé da qual havíeis de brotar. Vede-a agora, humilhada e escondida sob as magníficas construções de Herodes. A história que ali começou não haveria de ter fim; no seu percurso tomaria a vossa cruz para a levar até aos confins da terra, até ao próprio Deus. Fazemos o sinal da cruz em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; a cruz introduz a história do mundo no curso da história de Deus.

Verdadeiramente, aquela pequena colina possui uma grandeza muito própria; como o gesto de David, aquele infantil lançamento da funda perante o qual sucumbiu um gigante. De Sião, um ponto quase sem extensão, devia partir uma vibração destinada a encher todo o espaço e todo o o tempo.

A grandeza não se mede apenas pelas dimensões. O Parténon, o Panteão de Agripa, o Pátio dos Leões, a Sainte-Chapelle ocupam muito pouco espaço. As *Pensées* de Pascal ocupam pouco lugar numa estante. A «Visão de Ezequiel» de Sanzio é uma tela que não mede mais de trinta e cinco centímetros de lado. Sião, desde o momento em que ali é anunciado o Filho do Homem, desde o momento em que a cruz com o seu «doce fardo»

projecta sobre ela a sua sombra, torna-se a cidade do universo e o foco dos corações religiosos de todos os tempos.

Pequena terra maior do que o mundo, tu conténs e nos dás a eternidade!

* * *

De qualquer ponto da cidade de David, dominada pelo Monte Moriá e pelos terraços de Salomão, era possível ver a casa de Yahweh, tal como do sopé de um glaciar alpino se podem ver os altos cumes que o coroam como torres. De Sião, o israelita piedoso costumava dizer: «*Deus está no meio dela*»;^[7] e, assim como a sua conquista pelo filho de Jessé fez com que fosse chamada cidade de David, também a sua conquista por Yahweh lhe deu o nome de Cidade de Deus. Por isso o Salmista exclama jubilosamente: «*Com a alegria de toda a terra se ergue o monte Sião, aos lados do norte, a cidade do grande Rei.*»^[8]

Israel tem consciência de ser o povo de Deus, enriquecido com promessas que compreende mal, que muitas vezes interpreta num sentido material, embora almas escolhidas — e por vezes mesmo entre os mais humildes — percebam o seu significado espiritual.

Esta é a chave da história de Israel, essa história paradoxal de um povo minúsculo que irradia poder sobre toda a raça humana. Até o incrédulo acha difícil escapar ao mistério de Israel. É uma história atravessada por uma corrente dirigida para um fim desconhecido; não sabe para onde vai, mas, enquanto avança, diz-nos para onde tende, sem contudo conhecer o significado daquilo que anuncia. Nesta história, um acontecimento humilde assume um significado moral tão elevado que se torna símbolo eterno; nela o céu e a terra encontram-se incessantemente; o infantil e o cruel que encontramos a cada passo aliam-se ao sublime e ao miraculoso; e, mesmo quando aparentemente mergulha nas profundezas do horror, ela é uma «história sagrada».

Toda a espécie de contradições se encontra nesta sucessão de acontecimentos, porque estas antinomias são inerentes ao princípio humano que Deus utiliza como instrumento e cuja natureza Ele não altera.

Um povo ao mesmo tempo destemido, turbulento, inquieto, violento e fraco; uma nação de idealistas e uma nação de rebeldes; uma nação de comerciantes e sacerdotes, de pequenos agiotas e de heróis; um povo escravizado e régio, rotineiro e ao mesmo tempo pioneiro de novas terras; realista e todavia em busca de um Éden; estreito e universal; mesquinho e contudo protector dos pobres; miserável e todavia sobre-humanamente orgulhoso; profético e ao mesmo tempo matando os profetas; venerando os seus oráculos e contudo assassinando aqueles que os pronunciavam; infiel em nome de uma fé inflexível no seu destino; frequentemente amigo dos seus carrascos e sempre carrasco dos seus amigos: tal é o povo de Israel.

Com uma crença firme e tenaz na sua alta missão, Israel trai-a repetidamente; indomável até ao heroísmo, ninguém pode ser mais servil ou objecto na submissão. Israel é essencialmente um povo conservador; não evolui, diz sempre as mesmas coisas, faz sempre os mesmos gestos; prefere alinhar afirmações contraditórias a perder uma única frase dos seus livros; usa sempre os mesmos ritos, privados e públicos, é guiado pelos mesmos poucos sentimentos. E, contudo, acredita numa idade de ouro futura. Enquanto os outros a vêem apenas no passado, Israel vê também uma idade de ouro no futuro; e essa esperança é a inspiração dos seus feitos heróicos e do seu cântico.

Israel é a guardiã do monoteísmo; contudo, cai constantemente na idolatria e brinca com os próprios cultos dos povos vizinhos que flagelou com as suas profecias, consciente de que a sua salvação nacional e moral depende apenas de Yahweh. Desde o tempo de Salomão, por complacência para com esse monarca sensual, Israel tolerou centros de culto pagão perto do seu lugar de sepultura; o Monte do Escândalo é ainda hoje prova disso. Ali, apesar dos repetidos protestos dos profetas, encontravam-se os jardins sagrados com as suas lajes de oração, as suas árvores rituais, com nichos na rocha destinados a receber as imagens pagãs.

E, no entanto, apesar dos panteístas, politeístas e fetichistas por toda a parte, Israel preservou a sua fé no único Deus verdadeiro. Transmitiu intacta essa fé à posteridade; as suas próprias prevaricações serviram apenas para pôr mais em evidência a missão que tinha de cumprir, apenas suscitaram nos seus porta-vozes declarações mais claras e mais definidas.

Ela promulgou a lei, as promessas e as esperanças. Consciente da aliança, quebrando-a e renovando-a, finalmente infiel, Israel é a mediadora de um pacto eterno que, absorvendo-a no resto da humanidade, está destinado a abraçar o mundo inteiro.

* * *

É um facto notável que toda a história da cruz e das suas consequências esteja escrita nos livros hebraicos. Sião não é apenas o lugar da preparação, mas também o da profecia. Israel prevê e prediz; o seu génio religioso possui um espírito liberto das cadeias do tempo, e o seu Yahweh fala-lhe junto ao ouvido.

Sob a pena dos profetas, salmistas, cronistas, sábios e legisladores, a história deste dia, e do dia eterno que dele resulta, é antecipada e exposta frase após frase, palavra após palavra, sem coerência nem plano aparentes, mas de tal modo que, quando o acontecimento se produz, ao recordar essas memórias e coordená-las, surge uma descrição completa e impressionante que justifica aquelas vozes de há tanto tempo.

A vinda do Messias, as suas características, a sua obra, a sua vida e morte, a sua ressurreição, a sua glória, o seu reino eterno sobre os eleitos, são descritos claramente em algumas frases rápidas. Bastarão alguns textos como ilustração:

«O ceptro não será tirado de Judá, nem o chefe da sua linhagem, até que venha aquele que deve ser enviado; e Ele será a esperança das nações.» (Gen. XLIX, 10.)

«E tu, Belém Efrata, és pequena entre os milhares de Judá; de ti sairá para mim aquele que há-de ser dominador em Israel; e a sua origem vem desde o princípio, desde os dias da eternidade.» (Miq. V, 2.)

«Uma virgem conceberá e dará à luz um filho; e o seu nome será Emanuel (Deus connosco).» (Is. VII, 14.)

«Porque um menino nasceu para nós e um filho nos foi dado, e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será Admirável,

Conselheiro, Deus Forte, Pai do século futuro, Príncipe da Paz.» (Is. IX, 6.)

«Eis que envio o meu anjo e ele preparará o caminho diante da minha face. E imediatamente virá ao seu templo o Senhor que procurais, e o anjo da aliança que desejais. Ei-lo que vem.» (Mal. III, 1.)

«O povo que andava nas trevas viu uma grande luz.» (Is. IX, 2.)

«Então abrir-se-ão os olhos dos cegos e os ouvidos dos surdos serão desimpedidos. Então o coxo saltará como um cervo e a língua dos mudos soltará gritos de alegria.» (Is. XXXV, 5-6.)

«Eis o meu servo: eu o sustentarei. O meu eleito: a minha alma nele se compraz. Pus sobre ele o meu espírito; ele levará o julgamento às nações. Não clamará nem fará acepção de pessoas, nem a sua voz será ouvida nas ruas. Não quebrará a cana rachada nem apagará o pavio que ainda fumeça.» (Is. XIII, 1-3.)

«Exulta de alegria, filha de Sião, solta gritos de júbilo, filha de Jerusalém; eis que o teu rei vem a ti, justo e salvador. Ele é pobre e monta sobre uma jumenta e sobre um jumentinho, filho da jumenta.» (Zac. IX, 9.)

«Pois até o homem da minha paz, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o seu calcanhar.» (Ps. XL, 10.)

«E pesaram como salário meu trinta moedas de prata. E o Senhor disse-me: lança-as ao oleiro, esse belo preço em que fui avaliado por eles. E tomei as trinta moedas de prata e lancei-as na casa do Senhor, ao oleiro.» (Zac. XI, 12-13.)

«Levantando-se falsas testemunhas, perguntaram-me coisas que eu ignorava; pagaram-me o bem com o mal.» (Ps. XXXIV, 11-12.)

«Ofereci o meu corpo aos que me feriam e as minhas faces aos que me arrancavam a barba. Não desviei o meu rosto dos que me ultrajavam e cuspiam em mim.» (Is. I, 6.)

«Deram-me fel por alimento; e na minha sede deram-me vinagre para beber.» (Ps. LXVIII, 22.)

«Todos os que me viam zombavam de mim; falavam com os lábios e meneavam a cabeça: Esperou no Senhor, que Ele o livre; que o salve, se o ama. (...) Derramei-me como água e todos os meus ossos se desconjuntaram (...) Cercou-me um conselho de malignos. Traspassaram as minhas mãos e os meus pés. Contaram todos os meus ossos. E eles olharam e contemplaram-me. Repartiram entre si as minhas vestes e lançaram sortes sobre a minha túnica.» (Ps. XXI, 8-19.)

«Verdadeiramente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e carregou as nossas dores; e nós considerámo-lo como um leproso, ferido por Deus e humilhado. Mas ele foi trespassado pelas nossas iniquidades, esmagado pelos nossos pecados. O castigo que nos traz a paz caiu sobre ele; e pelas suas chagas fomos curados.» (Is. LIII, 4-5.)

«Não deixarás a minha alma no inferno; nem permitirás que o teu santo veja a corrupção. Far-me-ás conhecer os caminhos da vida.» (Ps. xv, 10-11.)

«Senta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés.» (Ps. CIX, 1.)

«Por isso lhe darei uma multidão por herança, e repartirá os despojos dos fortes; porque entregou a sua alma à morte e foi contado entre os malfeitores.» (Is. LIII, 12.)

«Levanta-te, resplandece, Jerusalém, porque chegou a tua luz e a glória do Senhor nasceu sobre ti. Pois eis que as trevas cobrirão a terra e uma névoa os povos; mas sobre ti nascerá o Senhor e a sua glória será vista em ti. E as nações caminharão à tua luz e os reis ao esplendor da tua aurora. Levanta os teus olhos em redor e vê; todos estes se reúnem e vêm a ti.» (Is. IX, 1-4.)

«Eu contemplava, pois, na visão da noite, e eis que vinha sobre as nuvens do céu alguém semelhante a um filho do homem. E chegou até ao Ancião dos dias; e apresentaram-no diante dele. E foi-lhe dado poder, glória e reino; e todos os povos, tribos e línguas o servirão. O seu poder é um

poder eterno que não lhe será tirado; e o seu reino jamais será destruído.» (Dan. VII, 13-14.)

É certo que Jesus pensava nestas coisas enquanto estava suspenso na cruz. O seu grito de angústia: «*Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?*» é a primeira frase de um longo salmo profético de onde foram retiradas várias das passagens acima citadas. Jesus vive destas antigas profecias; proclama-as, comenta-as nas sinagogas, explica-as aos seus discípulos, e em Emaús entrelaça-as todas num único discurso. E, tal como se associa às profecias de que a sua missão é o cumprimento, assim também lança o olhar para os mistérios do futuro. O tempo vindouro aparece-lhe como se fosse presente. Tanto o passado como o futuro vêm ao seu encontro enquanto percorre o seu caminho, porque o seu caminho está fixado na eternidade. Tudo o que Ele tem de fazer e sofrer já está escrito no livro de Deus, e os homens também o escreveram na terra. Mas as consequências que hão-de vir não são menos previstas. Também essas Ele as vê com os videntes; e, por sua vez, profetiza o que está para acontecer.

Isto foi representado pelo artista James Tissot, que retrata Cristo na cruz como elevado numa espécie de êxtase; à sua volta, em círculo, encontram-se os antigos profetas, com pergaminhos nas mãos, e entre eles aqueles dois que tinham aparecido na nuvem do Monte Tabor, discutindo com Ele o acontecimento que em breve se realizaria. Estas testemunhas parecem dizer: «*Eis que o acontecimento coincide com a palavra; o tempo mantém fidelidade ao tempo; a Providência fala e cumpre; Deus vem ao encontro de Deus.*»

E agora Jesus contempla com ternura Sião, esse misterioso elo entre dois mundos, Sião agora tão humilhada e talvez já um pouco abandonada.

Ele vê ali os seus primeiros começos, porque Sião foi o berço da sua raça. No conquistador e soberano daquela pequena terra de símbolos, no vencedor de Golias, no pai doloroso e misericordioso de Absalão, no zeloso promotor do culto divino e sublime porta-voz das almas religiosas de todos os tempos, Ele vê a figura de si mesmo como Rei espiritual eterno.

Nas duas extremidades dessa árvore genealógica cujo fruto é a cruz encontram-se David e Jesus, a figura e o cumprimento, o sacrifício

anunciado e o sacrifício consumado. Aquilo que o jubiloso Salmista anuncia em exultação, Cristo cumpre-o na dor.

CAPÍTULO III

A CASA DE SEU PAI

SE todo o israelita piedoso, ao contemplar Jerusalém, via apenas o Templo, então devemos acreditar que Jesus, tão zeloso como era pela honra de seu Pai e sempre prostrado em adoração diante d'Ele, olhava da sua cruz para a Casa de seu Pai num espírito de ardente veneração, misturado com indizível tristeza.

A sua cruz estava situada a ocidente e o seu rosto voltava-se quase exactamente na mesma direcção do Templo, do qual via assim apenas a parte posterior. Dada a estação do ano e a hora do dia, a sombra da cruz, se prolongada, teria coberto o edifício sagrado e o altar para além dele. Estes impressionantes cálculos podem facilmente verificar-se no local; não são fruto da imaginação; qualquer fantasia a este respeito estaria fora de lugar.

Agora que o altar do universo está erguido e a verdadeira vítima tantas vezes figurada nos sacrifícios do Templo finalmente colocada sobre ele, a sombra estende-se e une-se às antigas figuras. Aquilo que no Templo estivera escondido e cercado de símbolos aparece agora desvelado na cruz; o que fora anunciado no mistério manifesta-se agora ao mundo; o prelúdio extingue-se num silêncio que anuncia o cântico eterno; a fortaleza religiosa de Israel, que ainda ocupa um lugar elevado na história divina do mundo, cede lentamente sob o peso da humilde e irresistível cruz.

Poder-se-ia supor que esta Cidade do Grande Rei, que para Ele se tornou uma cidade de morte e para o universo religioso uma cidade de ruína, desperta agora no seu coração apenas sentimentos de aversão e desprezo. Alguns foram desta opinião. Segundo eles, o sublime Pastor repudia agora o lugar onde o seu rebanho foi primeiro estabelecido, o Novo Testamento repudia o Antigo, que era a sua raiz; Deus na pessoa de Yahweh é renegado por Deus na Pessoa de Cristo. Longe de tais ilusões!

É verdade que o Templo está condenado, a Lei abolida; o Ocidente deve agora substituir o Oriente em grande parte do papel que este desempenhava. Mas poderá Jesus esquecer que este recanto da terra, embora infiel e

culpado até de deicídio, foi durante mais de mil anos «o tabernáculo de Deus no meio dos homens», o paládio da raça humana e um abrigo divinamente instituído para a humanidade na sua marcha em direcção ao destino?

E Ele próprio, o Filho do Homem, nada deve a este lugar de culto para onde tantas vezes se dirigiu desde os seus primeiros anos; onde deu a sua primeira lição aos doze anos; onde cumpriu a Lei até à letra, começando no dia em que sua mãe, obedecendo a essa Lei, o levou até à Porta de Nicanor e o fez subir aqueles quinze degraus circulares para resgatar a sua tenra vida com um par de pombas?

Quantas vezes caminhou sob o pórtico de Salomão, cujas colunas resplandecentes agora vê diante de si, com o pavimento cintilando ao sol do meio-dia! Foi ali que ensinou «com autoridade», abordando grupos, acolhendo perguntas ou refutando os argumentos dos doutores. Ali se sentava por vezes no chão, com os ouvintes à sua volta, à maneira dos Rabis. Ou então ia tomar lugar no Átrio das Mulheres, perto do gazofilácio onde eram feitas as ofertas ao Templo; por ali passavam os membros do Sinédrio a caminho da sala do conselho, seguidos por vezes de algum acusado, como a mulher adúltera que Ele libertou do seu destino.

Jesus rezava com fervor no lugar santo do seu povo. Não definiu Ele o Templo como uma «*casa de oração*»? Não tinha Ele «subido» a todas as grandes festas, para «cumprir os seus votos ao Altíssimo»? Como todos os Judeus, via no Templo uma imagem do céu. Dava-lhe o mesmo nome; quando falava da «*casa de seu Pai*», não se podia saber imediatamente se se referia à sua morada eterna ou à sua habitação temporal e terrena.

O episódio dos vendedores expulsos do Templo, considerado por alguns como um simples gesto de ira, deve-se efectivamente à ira, mas a uma ira amorosa, cuja fonte estava no respeito por seu Pai. Aquele que habitualmente vinha ao Templo como mestre, nesse dia veio como juiz e senhor. Mas por que purificar este recinto e pô-lo em ordem, senão porque o amava?

Não haja dúvidas: Jesus ama este Tabor de pedra onde seu Pai aparecera em glória aos olhos de trinta gerações, tal como Ele próprio aparecera no

monte sagrado.

Estas pedras douradas pelas longas horas de sol, estas placas de cobre tornadas verdes pelas chuvas torrenciais e depois tingidas de castanho-avermelhado pelos calores do Verão, são belas aos olhos de Jesus como o são aos olhos do feliz peregrino que subiu para a Páscoa; o seu esplendor enche-o de tristeza; desejaria cobri-las com um véu de luto, tal como cobrimos a cruz na Sexta-Feira Santa; ama-as e sofre, porque não pode deixar de comparar a majestade orgulhosa de hoje com a humilhação e a ruína de amanhã.

Jesus aceitou toda a organização religiosa do seu povo, antes de a rejeitar por causa da sua impenitência. «*Os escribas e os fariseus sentaram-se na cadeira de Moisés*», disse Ele, «*fazei, pois, e observai tudo o que vos disserem; mas não procedais segundo as suas obras.*»^[9] E acerca do seu governo disse: «*Não penseis que vim destruir a Lei ou os Profetas. Não vim destruir, mas cumprir.*»^[10]

Uma instituição cumpre-se quando se desenvolve, ainda que esse desenvolvimento a leve para além de si mesma. O Judaísmo, no estado em que se encontrava, não podia perdurar precisamente porque era um caminho de aproximação. O seu dever, uma vez vindo Cristo, era abdicar em favor de Cristo, renovar-se segundo as suas palavras e o seu espírito, e entrar assim num caminho novo, mas um caminho em continuidade com o antigo, tal como a larva ou a crisálida está em continuidade com o insecto em que se transforma.

Tal transformação significa morte, se assim quisermos chamar-lhe, mas uma morte gloriosa, uma morte que na realidade é sobrevivência, na qual todas as almas que livremente se submetem, todas as autoridades que aceitam a metamorfose, são coroadas com a glória de uma condição mais alta e mais nobre.

É possível imaginar um Israel que acolhe Cristo com aclamações, os seus chefes abrindo caminho, os seus sacerdotes investidos do novo sacerdócio, o seu Sinédrio tornando-se o Conselho, os seus doutores tornando-se, como Paulo, mestres do Evangelho e apóstolos dos Gentios; e o Templo, em consequência, santificado por uma nova consagração e

assumindo um papel novo e mais amplo, elevado à dignidade da primeira igreja cristã, um Templo agora no sentido mais pleno da palavra; o seu Santo dos Santos, até então vazio com a desolação de uma antecâmara, tornando-se a morada do Santo vivo e eterno de Deus.

Poderemos duvidar de que este fosse o ideal do próprio Jesus, durante aqueles anos em que Ele já concedia a um tabernáculo inconsciente a bênção da sua presença real? Não era já o Templo um lugar santificado, uma vez que Jesus estava presente nele? Bastava-lhe conservar essa consagração, bastava permitir que a presença física de Cristo cedesse lugar à sua presença sacramental, consentir no termo daquela série de desenvolvimentos do verdadeiro culto de Deus, que começara com a pedra ungida por Jacob e culmina nos nossos altares católicos.

E que gloriosa Jerusalém teria então possuído a Cristandade! Ter-lhe-ia faltado aquela nota de pathos que hoje encontramos na Cidade Santa, mas que glória para os seus filhos e que honra para a raça humana! Nenhuma Mesquita de Omar teria então sido entronizada na esplanada de Salomão. Aqueles sagrados pórticos teriam sido cenário de procissões do Santíssimo Sacramento, e onde outrora o fumo dos sacrifícios enegrecia os altares, teríamos visto nuvens de incenso perfumado.

Pois evidentemente, nesse caso, Jerusalém jamais teria sido destruída. A sua queda fora claramente anunciada como sanção da Providência divina. A «galinha» teria recolhido os seus pintainhos sob as asas e tê-los-ia defendido, e nem a águia romana nem qualquer dos abutres que vieram procurar presa no rasto do seu triunfo os teriam jamais arrebatado.

Mas, ai!, como tantas outras autoridades religiosas e políticas, Jerusalém recusou ceder; não soube, com excepção de alguns dos seus filhos destituídos de prestígio social, reconhecer «as coisas que lhe traziam a paz», e caiu vítima do invasor estrangeiro. A sua recusa em desenvolver-se foi a assinatura da sua condenação. O Deus que ali habitara em símbolo dignou-se vir em Pessoa. Mas agora que é rejeitado, esta casa de Deus tornar-se-á verdadeiramente uma casa de desolação, entregue à destruição. Aquele que expulsa Deus está destinado a perecer.

* * *

Enquanto Jesus ali pende moribundo e contempla este Templo, também ele moribundo, não percorrerá Ele em pensamento a sua história passada, como costumam fazer os moribundos? E que longa história é esta que chegará ao fim com a destruição deste célebre Templo, que por três vezes ressurgiu sob formas diferentes para uma nova vida! Houve o Templo de Salomão, cuja construção David sonhara; depois veio o Templo de Zorobabel, erguido após o cativo; e agora, finalmente, existe este templo de Herodes o Grande, construído no momento em que Israel, já cativa de Roma, em breve se tornará escrava de todos. O Templo é o símbolo de Israel em todas as suas fases, de glória e humilhação, de fidelidade e crime.

Quando a antiga cidade de Jebus se tornou a cidade de David, assistiu imediatamente a uma mudança no regime religioso de Israel, que até então gozara de pouca estabilidade. Yahweh contentara-se até então com um santuário portátil, a Tenda sagrada ou «Tabernáculo», também chamada «Tenda da União» (de Yahweh com o seu povo), ou «Tenda do Testemunho», por causa das tábuas da lei que nela repousavam.

Mas agora que Israel estava solidamente estabelecido na sua capital, agora que o próprio rei possuía uma casa de madeira de cedro, não convinha que Yahweh habitasse em Jerusalém como um peregrino. O antigo Tabernáculo devia fixar a sua morada permanente sobre a montanha e, pela sua própria estabilidade, assegurar a estabilidade do povo.

E assim David procurou o «lugar alto» sobre o qual o novo santuário deveria ser erguido; comprou a eira de Ornan, o Jebuseu, e ali levantou imediatamente um altar.

Isto já representava um avanço em relação aos antigos santuários semíticos. Os antigos Semitas contentavam-se com um *Haram*, ou recinto sagrado, cuidadosamente delimitado como propriedade do deus, geralmente rodeado por um muro baixo ou uma sebe, e ali, sem mais, erguiam a sua pedra sagrada. O lugar seria sem dúvida caracterizado por alguma particularidade natural, como terreno elevado, uma nascente ou uma árvore notável; mas não havia nada de arquitectónico nessa instalação. A

construção de um altar foi um passo preliminar para a edificação de um edifício destinado a abrigá-lo.

No tempo em que David preparava a eira de Ornan, o Tabernáculo e o altar dos holocaustos encontravam-se em Gabaon; enquanto a arca da Aliança estava em Jerusalém na sua tenda provisória. Só em 1013 a.C., durante o reinado de Salomão, se cumpriria a profecia de Natã e começaria a construção do primeiro Templo.

Salomão não possuía os meios necessários para construir um grande monumento. Tinha ouro e gado; tinha as suas colheitas e tinha o seu orgulho; mas não possuía materiais de primeira qualidade, nem operários habilidosos, nem a menor noção de arte. Recorreu, portanto, aos Tírios, que possuíam todos os recursos necessários e que, nas suas concepções arquitectónicas, combinavam a arte do Egipto com a da Assíria.

Em sete anos (1013-1006), a casa de Yahweh ficou concluída. Tal como os templos egípcios, os seus elementos essenciais eram um «Vestíbulo» ou pilone; um santuário exterior, o «Santo»; e um santuário interior e mais sagrado, onde ninguém podia entrar senão o sumo sacerdote uma vez por ano: o «Santo dos Santos». Um certo número de câmaras adicionais destinava-se ao serviço do Templo, enquanto o conjunto devia ser rodeado por vários pórticos com colunas, completados apenas muito mais tarde.

Sob o *Haram* de Salomão tinham sido escavadas cisternas para servir as necessidades do pessoal e para uso nos sacrifícios; para as abluções fora colocado um grande tanque de bronze, chamado «Mar de Bronze», à imitação das «piscinas» de Susa; e finalmente o soberano, com a rainha, instalou a sua residência junto do seu Deus.

A obra assim concluída por Salomão era magnífica, embora um dia viesse a ser ultrapassada. Deve notar-se que as medidas do edifício não eram de modo algum arbitrarias: correspondiam àquele simbolismo dos números que, juntamente com o simbolismo das formas e das palavras, era popular entre os Egípcios. As dimensões adoptadas para as várias partes do edifício eram como os elementos de um problema aritmético, ao qual o conjunto fornecia a solução. A elevação lateral baseava-se no triângulo equilátero e a fachada no triângulo rectângulo — segundo Platão, o mais

perfeito e belo de todos os triângulos, representando os seus lados os números 3, 4 e 5.

A decoração consistia em painéis esculpidos revestidos com placas de ouro, segundo o costume babilónico, sendo utilizados revestimentos de madeira de cedro e cipreste em toda a construção, incluindo os pavimentos: havia vasos sagrados quase inteiramente de ouro, mesas para as ofertas, candelabros, querubins alados esculpidos em madeira e revestidos a ouro, e outros ornamentos ricamente decorados.

Este edifício permaneceu sem alterações durante pouco mais de quatro séculos; e o Israelita orgulhava-se dele de uma forma que mal podemos imaginar. Via nele «a alegria de toda a terra», e os piedosos associavam ao orgulho nacional um sentimento de felicidade por verem o seu Deus assim glorificado. Assim, identificavam facilmente o seu amor pelo Templo com a sua devoção ao próprio Deus: *«Quão amáveis são os vossos tabernáculos, Senhor dos exércitos! A minha alma suspira e desfalece pelos átrios do Senhor. O meu coração e a minha carne exultaram no Deus vivo.»*^[11]

Mas no ano 588 a.C. o maravilhoso santuário foi profanado e destruído por Nabucodonosor, rei da Caldeia. Cinquenta e dois anos mais tarde, a libertação de Jerusalém por Ciro permitiu a Zorobabel levantá-lo das ruínas. A sua reconstrução, em escala menor, mas sobre os alicerces originais, levou vinte anos (536-516), e só em 445 a muralha foi reconstruída por Neemias.

Este era o estado do Templo quando Pompeu conquistou Jerusalém e Herodes veio instalar-se na cidade. O usurpador homicida tinha tantos pecados a expiar que procurou por todos os meios conciliar o povo judeu e especialmente a classe sacerdotal. Dedicou quase três anos à recolha dos materiais necessários; escolheu um plano que conservava a disposição original do edifício e até certo ponto reproduzia o seu estilo, embora com predominância da técnica greco-romana.

Quando tudo ficou preparado, Herodes iniciou a obra. Dez mil operários trabalharam na construção, sob a supervisão de mil sacerdotes, pois só estes podiam trabalhar no «Santo» e no «Santo dos Santos». Em dezoito meses o *Naos* ficou concluído e foi dedicado; depois disso, oito anos foram

consagrados à construção dos recintos e dos pórticos, enquanto trabalhos acessórios se prolongaram até ao tempo de Agripa, no ano 64 d.C., isto é, até à véspera da sua destruição total.

O Templo de Herodes, considerado no seu conjunto, encarna uma bela concepção arquitectónica: claustros ou colunatas concêntricas rodeiam a montanha umas acima das outras, culminando no próprio santuário, que ocupa o cimo da rocha.

Visto de longe e sob uma luz favorável, o seu efeito é maravilhoso. O mármore branco das paredes, embelezado com prata e ouro, parece neve resplandecente. A vista desde o Monte das Oliveiras ao nascer do sol é deslumbrante: os telhados dourados, as portas, os ornamentos, a gigantesca videira de ouro puro diante da porta da Basílica cintilam ao sol; e perante tal espectáculo o coração do peregrino israelita enche-se de orgulho, murmurando para consigo as palavras do Salmo: «*De Sião virá o esplendor da beleza de Deus.*»^[12]

Mas é quando o povo sobe em multidão de todas as partes para as grandes festas, comprimindo-se através das portas e enchendo os átrios; quando os sacerdotes desempenham o seu ministério e se apressam de um lado para o outro; quando os doutores mantêm as suas discussões, rodeados por grupos de discípulos habituais ou ocasionais; quando o Sinédrio delibera; quando pelos pórticos são conduzidos bois, ovelhas, cabras e cordeiros para o sacrifício; quando os leprosos vêm para ser purificados e maridos inquietos trazem as suas mulheres para as submeter à prova da «água da amargura»; quando cambistas e vendedores de pombas e bolos fazem o seu ruidoso comércio — é então que esta grande construção se torna intensamente viva, expressão vital de tudo aquilo que representa.

Todo este imenso recinto se enche então do crepitar do fogo, dos gritos dos animais, do ruído de vozes e passos e do toque estridente das trombetas sagradas. O verdadeiro fundamento do Templo não é o *Haram* nem Moriá; não é Jerusalém nem sequer a Palestina; é o mundo judaico inteiro, tanto o que vive na pátria como o disperso no estrangeiro, que encontra neste santuário o seu cume espiritual, a sua cidadela religiosa, cívica, política, económica e intelectual.

Ageu dissera acerca do segundo Templo: «*Grande será a glória desta última casa mais do que a da primeira.*»^[13] Herodes pensou cumprir pessoalmente esta parte da profecia. Mas o profeta acrescentara: «*E neste lugar darei a paz.*» Neste aspecto, a profecia cumpre-se em Jesus, e Ele compra a nossa paz ao preço da sua dor.

* * *

Quais são os pensamentos do nosso Salvador sofredor ao contemplar pela última vez este grande monumento com tudo aquilo que ele simboliza e anuncia? Assunto inesgotável de conjecturas.

Neste Templo ainda sobe no ar o fumo do incenso da adoração, ainda se pode ouvir o eco dos salmos; os ritos que outrora viveram uma vida misteriosa haurida da sua própria vida mal acabaram de morrer — e Jesus repudia-o. Ele acumulou riquezas provenientes de todos os recursos da nação; mas perdeu agora o seu antigo esplendor religioso e tornou-se um palácio vistoso e ostentoso, uma fachada de hipocrisia. A sua brancura de mármore é semelhante à cal espalhada sobre túmulos que escondem no interior ossos em decomposição. Para os fariseus tornou-se um centro de disputas e rivalidades obstinadas; para outros é lugar de comércio e fraude: «*um covil de ladrões.*»

Fora fundado para ser o vestíbulo do verdadeiro templo, tal como a época em que floresceu era o vestíbulo da era cristã. Ao resistir ao seu destino, condena-se a si próprio.

Os acontecimentos já há muito tinham pronunciado a sua sentença. Israel fora advertido. Os profetas tinham frequentemente dito aquilo que um deles proclamou com tanta força e vigor: «*Assim como este vaso do oleiro é quebrado sem poder ser recomposto*», disse Jeremias, quebrando violentamente um vaso de barro diante dos anciãos e dos sacerdotes, «*assim quebrarei esta cidade.*»^[14]

Depois veio João Baptista, nesse crepúsculo entre a profecia e o cumprimento: «*O machado*», disse ele, «*já está posto à raiz da árvore.*»

A advertência final foi dada pelo próprio Jesus. Uma semana antes da catástrofe derradeira, advertiu os seus discípulos. A solenidade dessa advertência confere agora talvez ao seu olhar algo da sua tristeza, mas também, penso eu, algo da sua suave compaixão. Será possível zangarmos-nos, ser duros com alguém condenado à morte?

Foi num daqueles dias de discussões fatigantes, após os quais se retirava para a paz de Betânia, que um dos Doze lhe chamou a atenção para as belezas do Templo. «*Olha*», disse ele, apontando para o maciço edifício diante deles, «*olha, Mestre, que pedras e que construções!*»^[15]

Jesus respondeu: «*Vês todos estes grandes edifícios? Não ficará pedra sobre pedra que não seja derrubada.*»

As palavras caem como um raio sobre os seus ouvintes espantados. Os Doze ficam atónitos; sem uma palavra, o pequeno grupo desce para o Cedron e sobe o Monte das Oliveiras. Quando estão quase a atingir o cume, Jesus pára e volta-se. Manda os discípulos sentarem-se e ali, diante daquela montanha rochosa aparentemente eterna, afasta o véu enganador de glória com que o sol poente adornara a Cidade Santa e tira ao Templo a coroa que o horizonte luminoso lhe colocara:

«*Vede que ninguém vos engane.*»^[16]

Ele anuncia o fim.

A descrição é detalhada e circunstanciada. Os seus ouvintes vêem o próprio drama com tudo o que o precede e acompanha; sinais, acontecimentos e consequências — tudo é predito. E tão terrível é aquilo que profetiza que o faz servir de símbolo de uma catástrofe muito maior e mais decisiva: o fim do mundo.

Quando este último acontecimento ocorrer, ninguém o sabe, nem sequer «*o Filho do Homem*»;^[17] mas a queda de Jerusalém e a destruição do Templo não tardarão: «*Esta geração não passará sem que todas estas coisas se cumpram.*»^[18] Em menos de quarenta anos, aquela espada nua que David vira nas mãos do anjo sobre a eira de Ornan começará a sua obra

mortal, e a sua lâmina giratória destruirá tudo o que possui forma e vida na cidade rebelde.

E mãos judaicas estarão lá para ajudar. Os primeiros ataques ocorrerão durante a guerra civil entre Eleazar, João de Giscala e os Idumeus de Simão.

Os Romanos virão mais tarde; mas então destruirão completamente a cidade. O fogo e a picareta demolirão estes fundamentos aparentemente inabaláveis, e os esforços de Juliano, o Apóstata, para os reconstruir servirão apenas para tornar ainda mais evidente o cumprimento das palavras de Jesus: «*Não ficará pedra sobre pedra.*»

Com que tristeza Jesus deve agora olhar pela última vez para esta cena de animação e prosperidade, para esta cidade movimentada, com os seus nobres pórticos e torres. Ele vê o dia em que a planície e as duas longas colinas sobre as quais a cidade se ergue serão um deserto; em que toda esta beleza resplandecente será um cenário de desolação; em que o que resta de Sião ali atrás da orgulhosa Basílica parecerá uma cidade revolvida, com o solo por cima e a vida escondida por baixo: nada visível senão buracos, cavernas e túmulos — silêncio, cinzas, morte.

«Olhei para a terra, e eis que estava vazia e deserta; e para os céus, e não tinham luz. Olhei para os montes, e eis que tremiam; e todas as colinas estremeciam. Olhei, e eis que não havia homem; e todas as aves do céu tinham desaparecido. Olhei, e eis que o Carmelo era um deserto; e todas as suas cidades estavam destruídas diante do Senhor e diante do furor da sua indignação.»^[19]

Tal como Hai sob Josué, Jerusalém será reduzida a «um montão para sempre».^[20] O vale abaixo do Templo será mais do que nunca «o país da morte».^[21] O próprio Templo será um grande túmulo rodeado por outros túmulos, sempre se espalhando até cobrirem as colinas vizinhas. Um turbilhão de sepulcros, vagas de morte, uma tempestade de cinzas...

Todo o ruído das colunatas se calará; em vez do tumulto movimentado haverá uma paz lúgubre, e ervas daninhas brotarão entre as pedras gastas do pavimento do Santo dos Santos. Sobre a rocha onde agora se ergue o altar

dos holocaustos, levantar-se-á um dia uma mesquita maometana, como numa proibição desdenhosa: *«Israel não adorará onde traiu.»*

Israel será reduzido a lamentar o seu destino junto das ruínas desmoronadas dos muros exteriores; o Muro das Lamentações será a sua consolação, enquanto o estrangeiro zombará desta relíquia degenerada da santa Sião de outrora.

E entretanto o Crucificado, que agora contempla a cidade com os olhos injectados de sangue, que geme de dor, parecendo por vezes sucumbir e deixar a noite descer sobre a sua alma — entretanto o Crucificado tornar-se-á grande; a Árvore plantada sobre este humilde monte terá lançado as suas raízes profundamente no centro da terra; os seus ramos alcançarão os céus, e aquela grandeza de Israel prestes a desaparecer, aquela grandeza material cheia de engano e traição, será substituída por uma grandeza espiritual que levará bênçãos ao universo.

Jesus é a pedra angular de um novo Templo «não feito por mãos humanas». *«A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular»*,^[22] e *«ninguém pode lançar outro fundamento além daquele que já foi posto, que é Cristo Jesus.»*^[23]

CAPÍTULO IV

O CENÁCULO

I

«Jesus, sabendo que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim.»^[24] Este sublime prelúdio é sempre uma introdução apropriada para qualquer consideração dos acontecimentos de Quinta-Feira Santa e daqueles outros acontecimentos que lhes associamos por terem ocorrido no mesmo lugar.

O cenário deste «fim» de amor foi aquilo a que chamamos o Cenáculo, isto é, uma sala superior no Monte Sião, directamente a sul do Calvário e situada à direita de Jesus enquanto Ele pende da cruz, a uma distância de cerca de oitocentos metros.

As mais antigas tradições cristãs fazem dos discípulos os proprietários da casa onde tiveram lugar a instituição da Eucaristia e a descida do Espírito Santo.

Alguns interrogaram-se se, de facto, ambos os acontecimentos ocorreram na mesma casa. Há lugar para dúvida, porque o relato do Evangelho não é explícito nesse ponto. Contudo, basta seguramente que o relato não exclua essa possibilidade para que a aceitemos como facto.

A Páscoa é celebrada por Jesus e pelos seus discípulos numa casa onde se encontram em sua casa. Sempre seguros de boa acolhida, podem recorrer a ela sempre que desejem. E não podiam ter muitas casas assim em Jerusalém. Aquele que «não tem onde reclinar a cabeça» não muda constantemente de morada. E, além disso, a sala que uma vez testemunhou as suas últimas palavras e a instituição mais misteriosa que o mundo jamais viu, possuirá depois para eles um fascínio único.

Jesus deseja que estas duas manifestações produzam uma impressão duradoura, e dificilmente se pode imaginar que Ele quisesse correr o risco

de enfraquecer essa impressão separando os acontecimentos: o banquete de despedida num lugar, o banquete de acção de graças póstuma noutro; a promessa do Espírito num lugar e a sua vinda noutro.

Poderemos talvez acrescentar como razão a ligação religiosa entre os dois acontecimentos. Convém que a instituição da Eucaristia e a descida do Espírito Santo ocorram no mesmo lugar, porque são fundamentalmente a mesma coisa. São dois sacramentos, mas produzem o mesmo efeito; são como duas respirações da mesma atmosfera. A carne e o sangue de Cristo só dão vida ao dar-nos o seu Espírito — *«A carne de nada aproveitada»* — e o Espírito dá vida àqueles que se unem ao corpo de Jesus segundo a sua vontade, nessa unidade mística que é fruto da sua Páscoa.

Também do ponto de vista da Igreja se apresenta uma razão semelhante, dada pela *Didascalia* dos Apóstolos: *«Assim como foi na sala superior que o mistério do Corpo e Sangue de Nosso Senhor foi pela primeira vez celebrado, para depois governar o mundo inteiro, assim também foi aqui que começou a pregação do seu Evangelho, destinada depois a dominar o universo.»*

* * *

Aqui, pois, muito à direita do madeiro, está aquela montanha espiritual sob a qual o mundo levantará o seu acampamento, tal como as tendas de Israel se erguiam sob o céu nos dias do maná. O Cenáculo é verdadeiramente para Jesus a Belém da sua obra, assim como aquela pequena aldeia foi a Belém do seu nascimento; o Cenáculo é a segunda «Casa do Pão».

Ali, na véspera, foi preparado o banquete do universo; dali, dentro de poucos dias, partirá a força do Espírito que põe tudo em movimento. O milagre invisível de Quinta-Feira Santa terá sido o prelúdio das maravilhas visíveis. Mas quem dirá se não será antes a maravilha invisível a mais admirável nos seus efeitos? Não realiza Deus todas as suas obras através do coração humano?

Enquanto sofre, Jesus não precisa preocupar-se com o futuro imediato da sua Igreja. O céu já providenciou para isso; e mesmo agora tudo está a ser preparado. O pão do futuro está pronto; as línguas de fogo brilham obscuramente sob as abóbadas do Cenáculo; o vento apenas retém o seu poderoso sopro; pés aguardam já para correr por toda a terra; corações ardem para incendiar o mundo. Que forças latentes em torno da cruz!

Talvez o aspecto mais impressionante da Paixão seja o entrelaçamento de duas correntes de acontecimentos: uma incidindo sobre o presente e empurrando-o inexoravelmente para o desfecho fatal; a outra preparando o futuro e semeando as sementes da vida eterna no universo das almas.

Enquanto no pátio de Caifás e no Sinédrio os homens discutem como matar Cristo, o próprio Cristo, a poucos passos dali, concebe os meios pelos quais viverá eternamente sobre a terra. No próprio momento em que parece cair na armadilha de Judas, é plenamente senhor do seu destino. Dispõe do modo do seu sacrifício e da comemoração que dele será feita, assim como da parte que cada um dos fiéis tomará nele para sempre.

É como se houvesse dois desígnios independentes; mas, na realidade, um domina o outro, e esse não é o desígnio de Caifás. Há dois planos, mas o plano de Deus não é frustrado pelo plano dos homens, porque os homens são seus instrumentos. Os homens servem o seu propósito, e essa é a razão — diz S. Leão — pela qual Jesus não afasta Judas do Cenáculo. Sob os seus próprios olhos, deixa-o preparar o seu crime infame. Que luz isto lança sobre a transcendência da actividade de Deus e sobre os desígnios da sua Providência!

Alguns perguntaram-se porque Jesus, procurando um lugar onde comer a Páscoa, não se serviu da casa de Lázaro, onde permanecia durante aqueles dias. A razão é que a Páscoa tinha de ser celebrada na cidade. Dos confins da terra os Judeus vinham a Jerusalém para esse fim. Poderiam Jesus e os seus discípulos parecer querer poupar-se ao pequeno esforço necessário para conformar-se ao antigo costume?

Além disso, Jesus queria agora transmitir o seu ensinamento final, fazer o seu último testamento; e não convinha que estivessem presentes estranhos, ainda que fossem estranhos admitidos à mais íntima

familiaridade, como Madalena, Marta e Lázaro. Um dia, enquanto pregava, alguém lhe falara de sua mãe e dos seus irmãos. Ele apontara para os discípulos, dizendo: «*Eis minha mãe e meus irmãos.*» Este sentido dos laços espirituais predominava agora. A instituição do sacrifício e do novo sacerdócio, a promulgação do novo mandamento, a promessa do Espírito Santo que viria fortalecer a Igreja, os derradeiros desabafos do seu coração — tudo isto exigia uma intimidade estrita e que, apesar de toda a sua ternura, se poderia chamar oficial. Neste círculo de privilegiados Ele não admite senão aqueles que escolheu como associados na sua obra, seus amigos em sentido ritual, os pregadores e os bispos do amanhã.

E assim Jesus envia dois dos seus discípulos do Monte das Oliveiras para a cidade. Ali encontrarão um homem transportando um cântaro de água. Possivelmente ele reconhecê-los-á; em qualquer caso, devem segui-lo e, chegando ao alojamento dele, dizer-lhe: «*O Mestre diz: Onde está a sala em que hei-de comer a Páscoa com os meus discípulos?*»

A sala em questão (*κατάλυμα*) é a sala de recepção que em qualquer casa importante está sempre reservada aos hóspedes — o «divã» onde viajantes e visitantes são admitidos. Na frase seguinte Jesus chama-lhe uma «sala superior» (*ἀνάγειον*); em relação às aparições de Cristo ressuscitado e à descida do Espírito Santo no Pentecostes, a sala é designada por outro nome grego (*ὑπερῶον*), que, contudo, possui o mesmo significado.

Trata-se da parte superior da casa, utilizada pela família em grandes ocasiões, mas sempre especialmente reservada aos hóspedes — a «melhor» sala. Habitualmente acede-se a ela pelo exterior, para evitar a necessidade de passar pelas dependências de serviço e pelos quartos do rés-do-chão, sendo muitas vezes precedida por um terraço com amplas aberturas, a menos que dê para um pátio.

A sala superior da ceia pascal era particularmente grande (*μέγα*); mais um argumento a favor da sua identificação com a sala do Pentecostes, na qual Pedro pôde dirigir-se a uma multidão de cento e vinte pessoas.

Estava mobilada e preparada (*ἔτοιμον, ἑστρωμένον*), isto é, provida de tapetes, almofadas e mesas.

Ao dar aos discípulos instruções tão exactas acerca do que devem pedir, Jesus sabe qual será a resposta; conhece a boa vontade do homem em questão e conta com ela. Em qualquer caso, durante a festa entendia-se em Jerusalém que qualquer aposento não ocupado ou não alugado devia ser considerado propriedade comum; o primeiro a chegar podia, sem indiscrição, pedir o seu uso. O visitante devia, naturalmente, trazer as suas próprias provisões; e Jesus faz questão disso, não apenas por delicadeza, mas também provavelmente para garantir que a privacidade que deseja não seja perturbada pela presença de estranhos.

Nos primeiros tempos, o Judeu devia comer a Páscoa de pé, com os rins cingidos, um bastão na mão e sandálias nos pés; e devia comê-la apressadamente, para significar a partida precipitada do Egipto. Mas no tempo de Cristo já não era assim; os intérpretes rabínicos prescrevem a postura habitual, e os participantes exprimem a sua liberdade adoptando a posição reclinada, privilégio dos senhores. Mesmo os escravos, aos quais essa posição é normalmente proibida, podem assumi-la nesse dia, como sinal da liberdade do povo de Israel.

Os convidados comem, portanto, o cordeiro pascal reclinados sobre colchões ou tapetes colocados no chão, apoiando o cotovelo esquerdo numa almofada e deixando livre o braço direito; os alimentos encontram-se dispostos em um ou mais grandes pratos sobre uma mesa baixa, de modo que cada um possa facilmente alcançá-los. A comida não é passada entre os convidados; cada um serve-se a si mesmo ou molha o pão no prato conforme deseja. «*Aquele que mete comigo a mão no prato*», dirá mais tarde Jesus aos discípulos. A rigor, poder-se-ia supor que fossem usados leitos e mesas mais elevadas, como no *triclinium*; mas estes ainda não estavam geralmente difundidos no Oriente.

* * *

Aparentemente Jesus não considerou que a sua intenção de instituir um novo rito naquele dia o dispensasse de celebrar a Páscoa judaica. Foi da Páscoa judaica que os discípulos falaram, e Jesus não os corrigiu; e todos os preparativos, preparativos mencionados pelo próprio Cristo nas instruções dadas aos discípulos, referem-se à festa judaica. Não tem intenção de omitir

a Páscoa, nem tão-pouco de a transformar numa simples aparência vazia; incorpora-a nos seus próprios desígnios e mostra assim o seu verdadeiro significado profético. A cerimónia que tem em vista é como a Porta de Efraim: a entrada e a saída fazem-se em direcções diferentes; os fiéis entram como Judeus e saem como Cristãos.

Jesus reclina-se no lugar de honra, como convém ao Rabi. Os Doze — Judas incluído — dispõem-se em redor da mesa, de ambos os lados d'Ele. João ocupa o segundo lugar de honra, muito perto da direita do Mestre, podendo, com um simples movimento, reclinar a cabeça sobre o peito sagrado. Pedro está junto de João, a quem pode falar em segredo. Judas não está longe do Mestre, pois também ele pode receber de Jesus uma advertência destinada apenas aos seus ouvidos. Estará à esquerda do Mestre, no primeiro lugar de honra entre os discípulos?...

Jesus fala, e as suas primeiras palavras são estas: «*Tenho desejado ardentemente comer convosco esta Páscoa antes de sofrer.*»^[25] São um suspiro de amor do seu coração, ao começar este banquete do qual espera tão grandes frutos. São o acorde preliminar da melodia de um harpista. O coração do Mestre está cheio de vibrações; e basta o choque de um novo acontecimento para o despertar para uma música de ternura.

Normalmente, o peso demasiado grave do seu ensinamento não permitia a Jesus dar livre curso ao amor que lhe enchia o coração. Sentia necessidade, por vezes, até de reagir violentamente contra a inclinação natural dos seus afectos: «*Mulher, que há entre mim e ti?*» «*Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?*» «*Deixai os mortos sepultar os seus mortos.*» «*Vai para trás de mim, Satanás; és para mim motivo de escândalo.*» Mas esta dureza divina é apenas prova de uma entrega total à sua alta missão, e a sua ternura manifesta-se à primeira oportunidade.

Agora está prestes a morrer, e a proximidade do fim, o pensamento de que em breve terá de deixar aqueles que ama, faz brotar os derradeiros desabafos do seu coração amoroso.

«*Tenho desejado ardentemente comer convosco esta Páscoa.*» Para Ele é a última Páscoa; e também para o seu povo é a última Páscoa que será legítima. Amanhã o Judaísmo será uma heresia; hoje ainda é uma profecia.

Jesus desejou ardentemente comer esta Páscoa, esta última Páscoa que está à beira do Reino dos Céus,^[26] a Páscoa da nova era em que o Crucificado reinará. Esta noite e o dia de amanhã serão marcados por cerimónias de luto e de dor; mas abrir-se-ão com uma Missa de alegria.

Mas que alegria tão misturada é esta! Quem, senão um artista divino, pode harmonizar de forma suprema sentimentos tão contraditórios e tão diversos! Em S. Lucas a nota dominante é a do desejo cumprido; mas os outros três evangelistas colocam a tristeza em primeiro plano. A traição está no meio deles, a sombra da cruz escurece a mesa da ceia: como poderão alegrar-se? E, contudo, como não se alegrar quando o amor se entrega totalmente?

Jesus sente que já atravessou os umbrais da morte e está prestes a instituir o memorial da sua passagem: «*Agora já não estou no mundo.*»^[27] Sente que já vive a sua vida eterna, e distribui os seus frutos ao género humano. Está cheio de alegria na sua morte.

A ceia pascal podia começar a qualquer momento após o aparecimento das três primeiras estrelas; muitas vezes começava um pouco mais tarde. Já é, portanto, noite, e o tempo é por isso mais propício às revelações íntimas. Terão escolhido um cordeiro de um ano, sem mancha nem defeito; terá sido oferecido sobre o altar no Templo e cozinhado e servido segundo os ritos dos quais ainda encontramos vestígios na *Michna*.

Enquanto o cordeiro era comido, o chefe da família devia explicar solenemente, em resposta à pergunta da criança mais nova, o significado simbólico dos alimentos colocados diante deles: o cordeiro comemorava a redenção e a salvação de Israel no momento em que o anjo levava a morte a todas as habitações; a mistura de frutos cozidos, com o seu molho avermelhado, significava a argamassa de Pitom e Ramsés durante os dias de duro trabalho no Egipto; as ervas amargas recordavam a angústia desses dias, enquanto os ázimos, ou pão sem fermento, simbolizavam a pressa com que os antepassados tinham fugido da terra.

Jesus pode revestir este ensinamento de um significado novo. Ele sabe bem quem é o Cordeiro da verdadeira Páscoa, de que escravidão e angústia nos há-de libertar, e qual é esta rápida viagem em que os novos Israelitas

devem embarcar: devem passar do mal para o bem, da escravidão espiritual para a liberdade dos filhos, do reino de Satanás para o reino de Deus na terra, e desta terra para o céu. Este será o tema do seu discurso durante a noite.

Depois da explicação do rito, cantava-se uma parte do *Hallêl*, ou «Cântico de Louvor». Tratava-se de uma selecção dos Salmos 112 a 117, as passagens mais vivas acerca do Messias e dos seus sofrimentos, aquelas que indicavam mais claramente a sua obra redentora e as suas figuras na história dos Judeus. O cálice era passado quatro vezes; nos intervalos comia-se, segundo ritos que variavam de Hillel para Schammai; a última parte do *Hallêl*, um hino de triunfante acção de graças a Yahweh, era cantada antes do quarto cálice.

Tudo isto foi sem dúvida observado exactamente; mas o objectivo desta assembleia final era na realidade muito diferente. Os relatos dos evangelhos parecem apressar-se a passar pela descrição da Páscoa judaica; na verdade, apenas S. Lucas distingue claramente as duas etapas da refeição. Os outros mencionam a Páscoa judaica apenas em relação aos preparativos; quando chegam à refeição propriamente dita, passam rapidamente sobre aquilo que estava destinado a perecer, para nos falar mais directamente daquilo que devia permanecer.

Jesus, que deixara a dois delegados a tarefa de preparar a refeição judaica, procede agora aos seus próprios preparativos; e aqui já não se trata da casa, da mesa, das almofadas ou das provisões. Tem de preparar o coração. Desejando deixar um grande exemplo daquilo que sempre apresentara como a suma do seu ensinamento, e interpretar antecipadamente o seu banquete espiritual no sentido daquela unidade que veio estabelecer, levanta-se da mesa; tira o manto; cinge os rins com uma toalha; e, tomando o vaso de água com a bacia preparada para as abluções, ajoelha-se diante de cada um dos presentes e começa a lavar-lhes os pés.

Imaginemos o espanto dos Doze perante este espectáculo. S. João descreve a cena em termos solenes, dos quais o protesto de Simão Pedro é uma espécie de comentário: «*Senhor, Tu lavas-me os pés?... Nunca me lavarás os pés!*» Mas Jesus, «*sabendo que o Pai lhe dera tudo nas mãos, e que saíra de Deus e para Deus voltava*», não se deixa demover da sua

tarefa.^[28] O relato do evangelista confere ao gesto um significado religioso e eterno.

O símbolo do amor mistura-se com o símbolo da pureza, para que aprendamos que onde existe verdadeiro amor, aí também está a assembleia dos santos. Jesus não necessita de purificação, mas humilha-se e ama. Dá exemplo de todas as virtudes. Com este acto afirma que o inimigo do amor é o orgulho, e que o inimigo de todo o bem é a recusa de amar.

A humildade e a caridade são respectivamente o fundamento e a coroa do edifício espiritual que pretende erguer, tanto no indivíduo como no género humano. E a cruz também, que sustenta este edifício, é tão humilhante quanto dolorosa; mas, quando a obra estiver concluída, será gloriosa como instrumento de união e fonte de bem-aventurança. Tudo está ali; tudo está na cruz, porque tudo está na humildade e no amor, e o lava-pés é o arauto da cruz.

Como precisam de ser lavados esses pobres pés com que tocamos a terra! Ainda que a cabeça que pensa, o coração que ama e as mãos que agem possam perseguir fins puros, os nossos pés arrastam-se no pó e sujam-se com a lama do caminho que percorrem. Precisamos do cântaro de água e do toque das mãos do Salvador; precisamos da submissão à graça purificadora se, como Pedro protestando e contudo convertido, quisermos «ter parte» no dom que Jesus traz: *«Se Eu te não lavar, não terás parte comigo.»*

Um momento depois, Jesus mostra-nos que o lava-pés possui ainda outro significado. Fala dos seus apóstolos e da unidade que veio estabelecer entre eles e Ele, uma unidade semelhante àquela que existe entre Ele e seu Pai. Jesus lava os pés dos Doze para os preparar para as suas peregrinações através da terra. A pureza e a humildade são a condição do amor; e o amor é a alma do apostolado. O mundo será conquistado por aqueles que Jesus convenceu de que esta é a verdadeira ordem das coisas, por aqueles que Ele animou com este poder múltiplo.

Poder-se-ia dizer que Ele, o divino Apóstolo, se ajoelha em admiração diante destes outros apóstolos que em breve enviará até aos confins da terra e que em breve se entregarão tão generosa e eficazmente à sua missão:

«Quão belos sobre os montes são os pés daquele que anuncia boas novas e proclama a paz, daquele que anuncia o bem!»^[29] O profeta tinha especialmente Cristo em vista; mas aquilo que Cristo recebeu comunica-o aos seus, e ali se ajoelha humildemente diante do dom vindo do alto.

Retomando o seu manto e voltando a sentar-se à mesa, Jesus explica agora o gesto que realizou; e as suas palavras estão cheias de ensinamentos sublimes.

Durante toda esta noite Jesus derrama o seu coração em expressões de amor, mas também em advertências e, por vezes, em ternas repreensões. Deixa aos discípulos um verdadeiro testamento espiritual, sobretudo um testamento de amor — «um dilúvio de amor», como lhe chama Santo Anselmo — e ao mesmo tempo uma torrente de sublimidade.

Leia-se novamente este discurso relatado por S. João e veja-se como está repleto de palavras admiráveis. Jesus consola os Onze na véspera das tribulações que a partida de Judas anuncia, tanto para eles como para Ele próprio; adverte-os da sua fraqueza e manda-os ter coragem; prediz que o abandonarão, acrescentando com terna solícitude: «*Não se perturbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim.*» Fala-lhes das moradas existentes na casa de seu Pai, para que para elas dirijam os seus passos; vai «preparar-lhes um lugar», e «convém-lhes» que Ele parta, para que o Espírito que ilumina, guia e consola venha sobre eles. «*Não vos deixarei órfãos*»; já sabem que sob uma dupla forma misteriosa Ele virá a eles. Deixa-lhes a sua paz, dá-lhes a sua paz, mas não como o mundo a dá, porque o mundo só oferece uma paz falsa; e, para que esta paz habite em todos, renova o mandamento do amor mútuo, que lhes apresenta como sinal e medida do amor que os homens terão por Ele.

«*Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros; assim como Eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.*»

Insiste no mandamento do amor precisamente no momento em que se prepara para dar a grande prova de amor da qual diz: «*Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos.*»

E agora, no meio deste discurso que, juntamente com o lava-pés, levou os Doze a um grau extremo de emoção, chega um momento da refeição que dá pleno sentido a estes ensinamentos e aos símbolos: é o instante da instituição da Eucaristia.

* * *

Depois de dizer: «*Tenho desejado ardentemente comer convosco esta Páscoa*», Jesus acrescentara: «*Porque vos digo que não tornarei a comê-la até que ela se cumpra no reino de Deus.*»^[30] A Páscoa judaica, que Jesus celebra naquele preciso momento, deve cumprir-se, como o restante da Lei da qual dissera: «*Não vim destruir, mas cumprir.*»

E em que reino de Deus terá lugar este cumprimento? Certamente fora deste mundo, no lugar para onde Jesus se dirige agora e para onde os seus discípulos o seguirão um dia; mas também — tal parece ser o sentido das palavras de S. Lucas — no reino de Deus que Ele estabelece sobre a terra, nesse reino para o qual legisla durante estes últimos discursos.

Há, pois, duas etapas: a Páscoa judaica transforma-se na Páscoa eucarística; a Páscoa eucarística transformar-se-á um dia na Páscoa celeste, e para Jesus, que também comunga na Última Ceia, esta última transformação está prestes a realizar-se.

Para os discípulos, os da Palestina e os de todos os tempos, a nova refeição aparecerá sob a forma de memorial. Jesus consegue torná-la um memorial mais comovente e mais consolador do que qualquer figura poderia ser, porque à comemoração que recorda o passado acrescenta a eficácia da sua própria presença real.

Antes de partir, Ele preenche o vazio que a sua partida deixará; consola o futuro; não nos deixará órfãos; perpetua a sua passagem entre aqueles que sobrevivem; está prestes a fundar a sua morada eterna, e numa humilde refeição comemorativa toda a Realidade do dom divino será o tesouro das almas.

Jesus então, «tomando o pão, deu graças, partiu-o e deu-lho, dizendo: *Isto é o meu corpo, que é dado por vós. Fazei isto em memória de mim. Do mesmo modo, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue, que será derramado por vós.*»^[31]

Duas coisas estão aqui reunidas, e uma pressupõe a outra: há um alimento espiritual, que o próprio Jesus oferece; há um sacrifício perpétuo, que é o próprio sacrifício de Jesus e que nos obtém os seus frutos.

«*As criancinhas pediram pão, e não havia quem lho repartisse.*»^[32] Houve o maná; no Templo havia sempre os pães da proposição; em Caná e nas margens do lago o próprio Jesus dera um alimento milagroso. Mas nada disso era o verdadeiro pão. O verdadeiro pão tinha de ser embebido em sangue, partido com o gesto de um sacrifício amoroso, distribuído na comunhão de um banquete para o mundo inteiro, e isto sobre uma colina que prefigurava o Calvário e que, como o Calvário, deveria durar para sempre.

Jesus toma o pão e «dá graças». Era esta a sua maneira de abençoar; mas tanto aqui como na multiplicação dos pães, a fórmula da bênção é anunciada de forma solene. A bênção é repetida sobre o cálice, e quando S. Paulo fala disto, sublinha a razão evidente desta bênção especial; é porque o cálice da Ceia é verdadeiramente e em sentido estrito um cálice abençoado, mas apenas quando é abençoado com a devida solenidade: «*O cálice de bênção que abençoamos*», diz o Apóstolo.^[33]

Devia haver algo de característico no gesto com que Jesus lhes distribuía este alimento, porque conseguem reconhecê-lo apenas por isso. As criancinhas conhecem bem o gesto com que a mãe lhes dá pão para comer. Basta acrescentar a esta ternura amorosa uma majestade divina para visualizar a acção do próprio Jesus.

Mas é ainda mais verdade, em sentido moral, que Jesus é reconhecido no partir do pão. Só Ele dá o pão que alimenta e fortalece, o pão da doçura e da esperança que produz a vida eterna. Desde a Última Ceia, a mão de Jesus estendeu-se para todos nós para que assim o reconheçamos; o seu pão multiplica-se segundo o nosso número, as nossas necessidades e os nossos

desejos; o seu cálice é um só, em sinal da nossa unidade, mas percorre toda a terra e todo o tempo, tal como no Cenáculo passou em volta da mesa. Naquele dia Jesus preparou verdadeiramente alimento para todos os séculos; no seu reino ninguém pode morrer de fome a não ser que o queira; para sempre, como em Emaús, como nas margens do lago quando Cristo ressuscitado aparece na brancura da manhã, no próprio céu, Jesus pode ser reconhecido no partir do pão.

O pão da Páscoa judaica devia ser partido em pequenos pedaços, para significar o sacrifício. Jesus aparentemente contentou-se em dividi-lo em porções; mas é claro que o partir do pão possui também para Ele o simbolismo do sacrifício, do seu próprio sacrifício, uma vez que se refere ao pão assim partido como sendo o seu corpo que é «dado» ou «entregue», e porque este dom é de facto um dom até à morte.

O vinho que corre como sangue, o vinho que é sangue, é dado da mesma maneira. Jesus também dele bebe, em sinal de perfeita união; prova do seu próprio sacrifício. Vejo-o na cruz derramando alegremente cada gota das suas veias. Não poderemos imaginá-lo como nas antigas imagens, enchendo o cálice que a Igreja lhe apresenta, ou derramando a torrente da vida para que todos os homens dela bebam?

No rito grego, o celebrante perfura a espécie sagrada com uma pequena lança ao pronunciar estas palavras do Evangelho: «*Um dos soldados abriu-lhe o lado com uma lança...*» Quando Jesus, ainda vivo na cruz, viu a lança de Longino mover-se diante d'Ele, não terá pensado naquele generoso cálice no qual havia de derramar as suas últimas gotas de sangue, em sinal de amor sem limites?

No Calvário, Jesus ama para além dos limites da morte; no Cenáculo antecipa a sua hora. Na cruz consoma o seu sacrifício visível e sangrento; no sacramento esconde o sacrifício e esconde-se até a si mesmo. Mas em ambos os casos a morte é fonte de vida. É porque vai morrer que institui primeiro um memorial da sua morte; mas é porque morreu que o memorial da sua morte é a mais poderosa e a mais doce de todas as realidades que dão vida.

«*Fazei isto em memória de mim*», diz Ele. Os apóstolos são assim ordenados sacerdotes e os fiéis feitos participantes perpétuos do altar. A hóstia será elevada como Cristo foi elevado na cruz; será partida como Ele foi quebrantado sob os golpes dos seus atormentadores; será dada ao cristão inocente como o seu corpo foi confiado ao túmulo novo.

Ó Jesus, suspenso na cruz, com que doce amor deveis olhar para esta casa de mistérios! Como brilha intensamente aquela pequena casa de Sião através das trevas que cobrem Moriá e a sua antiga glória! Dessa casa brota um rio de vida; amanhã será um rio de luz; e aproxima-se o momento em que Cenáculo, templo e cruz serão uma só coisa, em que a casa de vosso Pai será a vossa casa, a casa do vosso sacrifício vivificante e da vossa glória resplandecente, a «sala superior» da vossa mesa e do vosso Espírito.

Então o Cenáculo do Monte Sião já não precisará conservar os seus antigos vestígios; o Cenáculo estará em toda a parte; nós próprios, vossos filhos, seremos um cenáculo no qual o partir do pão será espiritualmente renovado; onde a dor implicada nesse partir será aceite em espírito de sacrifício; onde o vosso alimento será assimilado, o vosso Espírito manifestado, assim o esperamos, na glória das boas obras.

Dizei agora, quando quiserdes, *Consummatum est*; porque tudo está pronto para a consumação da justiça e do amor.

II

O passado e o futuro são distintos para Jesus tal como o são em si mesmos; Ele vê-os como diferentes e afastados um do outro, mas essa distância é, de certo modo, espacial, sem impedir que ambos estejam simultaneamente presentes diante do seu olhar. Assim como Deus vê a sucessão do tempo desde as alturas da eternidade, como de um cume imóvel, assim o seu Cristo, associado a Ele na eternidade, vê como Deus e conhece como homem aquilo que o futuro da sua obra reserva.

Por isso, ao olhar para o santo Monte Sião, vê numa só perspectiva o sagrado banquete de ontem juntamente com as graças reservadas para amanhã. Já antes da cruz Jesus estava morto em espírito; em espírito já

ressuscitara antes do túmulo. Com o seu olhar que tudo vê, visita agora as cenas das suas aparições após a morte e do Pentecostes, tal como sem dúvida muitas vezes visitara o Calvário enquanto caminhava em redor da cidade de Jerusalém. Que estremecimento não terá atravessado o Filho do Homem quando, no pleno vigor da vida, saiu pela Porta de Efraim e percorreu o caminho do Gólgota com as suas flores de tonalidade rubra! Podia distinguir o próprio lugar da cruz, pois não estava ela predestinada desde toda a eternidade?

E agora, ao contemplar o Cenáculo, é para o futuro que olha, e o seu coração enche-se de esperança ao prever as obras do Espírito. Está dilacerado por uma dor que quase o esmaga; mas encontra consolação na memória, e a antecipação enche-o de alegria. Os desabafos da Última Ceia são apenas um presságio das efusões aparentemente maiores e públicas que mais tarde conquistarão o mundo para a sua obra. O seu olhar detém-se e profetiza; a cruz é o elo entre duas eras, cuja harmonia é para nós objecto eterno de contemplação.

Imediatamente após a morte do Mestre, os discípulos aterrorizados recuperarão do seu pânico; reunir-se-ão para falar d'Ele e entregar-se à oração. Os discípulos de Emaús, ao regressarem a Jerusalém, encontrarão de novo reunidos «os Onze e os que estavam com eles».^[34] Também as mulheres que foram ao túmulo vazio se dirigem para um grupo constituído pelos Onze e por «todos os restantes», isto é, aqueles que estavam estreitamente ligados aos apóstolos e que, juntamente com eles, formavam o círculo de Maria.

Não há mistério quanto ao lugar onde estão reunidos; dizem-nos para onde os Onze se dirigiram quando regressaram à cidade depois de presenciarem a Ascensão: «*E, tendo entrado, subiram para a sala superior onde moravam [os apóstolos].*»^[35] Estão, portanto, no Cenáculo, «*com as mulheres, Maria mãe de Jesus, e os seus irmãos*» (isto é, os seus primos).^[36]

E agora esta casa, que fora o cenário da despedida na noite de Quinta-Feira Santa, que acolhera o remanescente do grupo quando o túmulo parecia ter posto fim a tudo, vai assistir à sua reunião e tornar-se o lugar da confirmação da fé vacilante dos discípulos.

E entretanto Jesus na cruz está tão longe de ressentir-se da fragilidade destes pobres seres humanos, que está precisamente a preparar os meios para a vencer: mostrar-se-á vivo àqueles que duvidam da sua sobrevivência, glorioso àqueles que o julgam vencido, sempre amoroso para com aqueles que bem poderiam esperar reprovação. E contudo repreendê-los-á; agora, precisamente na véspera da sua missão, não é tempo de ignorar as suas fraquezas.

Não obstante, tranquilizará antecipadamente os seus temores com a sua saudação habitual: «*Sou Eu, não temais, a paz esteja convosco.*»^[37] E depois, vendo que o terror deles ainda não se acalmou, que as dúvidas ainda não cessaram — pois a aparição, surgindo tão subitamente «estando as portas fechadas», podia parecer-lhes um «espírito» — falar-lhes-á assim com doçura: «*Porque estais perturbados e porque surgem pensamentos nos vossos corações? Vede as minhas mãos e os meus pés: sou Eu mesmo. Tocai e vede: um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que Eu tenho.*»

Ainda hesitarão, desta vez por uma alegre surpresa à qual receiam entregar-se para não sofrerem desilusão. Então Ele pedir-lhes-á algo para comer; oferecer-lhe-ão peixe assado e mel; Ele tomá-los-á e partilhá-los-á com eles, como se o banquete eterno que anunciara na Ceia já estivesse a acontecer e eles fossem já os seus convidados.

Além disso, permitirá que um deles esteja ausente deste encontro; um estratagema divino para ajudar a sua fé. Tomé, o incrédulo Tomé, entusiasta mas um tanto obstinado, mostrará cepticismo perante a notícia trazida pelos irmãos: «*Se eu não vir nas suas mãos o sinal dos cravos, e não meter o meu dedo no lugar dos cravos, e a minha mão no seu lado, não acreditarei.*»^[38]

Tomé é o tipo do homem pouco razoável, do homem que não se contenta em receber informações pelos meios ordinários, que rejeita a lei da solidariedade — que rege a transmissão do conhecimento como tudo o mais — e exige provas especiais para si; quer uma disposição providencial em seu benefício particular. Jesus censura-o; mas cede, e quando finalmente lhe prova o seu amor, o discípulo dá livre curso ao seu: «*Meu Senhor e meu Deus!*»^[39]

* * *

Desde esse momento, e como primeira consequência da Ceia, o Cenáculo está destinado a mudar de carácter. De sala de recepção ou sala de jantar, transforma-se em lugar de oração e de expectativa religiosa, capela provisória, até ao momento em que a «Mãe de todas as igrejas» ocupe o seu lugar e consagre um culto solene ao Vencedor da morte.

Maria, as santas mulheres e os discípulos dirigem-se para ali a fim de honrar a memória sagrada e a presença mística. Este lugar é um lugar santo. E enquanto Jesus o contempla da cruz, santifica-o uma vez mais, consagrando como santuário perpétuo esta sala tão abençoada, a casa do novo Pão e a morada do Espírito.

* * *

Jesus dissera: «*Se Eu não for, o Paráclito não virá a vós.*»^[40] A cruz mereceu-nos este hóspede divino. Mal o preço foi pago, mal as almas foram preparadas para o receber, logo Ele vem, este Paráclito, para cumprir a sua missão solene e eterna. É acompanhado por sinais manifestos: um vento impetuoso que sacode toda a casa, um fogo que se divide em línguas flamejantes para repousar sobre cada um dos presentes, uma influência que se manifesta no falar de diversas línguas — símbolos da missão dos discípulos e da obra da Igreja. Mas, se se manifesta exteriormente, é sobretudo no interior que actua; porque o Paráclito reconhece-se acima de tudo no movimento do coração.

O Espírito divino é Espírito de santidade; é Ele quem cria a Igreja «Santa»; não que a torne livre de toda a mancha, ou torne impecáveis os seus membros — ou mesmo os seus chefes — mas coloca nela uma fonte de santidade. Assim como um rio corre velozmente ao meio e dorme preguiçosamente nas margens ou nos remansos, assim sucede com a corrente de santidade na Igreja; e cada um de nós, com a ajuda de Deus, pode escolher o ritmo que quiser. O essencial é chegar a estas águas.

Vinde, homens, pecadores em Adão, sempre expostos por vós mesmos ao perigo do pecado, sempre culpados em algum grau, miseravelmente

fracos — vinde! Aqui vos espera a regeneração, e com ela a força e a protecção.

O Espírito divino é Espírito de organização. Antes de poder criar a Igreja «Santa», deve primeiro criar a Igreja; deve tornar-se a alma deste corpo, estimular as suas funções, estabelecer uma subordinação entre as partes e fazer circular por todo ele um princípio unificador de governo, que os teólogos chamam Ordens. A eleição de Matias no Cenáculo serve de primeiro sinal deste papel do Paráclito, e a hierarquia é a sua manifestação perpétua. A Ordem sacra é uma graça social, um dom colectivo de Deus, do qual procedem muitos outros.

O Espírito divino é também Testemunha. «*Eles darão testemunho de mim*», dissera o Mestre. E quão poderoso é o testemunho que o Espírito de Jesus dá! Dá testemunho pela palavra, pelo martírio, pelo génio e pela virtude; dá testemunho pela vida dos indivíduos e pela vida dos povos; e acrescenta a esse testemunho os milagres que em todas as épocas surgem ao longo do caminho que percorre. Dá testemunho também pela própria estrutura daquilo que oferece, pela harmonia interior que nos manifesta; e não conheço testemunho mais poderoso do que este.

A vida dá testemunho da vida, o ser do ser. Aquilo que é coerente consigo mesmo e harmonioso traz em si a marca de Deus. Ora o Espírito de Cristo é uma vida plena, uma harmonia sem falsa nota, uma lógica que nunca vacila; e a sua simplicidade revela a Arte criadora.

Vede a simplicidade divina do Evangelho e do catecismo, a simplicidade da alma de Cristo e das almas dos santos! Esta simplicidade inefável contém uma sabedoria sobre-humana, e o estilo puro e límpido em que essa sabedoria gosta de correr, como água clara em cristal, revela todas as suas profundidades maravilhosas.

Aqueles que compreendem isto encontram aí uma atracção irresistível. O mistério constrange o espírito; mas a convergência e a coerência dos mistérios são um raio de luz que ilumina o conjunto. Sentimos que aqui está a Verdade, porque aqui está a Unidade, com a qual a verdade é una, e daí nasce a certeza que transforma o mistério em bem-aventurança.

Não existe doutrina humana que unifique e reconcilie todas as manifestações da vida. Só uma vez foi vista a túnica sem costura. Está aqui. O Espírito mostra-no-la, com o seu tecido de raios convergindo numa única luz.

A palavra do Espírito é clara como a voz do oceano durante a noite. É de noite que o mar gigantesco afoga o murmúrio das suas vagas isoladas numa única voz poderosa. Assim sucede com o Espírito. O Espírito é a única explicação, como será a única força, como será a única alegria eterna, porque é paz feliz e radiosa.

Além disso — e precisamente por consequência disso — o Espírito divino será um Espírito de vitória. Soprarà até aos confins da terra, abalando o universo como abalou a pequena casa sobre a colina. É por meio d'Ele que o Homem elevado da terra atrairá tudo a si. Será como um fogo devorador, um fogo cuja luz brilha ao longe, um fogo que continua a lavar, incendiando florestas e montanhas.

«*Eu vim lançar fogo sobre a terra*», disse Jesus, «*e que quero Eu senão que ele se acenda?*»^[41] Para realizar o desejo do seu zelo, basta a Jesus lançar esta chama ao mundo.

A sua obra não será como a de qualquer homem de génio, cuja posteridade é sempre limitada. Que filho dos homens teria ousado dizer: «*Ide, pois, e ensinai todas as nações*»? Não teria a própria geração seguinte desmentido uma pretensão tão audaciosa?

Os maiores nomes da história viveram apenas na memória dos homens; ^[42] a descendência viva dos heróis foi sempre pequena, transitória e geralmente infiel; não possuíam, como Jesus, o poder de comunicar a essa descendência um Espírito vivo.

Aristóteles, Alexandre, Miguel Ângelo, São Luís, viram a sua obra arruinada por sucessores ou pobres imitadores, ou por pretensos discípulos cujo verdadeiro objectivo era adquirir reputação própria à custa da herança recebida. Jesus salva a sua obra e fá-la viver, porque habita nela para sempre. Possui os meios de conservar a sua inspiração inicial; pode dar-lhe

juventude perene, pode fazer dela aquela fonte de água que jorra para a vida eterna, da qual falou à mulher samaritana. E fá-lo pelo seu Espírito.

Graças ao Espírito, a Igreja universal é sempre a Igreja, apesar da diversidade das tendências locais e superficiais; a Igreja realiza o ideal da «permanência do tipo», que pode variar nas espécies vivas. O princípio essencial que a guia é imutável, e permanece assim enquanto a Igreja avança em todas as frentes, como um exército que utiliza todas as armas mas é conduzido por um único plano. O dogma da Igreja, a sua doutrina moral, a sua disciplina, a sua liturgia sacramental, a sua constituição hierárquica são essencialmente hoje aquilo que eram no tempo de S. Paulo — aquilo que eram no Cenáculo.

Houve deserções individuais, muitas; houve até enfermidades colectivas; mas foi sempre uma Igreja viva que esteve doente, ou então um ou outro membro ou função, e a Igreja não foi por isso reduzida ao estado de cadáver. A enfermidade, como a de Lázaro, «*não era para morte*». A Igreja não morre; a Igreja palpita de vida, e os tempos de deserção são precisamente aqueles que estimulam o Espírito a reacções violentas e maravilhosas.

Tempos perturbados são tempos de santidade e heroísmo. Em cada época socialmente deserdada parece haver personalidades poderosas destinadas a concentrar e conservar em reserva a actividade espiritual da comunidade; são o fermento do futuro. E esta é a obra do Espírito, uma chama interior, uma chama viva não diferente daquela que dá vida aos nossos corpos e anima os nossos lares e as nossas cidades.

Finalmente, quando dizemos que o Espírito divino conquista e organiza, pareceria desnecessário dizer que unifica. Mas devemos notar o carácter universal desta unidade. O Espírito transcende todas as diferenças da criação; é o Espírito dos espíritos, o Espírito de todos os seres. Todas as coisas dependem d'Ele, e quando se move devemos esperar um movimento universal.

Até ao Pentecostes o mundo era um caos, ou, na medida em que estava organizado, como na Sinagoga, era-o em virtude da acção antecipada do Espírito; a influência do Cenáculo estendia-se aos séculos passados. Mas é

na sua influência sobre o futuro que o seu maior poder se manifesta. O Espírito polariza o mundo; polariza os séculos; reúne «*num só os filhos de Deus que estavam dispersos*»;^[43] e aqueles que julgam escapar-lhe cumprem de outro modo os seus desígnios e servem os interesses dos eleitos.

O mundo estava sem vida, um cadáver, um Lázaro envolvido nas suas ligaduras, cheirando a corrupção — porque os seus elementos e as suas forças estavam dissipados. O Espírito de Cristo restitui o princípio unificador da vida, e o universo ergue-se de novo vivo.

Esta unidade manifesta-se na linguagem do Cristianismo, que apresenta como una e idêntica em todos os tempos e em todas as terras a doutrina que codifica toda a vida. Apesar da diversidade de acentos que possamos encontrar aqui ou ali, ontem ou hoje, a linguagem do Cristianismo é uma só voz através dos séculos, em todas as civilizações e em todos os povos. Haverá muitas testemunhas, mas um só testemunho. O dom das línguas, que foi concedido à doutrina cristã tal como o foi aos seus primeiros pregadores, é o dom de fazer ouvir em diferentes idiomas espirituais uma linguagem que é una, de expandir a luz branca do céu no prisma da inteligência humana.

É devido ao Espírito que a mensagem de Jesus exprime um outro mundo, e que este outro mundo e o mundo da peregrinação são uma só realidade. O reino de Deus está em toda a parte, e o Espírito é a sua luz. E assim como há uma só luz, assim há uma só orientação, uma só acção, um só desfecho, que é — invisivelmente aqui e claramente no além — a vida eterna.

O Espírito divino é Espírito de eternidade; a água viva que Jesus dá deve regressar ao seu próprio nível; veio do céu, e para o céu volta a elevar-se, para ali permanecer eternamente. O céu é a sua superfície de equilíbrio, e se «*Cristo, tendo ressuscitado, já não morre*», se «*onde Ele está quer [e concede] que nós também estejamos*», a razão é que o seu Espírito sopra entre o Pai e o Verbo; e é no Verbo Encarnado e por Ele que recebemos a vida divina da graça.

A cruz está agora a escorrer sangue, e o Salvador geme de dor; mas o Salvador que geme é como o trabalhador que ofega enquanto executa a sua tarefa. Quando a obra estiver concluída, ver-se-á que os meios e o fim são proporcionados entre si, e que a Testemunha eterna não mentiu.

CAPÍTULO V

O MONTE DAS OLIVEIRAS

O Monte das Oliveiras assume, na visão de Jesus, uma importância proporcional àquela que teve na sua Paixão e na sua vida pública na Judeia. É o frontão do quadro natural que circunda a cruz; e, depois de ter sido o teatro do grande combate, tornar-se-á ponto de partida de uma missão gloriosa.

Getsémani fica ao pé da colina, num nível inferior ao do Calvário. Jesus não o pode ver; o pórtico de Salomão esconde-o da vista, como uma muralha montanhosa esconde um abismo.

O Monte das Oliveiras recebe este nome nos evangelhos; Josefo chama-lhe «Monte do Olival», ou simplesmente «o Olival». É muitas vezes designado Monte Olivete, do latim *olivetum*. A crista desta montanha delimita o horizonte de Jerusalém a oriente; pode ser vista de qualquer ponto da cidade; e, para aqueles que vivem em Jerusalém, exerce uma atracção irresistível, porque, independentemente da sua elevação e importância, em nenhum outro ponto da paisagem se pode apreciar tão vantajosamente a beleza simbólica da sinfonia da luz.

No fim do Outono, logo às quatro horas da manhã, a aurora estende sobre esta montanha o seu véu azul, verde, rosado e dourado; está viva, mas com a beleza tranquila de uma morte feliz; enquanto acima, através das camadas diáfanas de nuvens, brilha uma jóia luminosa, uma chama cintilante como a lança de um arcanjo, com uma luz de suavidade incomparável. É a estrela da manhã, da qual Jesus fez símbolo de si mesmo.

Lemos no Apocalipse: «*Eu sou a raiz e a descendência de David, a brilhante estrela da manhã*»;^[44] e noutro lugar: «*Ao que vencer e guardar as minhas obras até ao fim... dar-lhe-ei a estrela da manhã.*»^[45] O cristão que viveu na Palestina compreende o sentido desta promessa. Entende porque esta estrela brilhante está associada à apoteose mortal do seu Salvador. Nesta mesma manhã, a 14 de Nisan, Jesus viu surgir este símbolo

puro antes da chegada do sol; viu-o desaparecer suavemente, tal como Ele próprio em breve se entregaria confiadamente nos braços do Pai.

Ao entardecer, o Monte das Oliveiras recebe apenas o reflexo do ocaso, mas é então que se mostra mais belo; é um pôr-do-sol que parece aurora, pois possui toda a sua beleza tranquila e pacífica. A crista da montanha destaca-se pálida contra os tons móveis de violeta atravessados por verde e ouro; fios de nuvens cinzento-escuras suspendem-se levemente sobre ela, apenas para desaparecerem na sombra ainda transparente para além. A noite cai imperceptivelmente, mas sempre luminosa, e quando a lua está cheia ninguém consegue descrever a majestade virginal daquele orbe prateado repousando sobre o fundo cintilante de malva.

O Monte das Oliveiras é verdadeiramente, para Jerusalém, a região da luz. E nós amamo-lo porque brilhou para Jesus e lançou um halo sobre os seus dias. Quando saía do Templo pela Porta Dourada, tinha-o diante de si; quando vinha de Betânia pela manhã, via o seu perfil luminoso avermelhar-se, até que servia de eminência de onde podia contemplar as cúpulas cintilantes da cidade.

Esta estrada entre Jerusalém e Betânia conduz a Jericó; corta a montanha em duas partes quase iguais. Há outra estrada que conduz ao Jordão, mais a sul e menos íngreme; e existe ainda uma terceira estrada que segue para norte. É a estrada do meio que mais atrai a nossa atenção, pois Jesus deve tê-la percorrido muitas vezes durante a sua vida pública.

David, seu antepassado, subira esta encosta quando fugia de Absalão, suportando sem vingança os insultos de Semei, que lhe lançava pedras e pó à passagem. O exemplo do perdão da cruz já estava diante dele.

Este caminho ascendente foi o último que Jesus percorreu na terra. É a estrada tomada pelo bom Samaritano, cujo simbolismo n'Ele se encarna. Foi à beira desta estrada que os dois cegos — irmãos nossos — foram curados; e foi no fim desta estrada, em Jericó, que outro dos nossos irmãos, Zaqueu o publicano, desceu alegremente do seu sicómoro para introduzir o perdão e a paz na sua casa pecadora.

No sopé oriental da montanha, as três estradas entram numa região de aspecto desolador: o deserto da Judeia, sulcado e rasgado por vales em todas as direcções, como vagas congeladas no seu levantamento. Aqui a solidão é tão solene e austera como as palavras dos profetas, austera como as palavras de Amós, o pastor que lançou os seus anátemas sobre Técuá, parte desta terra desolada.

É daqui que sopra o vento ardente que resseca a terra da Judeia, assim como o sopro do mal esteriliza a alma. Os antigos Judeus viam neste deserto a região do pecado; a proximidade do Mar Morto evocava-lhes as visitas vingadoras de Deus, e é por isso que todos os anos conduziam para este deserto o bode expiatório carregado com os pecados de Israel. O animal era solenemente amaldiçoado diante do altar, conduzido ao vale do Cedron, onde era precipitado no profundo abismo — sacrifício pelo povo.

Jesus, ao olhar nesta direcção desde a cruz, não pode deixar de reflectir que Ele próprio é este animal amaldiçoado, expulso neste mesmo dia para fora da cidade, excluído do mundo, conduzido para morrer, sofrendo humilde e silenciosamente ser contado entre os bodes.

Nesta região árida e desolada, nesta terra revestida apenas do seu silêncio, da sua luz abrasadora e do seu vento, João Baptista viveu e desempenhou o seu papel de precursor do Messias. Neste deserto abriu o caminho futuro dos povos; obedeceu ao antigo profeta: «*Preparai o caminho do Senhor, endireitai no deserto as veredas do nosso Deus.*»^[46]

Vestido de pele de camelo, material com que os Beduínos fazem as suas tendas, alimentando-se de gafanhotos assados e mel silvestre, João atravessava a terra estranhamente exaltado, movido por um espírito poderoso. Nele o Novo Testamento procurava-se no Antigo, o Antigo esforçava-se pela sua metamorfose; o passado estava cheio de uma grande expectativa e estremecia diante daquilo que o futuro poderia trazer.

Ele era a voz do deserto clamando por águas refrescantes; a voz longínqua chamando por Aquele «que havia de vir»; a voz da justiça estreita e da virtude legal clamando pela abertura da alma e pela penitência purificadora para acolher a chegada do amor.

Tal era João Baptista, e a sua voz enchia a Judeia como em breve a voz de Jesus encheria o mundo.

E não esqueçamos que Jesus quis associar-se a este período de preparação e, de certo modo, ser precursor de si mesmo. Durante quarenta dias, no início da sua vida pública, habitou no deserto, entregando-se à oração e ao jejum, ordenando os seus desígnios divinos, dispondo o futuro, aceitando e adaptando a sua missão e escolhendo aqueles que o deveriam auxiliar — sem outra testemunha além da natureza para esta inauguração do Reino.

Habitava não longe do Jordão, na região hoje conhecida como a dos «Quarenta Dias», entre chacais e pequenas panteras como as que ainda hoje ali se encontram. Os seus vizinhos — pela primeira vez, ao que parece, desde que atingira a idade adulta — eram aqueles seres invisíveis, aquelas legiões de seu Pai que o acompanhariam por onde quer que fosse. Podia enfrentar a solidão, porque trazia o seu universo dentro de si.

Mais perto, e dentro das muralhas da cidade, o olhar agonizante de Jesus distingue outro lugar de grande importância simbólica, ao qual Ele dera a sua consagração. Refiro-me à piscina de Siloé, onde o homem cego de nascença recebeu a sua cura milagrosa. O homem cego de nascença, isto é, o próprio homem, cego por natureza — e Siloé, isto é, o Messias, «Aquele que foi enviado», que começa aqui a sua missão purificadora pela água, para mais tarde a consumir pelo sangue.

Na mesma linha de visão, mas muito distante, está Maqueronte, onde o Precursor foi morto, e o Monte Nebo, que sepultou Moisés com a sua esperança.

Voltando ao Monte das Oliveiras, devemos mencionar também Betfagé, nas suas encostas orientais inferiores. Jesus não a pode ver; mas foi aqui que ainda ontem ordenou que soltassem a jumenta e fossem feitas as preparações para aquele triunfo fugaz, triunfo misturado com as suas lágrimas sobre a cidade, triunfo que foi decisivo apenas no sentido em que decidiu a sua morte.

Este triunfo estava intimamente ligado àquele que alcançara junto do túmulo de Lázaro, e foi precisamente ao libertar Lázaro das suas ligaduras que abriu o seu próprio túmulo.

Ainda hoje os visitantes podem ver o *Lazarion*, ou Túmulo de Lázaro, perto de Betânia, actualmente chamada El-Azarieh — a cidade de Lázaro. Sofreu várias transformações, mas continua bastante impressionante e recorda vivamente o milagre. Ali se pode ver a gruta de onde saiu cambaleante o homem que habitara na grande noite; o sulco da pedra ainda permanece; o lugar onde Jesus se encontrava dificilmente terá mudado; e também se percebe claramente onde estavam as duas irmãs.

Pode-se ver a cena tal como Rembrandt a viu na sua grande aguarela, pintura talvez um pouco teatral no que diz respeito à figura de Jesus, mas não menos impressionante e cheia de mistério.

* * *

Voltando o nosso olhar com Jesus para o Monte das Oliveiras, devemos concentrar-nos em três pontos: ao pé da montanha, Getsémani; nas suas encostas, não longe do cume e voltado para Jerusalém, um lugar onde Jesus costumava deter-se a caminho de Betânia com os seus discípulos, lugar que ainda ecoa discursos sublimes; e no alto, o lugar da Ascensão.

Getsémani significa, quase certamente, «lagar de azeite». Era uma parte cercada da grande plantação de oliveiras que cobria toda a montanha; e, tal como nas vinhas da Judeia existiam lagares para as uvas, também aqui fora instalado um lagar para tratar as azeitonas colhidas. Havia ali abundante sombra; sob as árvores de folhagem prateada podia encontrar-se solidão ou repouso, e durante o bom tempo podia até passar-se a noite ao ar livre.

Era um lugar algo sombrio; situado «nas raízes da montanha», como diz São Jerónimo, erguia-se pouco acima do nível do vale do Cedron; era dominado pelas altas muralhas do Moriá e pelo pináculo do Templo; a Torre Antónia erguia-se ameaçadora à distância, e à esquerda ficava o vale de Josafat com os seus túmulos.

Jesus costumava recolher-se em Getsémani quando necessitava de um retiro seguro; o ambiente sombrio apaziguava-o; ali rezava, afastado de toda a perturbação, rodeado apenas por alguns amigos íntimos que podia manter à distância se assim o desejasse. Era assim na natureza, na solidão, na penumbra sombreada, bem como em seu Pai, que a sua enfermidade humana encontrava refúgio.

Por vezes decidia passar ali a noite; como quando deixava a cidade a uma hora tardia, ou quando permanecia longamente em oração. Então Getsémani tornava-se um dormitório sagrado, e os discípulos tinham o privilégio de assistir ao mistério de Jesus cair na suave inconsciência do sono enquanto continuava a guardar o infinito no seu coração.

Deus dignava-se repousar ali encostado ao tronco de uma árvore, a cabeça apoiada sobre os braços, com os seus discípulos estendidos aqui e além em redor d'Ele — eles, pobres mortais, mergulhados profundamente no nada enquanto Ele mantinha a vigília celeste — e João, sem dúvida, aconchegado junto do seu Mestre, a face apoiada sobre o seu manto.

Mas havia de chegar o dia em que Jesus estaria ali sozinho, incapaz de repousar o seu coração fatigado sobre a alma dos Doze.

Mais acima, e não longe do cume, havia outro lugar familiar. Era apenas um ponto de repouso, mas era possível permanecer ali abrigado, pois existia perto uma gruta. A tradição deu a esta gruta o nome de «Gruta do Ensino». Sabia-se que Jesus ali se detivera uma tarde a caminho de Betânia e, voltando-se para o Templo, predissera a sua ruína; e nessa mesma ocasião descrevera o fim do mundo, concluindo com longas exortações morais.

Quanto ao lugar da Ascensão, não é exactamente determinado na Escritura; São Lucas coloca-o nas proximidades de Betânia;^[47] os Actos dizem: «no monte chamado Oliveiras, que fica perto de Jerusalém, à distância de um sábado».^[48] A crista da montanha, um pouco mais atrás, corresponde aproximadamente a estas indicações, e é aí que procuraremos os vestígios divinos.

* * *

Como dissemos, Jesus contempla todas as coisas num duplo espírito de profecia e de recordação; vê-as do ponto de vista da eternidade. O que é, o que foi e o que será estão igualmente presentes diante d'Ele; e assim como sobre o Cenáculo projecta a visão da Ceia passada e a do Pentecostes futuro, também no Monte das Oliveiras possui o poder de perscrutar um duplo abismo: um abismo de dor e um abismo de céu.

Quando Jesus terminou no Monte Sião a Ceia que era o memorial da sua passagem, e depois de ter explicado longamente aos discípulos o sentido do que fizera, desejando continuar o assunto enquanto caminhavam, disse: «*Levantai-vos, vamos daqui.*»^[49]

O pequeno grupo partiu na direcção de Ofel, atravessando a cidade, então completamente deserta àquela hora; desceram a encosta íngreme em direcção às muralhas, que transpuseram pela Porta das Águas. É possível, mas muito menos provável, que tenham ido por Siloé, passando pela Porta da Fonte. Em qualquer dos casos, ambos os caminhos conduziam ao Cedron, ao vale de Josafat, aos túmulos, e àquele túmulo que é o mais terrível de todos: a agonia do coração.

Eram cerca das dez horas da noite; a lua brilhante do Oriente, agora cheia, inundava a terra com abundante claridade; as rochas reflectiam-na; as pedras dos sepulcros cintilavam; as tochas dos assassinos seriam inúteis, e as suas espadas e bastões ouvir-se-iam nitidamente no silêncio daquela noite.

O peregrino que percorre este mesmo caminho na noite de Quinta-Feira Santa, unido a Jesus, misturado em espírito com os Doze, à mesma hora, sob esta mesma lua de Nisan, certo de que pisa as próprias pegadas do Mestre — pois não toca ele as rochas do estreito caminho? — tal peregrino dificilmente consegue evitar inclinar-se para beijar as pedras desta via pedregosa.

A traição de Absalão fizera outrora deste lugar um lugar maldito, e até hoje o Judeu ou o Maometano atira pedras ao traidor ao passar; mas Jesus também passou por este caminho, e nenhuma maldição pode sobreviver às suas pegadas. Absalão era figura de nós próprios; Jesus apagou os nossos

crimes, e as lágrimas que ali se derramam, sejam as lágrimas de Jesus ou as do penitente, já não têm amargura.

Alguns passos mais acima no vale colocavam-nos sob a grande sombra do pináculo do Templo; mas o caminho estava intensamente iluminado, porque a lua ia alta. À direita seguia a estrada que conduzia a Moab, ao Jordão e ao Mar Morto. Toda esta encosta estava coberta de vinhas bem expostas e em bom estado. Jesus aproveita-as para desenvolver uma das suas metáforas mais impressionantes: «*Eu sou a videira, vós os ramos.*»^[50]

Avançavam lentamente; não tinham muita distância a percorrer e Jesus tinha ainda muito a dizer, sendo provável que se tenham sentado algum tempo à beira do caminho, sobre alguma rocha ou algum túmulo; há muitos assentos naturais neste percurso.

Depois do «túmulo de Absalão» e de outros sepulcros, como gigantescos espectadores que observam o viajante com as suas mandíbulas abertas para a noite, o caminho deixa o vale dos túmulos e conduz às «raízes da montanha». Aqui está Getsémani.

É claro que Jesus não tem intenção, nesta noite, de procurar o seu habitual alojamento em Betânia; ameaçado pelos seus inimigos, não voltará mais ali. A Paixão começou, e o próximo encontro com aqueles amigos queridos será junto da cruz e do túmulo.

Segundo o seu costume, Jesus entra no jardim com os Doze, e ao princípio tudo parece decorrer da maneira habitual, excepto que Jesus, que normalmente gostava de rezar sozinho, desta vez leva consigo Pedro, Tiago e João, os seus preferidos. Ordena aos outros que se sentem sobre a erva e esperem, como se pretendesse regressar em breve junto deles e continuar o discurso, ou então prosseguir com eles o caminho pela montanha acima.

E agora a grande alma que até então mostrara perfeita fortaleza começa finalmente a dar sinais de inquietação. Jesus vê-se confrontado com uma visão horrível. Tão espantosa é a visão que parece ficar atónito diante dela, antes que o horror e o medo o dominem (*ήρξατο έκθαμβείσθαι*). Cambaleia e, como se não pudesse permanecer sozinho perante este pesadelo,

comunica-o aos discípulos, talvez ansioso por lhes explicar esta súbita mudança no seu comportamento.

«*A minha alma está triste até à morte*», diz-lhes. O «Forte» de quem o profeta falara, o «Conselheiro admirável», Aquele que em breve vencerá o sofrimento e a morte, parece agora sucumbir; pede auxílio. «*Ficai aqui*», suplica-lhes, «*e vigiai comigo.*» Muitas vezes falara antes da necessidade de «vigiar», mas nunca dissera «comigo». Aqui não se trata apenas de vigilância; é compaixão aquilo que o Salvador implora.

Começa então aquela agonia sobre-humana cujo mistério não nos foi revelado. No início da sua Paixão, tal como no início da sua vida pública, Jesus entra no deserto. Mas o deserto da sua alma, de onde permite que toda a consolação seja excluída, é mais árido e mais terrível do que o de João Baptista.

Não apenas se ajoelha, mas «cai» de joelhos; prostra-se com o rosto por terra. É-lhe apresentado um cálice que não pode beber. Estremece tão violentamente que as lágrimas correm não só dos seus olhos, mas de todo o seu corpo, trazendo consigo gotas de sangue. Chora com todo o seu ser; chora como um homem poderia sangrar, e aquele sangue e aquelas lágrimas são para Ele o orvalho da sua última noite na terra.

Jesus dissera: «*A minha alma está triste até à morte.*» Mas as palavras são inadequadas; a tristeza de Jesus vai muito além dos limites da morte. A morte atinge apenas o corpo; e há limites para aquilo que o corpo pode suportar. Existem sofrimentos que normalmente fariam rebentar o coração humano; mas Deus pode, se quiser, sustentar o frágil companheiro da alma para que o espírito sofra ainda mais.

A morte deterá agora a sua mão no limiar da agonia; mas para a alma não haverá limite. Cálice após cálice lhe será apresentado, até que a própria cruz venha a surgir como um alívio bem-vindo. Quem penetrará nestas profundezas, e quem descreverá como, depois daquelas lágrimas de sangue que avermelham o chão, uma torrente ainda mais abundante de lágrimas banha aquela alma divina, como uma corrente que flui nas profundezas do mar?

Nunca poderemos compreender esta visão de Jesus, mas podemos adivinhá-la. Em primeiro plano aparece a morte com o seu cortejo de dores e sofrimentos. A cruz ergueu-se subitamente diante d'Ele. É verdade que a cruz era familiar ao seu pensamento e que a aceitara desde o princípio; fala do dia seguinte como da «sua hora», dizendo: «*Foi para isto que Eu vim a esta hora.*»^[51] Mas não sabemos todos nós como um perigo pode, de repente, assumir um horror vivo e intenso depois de o hábito lhe ter esbatido os contornos? Quando a dor absorve tudo e todo o espírito se concentra na sua imagem, então o tormento ultrapassa todos os limites; e assim sucede com o Filho do Homem.

«O meu coração agitou-se dentro de mim, e o terror da morte caiu sobre mim. O temor e o tremor vieram sobre mim, e as trevas cobriram-me.»^[52]

Tanto quanto as palavras conseguem exprimir a agonia de Jesus, estas expressões do Salmista oferecem uma imagem fiel. É flagelado pelos seus pensamentos e crucificado pelo conhecimento daquilo que vai acontecer; as suas visões arrastam-no através do jardim, pela encosta acima até à casa de Anás, à residência de Caifás, à torre Antónia, pelas ruas até à morte e ao túmulo.

Vê tudo; e, por um momento, é dominado por uma obsessão de que não consegue libertar-se. Prostrado com o rosto por terra, os braços estendidos, prova a extrema amargura da desolação.

Alargai um pouco o horizonte e, ainda sem permitir que entre qualquer reflexão consoladora, que vedes? Já não apenas a cruz de Jesus, mas uma multidão de outras cruzes. Assim como no vale de Josafat os túmulos se acumulam uns sobre os outros em filas sem fim pelas encostas circundantes, também neste Calvário interior de Jesus e na paisagem que o rodeia se acumulam cruzes sobre cruzes; comprimem-se, chocam umas com as outras; cruzes de todos os tamanhos, de toda a espécie de madeira; umas direitas, outras curvas, outras ainda caídas no chão, apodrecendo como árvores mortas.

A floresta terrível cobre montanhas, enche os vales; até o oceano está cheio delas, imensa frota transportada sobre soluços e suspiros.

O Filho do Homem veio adoptar o homem, e toma sobre si todos os fardos dos seus filhos; a sua dor não é sua, é a dor do mundo inteiro. Vencerá a nossa dor sofrendo-a, assim como pela morte vencerá a morte. Abraça o nosso sofrimento mais intimamente do que ele nos abraça a nós, e pela sua compaixão extrai dele toda a amargura.

Mas, para que esta compaixão nos aproveite, Jesus deve conquistar outra vitória pelo seu sofrimento. Há algo mais terrível do que a cruz: aquilo que ergueu a cruz. O castigo é um efeito, do qual o pecado é a causa, e — ninguém o pode negar — o homem é pecador.

Não fujamos às palavras, não deixemos que uma complacência fácil nos esconda o veredicto da eternidade. A eternidade é o verdadeiro juiz; a eternidade sabe o que vale o tempo, e condena-o. A humanidade perdeu-se; «*o mundo inteiro jaz sob o poder do maligno*», diz o Apóstolo;^[53] e não admira que o nosso Irmão, que tomou sobre si a nossa dívida, sinta, ao fazer espiritualmente o pagamento, aquele horror que o Salmo exprime em seu nome: «*As dores do inferno cercaram-me.*»^[54]

Tomou sobre si sozinho toda a iniquidade; «*fez-se pecado por nós*»,^[55] e agora já não é Adão quem está diante do tribunal, mas o Homem novo.

Jesus é Aquele que «*perscruta os abismos*»;^[56] e o maior de todos os abismos é o abismo do mal moral. Sente-se esmagado sob o peso do pecado de todos os séculos, como os gigantes da fábula debaixo da sua montanha; o peso esgota-lhe as forças, e será necessário o esforço conjunto de todas as almas fiéis para aliviar este horrível fardo.

Jesus é o médico que cura os nossos males com a sua própria dor; mas a maior de todas as dores é o diagnóstico do pecado do homem. Possui um poder de visão que nos é negado; a nossa enfermidade fecha-nos os olhos ao espectáculo que se oferece ao seu olhar. Jesus vê perversidade e miséria neste mundo que permanecem ocultas à nossa vista.

Se cada um de nós pudesse ver todas as agonias e todas as atrocidades que enchem a terra, quem conseguiria viver? Se pudéssemos ver-nos a nós próprios face a face, quem ousaria mostrar-se? O nosso poder de ilusão

sobre nós mesmos é a nossa protecção; mas o Vidente não possui protecção alguma, enquanto não recorrer ao único Poder que pode vencer o mal.

E agora Jesus volta os olhos para este Poder, procurando consolar-se na consideração dos seus efeitos.

Jesus veio do céu para fazer deste mundo um paraíso. Mas não será tentado a sentir que lançou o paraíso na lama da raça humana? A sua consolação consistiria em pôr a cruz em equilíbrio com toda esta dor e todo este pecado, vendo que a cruz é suficientemente pesada para contrabalançar tudo isso. Mas suponhamos que a própria cruz fosse um fracasso?...

É claro que a cruz nada terá de fracasso; a cruz é a mais poderosa arma da vitória. Mas já dissemos que a visão de Jesus, neste momento, não contém senão aquilo que é dor; e, nestas condições, não aparecerá até a própria vitória, por causa do seu carácter relativo, sob o aspecto de um desastre?

O general que conta apenas as suas baixas, os prisioneiros e o material que perdeu, as posições que não conquistou, as possibilidades que ainda restam ao inimigo, e compara o pequeno resultado obtido com o plano muito mais vasto que concebera, não sente qualquer triunfo. Se se limitar a esses cálculos, perde o fruto da sua vitória; se for muito ambicioso, considerará a própria vitória como um revés. Pois não será um revés ter feito algo que não basta?

A ambição do Salvador é insaciável. Por uma só alma daria todo o seu sangue e todo o seu coração. Mas precisamente por isso, quando uma alma se perde, ainda que seja uma só, sente que, para a salvar, deixaria e esqueceria todas as outras. É o que nos diz a sua parábola: *«Se um homem tiver cem ovelhas e uma delas se extraviar, não deixa ele as noventa e nove nos montes para ir procurar a que se perdeu?»*^[57]

E quantas ovelhas se extraviam, apesar de todo o sangue derramado pelo cajado do pastor! A cruz está plantada na terra como ponto de reunião da raça humana. Quantos se reúnem em torno dela, e quantos se desviam?

Ninguém o sabe, e uma larga margem é deixada à esperança; aqueles que não pertencem ao redil visível talvez tenham encontrado abrigo no invisível; aqueles que estão dispersos no tempo talvez venham a reunir-se na eternidade; o fim dos fins está escondido de todos nós, e constitui problema insolúvel saber se o número dos eleitos é grande ou pequeno. O que é certo é que existe um inferno e que há nele homens — enquanto Jesus é o dispensador do céu.

Além disso, Jesus é o organizador da terra. Tem um plano de vida para as comunidades, para as cidades, para as civilizações, para as gerações futuras. Não que se preocupe com formas exteriores; mas as relações essenciais entre os homens dependem da doutrina moral que ensina e do fim que atribui a toda a ordem humana. Que será deste plano? Que marca deixará a cruz na história? Em que medida os povos cristãos serão melhores ou mais numerosos do que os outros?

Tudo isto é um mistério obscuro. A obra é laboriosa, e os resultados, mesmo quando tangíveis, são tão lentos, tão misturados com reveses e fracassos, que somos tentados a perguntar qual será o desfecho final. Que visão cruel para Aquele que veio «lançar fogo sobre a terra»!

Finalmente, multiplicai estes sofrimentos uns pelos outros, imaginai este corpo banhado em suor de sangue, esta alma presa da fadiga e do pressentimento dos horrores futuros, este coração ferido pela recusa dos seus filhos em amá-lo, esta energia esgotada pela aparente inutilidade do esforço — e depois dizei até onde pode chegar o tormento.

Jesus mergulha a sua alma, com uma espécie de cruel deleite, neste mar amargo de tristeza; não espera qualquer alívio, porque é Ele próprio o seu atormentador. O Evangelho diz-nos mais de uma vez que «se perturbou a si mesmo». Está aliado com todo o universo no ataque contra si mesmo, e a sua alma encontra-se verdadeiramente mergulhada nas trevas.

Não se trata aqui de qualquer fraqueza moral. Jesus quer sofrer, ou antes, aceita humildemente o sofrimento segundo o plano da redenção. Jesus sofrerá toda a espécie de dores e tristezas; e aquilo que os seus inimigos, que só podem atingir o seu corpo, não conseguem infligir-lhe, inflige-o Ele a si mesmo.

* * *

Onde estão os Doze? O grupo principal permaneceu perto da entrada do jardim, e continuará ali quando chegar a multidão que vem prender o seu prisioneiro. Quanto aos outros três, os escolhidos, aqueles a quem Jesus confiara a sua fraqueza, aqueles a quem humildemente pedira consolação, estão «à distância de um tiro de pedra», talvez a quarenta metros; suficientemente perto para ouvirem os gemidos e compreenderem o esgotamento do Mestre sofredor.

E dormem.

Uma única vez na sua vida Jesus pediu auxílio aos homens, e não o recebeu.^[58] Estes três, que associara a todos os momentos importantes da sua vida pública; a quem fizera participantes dos seus segredos; que haviam sido as únicas testemunhas da ressurreição da filha de Jairo e da Transfiguração; a quem acabara de dar tão tocante prova de confiança ao permitir-lhes ver a sua fraqueza humana — estes três abandonam-no.

Não apenas deixam de aliviar a sua dor; nem sequer a compreendem. Todo o drama se desenrola entre Jesus e o céu, e, nos primeiros momentos, entre Jesus e o próprio Jesus, abandonado pelo céu a suportar sozinho o seu tormento. Em vão cai por terra, se levanta de novo à procura de ajuda, e mais uma vez se prostra; em parte alguma encontra repouso, menos ainda entre os homens.

E este abandono faz também parte do cálice que tem de beber. Jesus, maldito por nossa causa, deve carregar sozinho a maldição; o traidor podia velar, mas os amigos dormem. Que resta então a Jesus, visto que os amigos dormem e os inimigos vigiam, senão entregar-se inteiramente nas mãos do Pai?

É o que faz; mas continua perturbado com o pensamento deste sono culpável e, afastando qualquer ideia de auxílio para si mesmo, pensa nos seus filhos. Repreende-os com ternura: «*Nem sequer pudeste vigiar uma hora comigo?*»^[59] Em São Marcos ouvimos a repreensão dirigida directamente a Simão Pedro: «*Simão, dormes?...*»^[60] Chama-lhe Simão,

como nos dias anteriores ao apostolado, quando ainda não era a «Rocha». Pobre Rocha! pobre Simão, sempre presunçoso e sempre fraco!

Este pormenor é mencionado apenas por São Marcos; os outros não nomeiam Pedro como objecto especial da repreensão; mas Pedro nomeia-se a si mesmo através do seu intérprete, e Marcos não tem piedade de Pedro porque Pedro não tem piedade de si próprio.^[61]

Retomando o tom grave de exortação que lhe era habitual, Jesus incita os discípulos à vigilância. Agora é por causa deles, não por causa dele. «*Vigiai e orai para não cairdes em tentação.*» Diz «*em tentação*», como se a tentação fosse uma armadilha na qual poderiam cair inadvertidamente. Recordai-vos que o espírito está pronto, mas a carne é fraca.

Finalmente, depois de os ter deixado duas vezes, quando regressa pela terceira vez parece misturar uma triste ironia à sua repreensão: «*Dormi agora e descansai. Basta; chegou a hora; eis que o Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores*», como se dissesse: «Que belo momento escolheste para dormir, discípulos sem coração! Dormis enquanto o vosso Mestre agoniza! Não estais assim a colaborar com estes pecadores que O vão crucificar?»

É uma repreensão eterna, que os cristãos de todos os tempos merecem quando esquecem a perpétua agonia de Jesus na sua obra e no seu Corpo místico. «*Jesus estará em agonia até ao fim do mundo, e não devemos dormir durante esse tempo.*»

Encontrou o auxílio de que necessitava. Três vezes o Homem das Dores bate à única porta que sempre se abre a um apelo confiante. Reza.

«*Entrando em agonia, orava mais intensamente.*»^[62]

Três vezes, segundo o costume dos judeus nos momentos de crise, recorre à oração. Apela para a ternura de um Pai: «*Abba, Pai! Tu, que és o Pai!*» E acrescenta: «*Tudo te é possível; afasta de mim este cálice.*»^[63] Mas este grito de angústia é modificado por uma condição: «*Se for possível.*»^[64] Se a suposição for falsa, então a sua atitude é de completa submissão: «*Mas não o que eu quero, mas o que Tu queres.*»^[65]

Numa palavra, Jesus põe em prática o *Pai-Nosso*. A sua intenção é ensinar-nos que a oração é um esforço para adaptar a nossa vontade à vontade de Deus, e não para dobrar a vontade de Deus à nossa; e é quando conduz a sua alma a este estado de submissão que encontra a perfeita paz.

«*Levantai-vos, vamos!*» A coragem regressou-lhe; voltou ao seu céu e, afastando agora as enfermidades do tempo, encontra-se em harmonia com os decretos da eternidade.

Mas no seu deserto interior recebeu uma visita; apareceu-lhe um anjo, e este irmão, como Moisés e Elias no Tabor, deve tê-lo lembrado das glórias da cruz. Doravante apresenta uma frente firme a tudo o que o futuro lhe possa trazer.

Que o prendam: oferece as mãos; que o esbofeteiem: oferece as faces; que o condenem e executem: o silêncio e a paciência serão a sua única resposta. Depois de Judas, qualquer um pode torturá-lo no corpo e na alma; está pronto para sofrer toda a injúria, depois de ter sofrido o beijo do traidor.

* * *

Da sua cruz Jesus contempla, com os olhos da alma, o Getsémani e o seu retiro frondoso. Aquele sonho de horror tornou-se agora realidade, realidade que aceita com coragem, e está em paz. Pede-nos que nos encontremos com Ele no Getsémani quando chegar para nós a hora do terror.

Terá querido tornar ainda mais tangível este lugar de encontro, permitindo que algumas testemunhas antigas da sua agonia, algumas dessas árvores — as mais veneráveis do mundo depois da árvore da cruz — sobrevivessem através de tantas gerações? Podemos esperar que assim seja.

Então poderemos dizer para nós mesmos: foi a estas árvores que Jesus confiou a sua angústia divina; talvez tenha sido sob uma destas enormes raízes que jazeu prostrado na sua agonia; estes troncos petrificados eram colunas do templo da sua oração, e estes ramos eram o seu tecto.

Mas, afinal, que importa isso? Se «*a carne de nada serve*», a casca de uma oliveira não pode ser necessária. O espírito encontra aquilo que procura onde quer que decida procurá-lo; o Getsémani está nos nossos corações, e aí podemos encontrar vestígios do seu sangue, aí podemos ver o contorno do seu corpo marcado no pó quente. O essencial é chorar como Jesus chorou.

* * *

Quando deixaram a sala onde Jesus lhes aparecera, Cristo ressuscitado conduziu os discípulos «*até junto de Betânia; e, levantando as mãos, abençoou-os. E aconteceu que, enquanto os abençoava, separou-se deles e foi elevado ao céu.*»^[66]

Tinha dito: «*Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus.*»^[67] Não poderia ter dado a entender mais claramente — coisa que, aliás, já dissera expressamente tantas vezes aos discípulos — que a sua sorte é a nossa, e que o efeito dos seus sofrimentos e o efeito dos nossos é o mesmo.

Que ternura existe nestas palavras, saídas de tais lábios neste momento da sua solene partida, quando se encontra à beira dos mistérios do céu: «*Meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus!*» É verdade, então, que temos um único Pai, nós e Ele! Que somos membros de uma única família divina, e que não usa qualquer figura de estilo quando diz que, ao regressar ao seio do Pai, vai «*preparar-nos um lugar*»!

Existe uma ascensão para cada homem; pelo menos, existe uma preparada para ele. Primeiro será uma ascensão espiritual; depois, no fim dos séculos, será semelhante à de Jesus. «*As primícias dos que morreram*» conduz os seus irmãos no seu séquito; a «*Cabeça*», de cujo corpo somos membros, sobe ao céu, e os seus membros segui-lo-ão.

Guardemo-nos, porém, de compreender as palavras «*céu*», «*ascensão*», «*partida*» num sentido demasiado material. É inútil sonhar fantasias ingénuas, dando assim ocasião ao ridículo; as nossas grandes realidades espirituais nada ganham com isso.

A pequena montanha que Jesus contempla agora é ínfima em proporção ao universo. Quando a deixa, para onde vai? E que dizer do homem nos antípodas, ou do astrónomo aterrado diante da visão das estrelas?

Não, tudo isto é em grande medida figurativo. Jesus sobe realmente diante dos olhos dos discípulos; mas o trajecto da sua elevação não é governado pela linha de prumo; as nuvens não o sustentam por muito tempo, e até o espaço conta pouco neste assunto, porque o céu é sobretudo um estado mais do que um lugar.

Se considerarmos apenas a alma, estará o céu em algum lugar? E se considerarmos o corpo, ou a alma na sua união com o corpo, não será o céu, no qual reinamos com Deus, idêntico aos reinos de Deus?

Fisicamente falando, portanto, o céu seria o universo, enquanto espiritualmente o céu é o próprio Deus e o estado da alma que no-Lo comunica.

Com Deus, o céu vivo, somos postos em harmonia pelo pensamento e pelo amor; com o outro céu, com toda a criação, podemos harmonizar-nos mediante os novos dons e as novas propriedades que o Jesus ressuscitado já manifestou.

A vida eterna torna o corpo, assim como a alma, semelhante ao puro espírito; o «*corpo espiritual*» de que fala São Paulo é prova disso.

Deixemos de lado estes sonhos materiais, mesmo sob essa forma eterealizada em que podem ter para nós algum interesse acessório. «*Toda a beleza do Senhor*», diz a liturgia, «*é mais elevada do que as estrelas, e a sua majestade está para além das nuvens do céu.*»

Jesus sobe para onde estava antes, e leva-nos consigo no seu séquito.

«*A direita do Pai*», isto é, a admissão ao seio da Trindade, a vida íntima com a Divindade — tal é o destino do primeiro dos homens; tal é o destino de toda a raça humana.

CAPÍTULO VI

OS TRANSEUNTES

Uma paisagem não consiste apenas em objectos inanimados; os lugares, as habitações, os palácios, os templos têm ocupantes vivos; a vida circula dentro deles.

Quando, da Árvore da redenção, Jesus lança o olhar sobre o que o rodeia e recebe no espírito a impressão dessas coisas, o quadro interior que daí resulta representa pessoas que, quer como categorias quer como indivíduos, têm importância para nós.

Antes de o pregarem na cruz, o Homem das Dores foi Ele próprio um transeunte, Alguém que passou do Pretório ao Gólgota exibindo o seu sofrimento; e, se queremos compreender os seus pensamentos, devemos segui-lo ao longo desse caminho.

Há três caminhos pelos quais Jesus pode ter ido da torre Antónia; mas, do nosso ponto de vista actual, importa pouco qual deles tomou; os três são ásperos e atravancados; qualquer um deles poderia ser percorrido em pouco mais de meia hora a passo normal, embora os obstáculos tornassem a caminhada muito mais lenta.

É preciso lembrar que estamos numa cidade oriental, na véspera de uma festa, com pessoas chegando para a ocasião às dezenas de milhares. As ruas estão cheias, e em certos pontos e em certos momentos quase intransitáveis. Então a procissão é obrigada a parar, até que o centurião montado que vai à frente consiga abrir caminho, com a ponta da lança, por entre os animais e a multidão que entope a passagem.

No Oriente, evidentemente, reina uma fraternidade completa entre homens, mulheres, crianças, burros e camelos; cavaleiros acotovelam peões; pessoas carregadas com fardos pesados e simples transeuntes repartem como podem o estreito espaço disponível. Não há polícia no sentido em que nós entendemos essa palavra, e os gritos, os empurrões e a paciência são os únicos instrumentos da ordem.

Este movimento incessante, sempre motivo de espanto para o moderno ocidental, é-nos descrito na carta de Aristeu, um judeu alexandrino que escreveu poucos anos antes de Cristo. Fala das ruas em socalcos que, em Jerusalém como em Jafa ou em qualquer outra cidade movimentada, se assemelham ao leito de rios torrenciais, invadidos por multidões ora agitadas, ora indolentes.

Faz uma observação que, em vista da Páscoa, é para nós bastante significativa; há, diz ele, certos transeuntes que se empurram uns aos outros, mas há outros que se mantêm afastados para evitar contactos contaminadores. Esta preocupação da sua parte tem por efeito concentrar a população e tornar a confusão ainda pior.

Acrescentai a isto que os vendedores ambulantes, exercendo o seu ofício sem qualquer restrição, ocupam uma considerável largura da via. As ruas fervilham de aguadeiros transportando os seus odres de pele de cabra; vendedores de guloseimas curiosas, muito apreciadas pelos aldeões pouco habituados a tais luxos; homens que vendem frutos frescos ou secos e amêndoas açucaradas, oferecendo as mercadorias em grandes tabuleiros ou em pequenos carros de rodas; vendedores de limonada equilibrando os seus altos recipientes coroados de copos; mercadores de toda a espécie, procurando explorar a afluência dos visitantes e assegurar para si mesmos meses de vida frugal à custa da sua ganância momentânea.

No dia seguinte será o grande sábado, e a festa começa nessa mesma noite ao pôr do sol. Aqueles que têm mercadorias para entregar andam apressados; os organizadores da festa, os funcionários do Templo, prevendo uma enorme multidão, fazem planos e tomam medidas para lhe fazer frente; fornecedores de pombas, ovelhas, cabras e bois destinados aos sacrifícios conduzem os seus rebanhos para o recinto sagrado. Os visitantes continuam chegando sem cessar, carregados com tudo o que é necessário para acampar, e também eles trazem animais consigo.

O peão vê as pernas enredadas em rebanhos inteiros, e os próprios rebanhos não estão menos confusos do que ele. O progresso torna-se ainda mais difícil por causa do piso irregular das ruas, dos degraus inclinados, das pequenas pedras aguçadas e pontiagudas do pavimento. Apenas algumas partes da cidade estão calcetadas com aqueles belos blocos vermelhos que

se encontram nas cidades romanas, blocos que em breve seriam utilizados para altares.

Jesus passa, e nós vemo-lo avançar por estas ruas estreitas, ora ao ar livre, ora sob arcadas, caminhando com enorme dificuldade, esmagado sob a cruz e os sofrimentos recentes, tropeçando a cada instante nalgum degrau que não viu, ou embatendo contra uma parede quando a procissão é empurrada para o lado. A cruz abana-se, e o choque faz estremecer todo o seu corpo, aprofundando a ferida do ombro.

Ou então é um corredor que colide com Ele, uma albarda ou um saco que o atinge, ou uma dessas enormes cargas oscilantes que as longas filas de camelos equilibram enquanto avançam gravemente.

Jesus está exausto, mas os soldados não se preocupam em abrir-lhe caminho. Estes homens estão de mau humor; fazem serviço extraordinário, e tudo por causa das dificuldades que estes judeus turbulentos estão sempre a provocar. Os romanos não têm paciência para estas querelas locais — é assim que as vêem! — sobretudo quando têm de sofrer por causa delas; e os soldados têm sempre de sofrer com as desordens, quer para as prevenir quer para as reprimir.

É possível que este mau humor tenha contribuído muito para a brutalidade dos guardas na Antónia. A sua fúria continua ao longo do caminho para o Calvário e persiste no lugar da execução.

Ó meu Jesus, de quão pequenas coisas dependem os vossos sofrimentos! Será que a impaciência de um mercenário deve significar para vós um tormento suplementar, e haveis de pagar com o vosso sangue porque uma bebida ou um jogo de dados foi atrasado?

Não, sabemos que Jesus não depende de nada nem de ninguém. Todas estas trivialidades fazem parte de um plano divino, e este plano, decretado pelo próprio Deus, é executado com obediência livre e voluntária, sob a única inspiração do amor.

Jesus avança através de multidões cada vez mais densas à medida que prossegue; sabe-se que vai ser executado, e espectáculos destes excitam os

apetites mais baixos. A multidão que há pouco clamava pela sentença não pode ficar indiferente ao espectáculo da sua execução; os curiosos, informados da notícia, acorrem para ver; os transeuntes param no caminho; grupos juntam-se ao longo das paredes, e cada lanço de escadas tem os seus espectadores.

Às janelas das casas ricas — pois só estas as possuem — levantam-se os estores de esteira e aparecem cabeças, ou então olhos brilhantes espreitam invisíveis através das grades de madeira. Às portas abertas, velhas mulheres põem o nariz de fora, aventurando-se até alguns passos na rua; velhos, agachados junto aos umbrais com os cotovelos nos joelhos, erguem-se para ver; miúdos retorcem-se e serpenteiam por entre a multidão.

E se surgir uma curva no caminho, o que acontecerá com toda esta massa humana ondulando de um lado para o outro? E se de uma rua lateral avançar uma nova onda de gente quando o Mestre passa, ou se algum rebanho ou cavalgada precipitar a procissão em desordem?

Ah! então outro estremecimento atravessará aquele corpo já despedaçado, destinado a tormentos ainda mais horríveis; dos seus lábios escapará um gemido; e se o choque for demasiado forte, se o seu pé encontrar uma pedra desigual, isso significará uma terrível queda.

Sabemos que houve quedas. A piedade cristã não se enganou, e se se deteve em três, foi talvez mais por amor do simbolismo do que por fidelidade literal aos factos.

Quantas vezes Ele tem de se encolher na entrada de alguma porta ou no vão de alguma arcada! Procura tornar-se o mais pequeno possível, apagando-se tanto quanto o cruel fardo lho permite. Evita os obstáculos que pode, sofrendo os restantes com uma paciência inefável. Verdadeiramente pode dizer: «*Eu sou um verme e não um homem*»; sob a cruz rasteja por aquelas vielas estreitas e apinhadas, ora cegado pelo sol, ora tacteando na escuridão, como uma formiga num formigueiro ridículo mas implacável.

Ó meu Deus, como tudo isto é mesquinho, vulgar e cruel! Que será mais revoltante para um coração delicado: a crueldade ou a humilhação inglória desta caminhada?

Começa-se a desejar que o nosso Salvador passe despercebido, para que possa ter algum repouso; ou então, se deve sofrer, que ao menos seja o herói de algum drama digno da sua majestade. Vedes o Rei das Dores empurrado de um lado para o outro no tumulto confuso desta festa judaica, no meio de toda esta algazarra; animais empurrando a sua cruz e fazendo-o cambalear enquanto prossegue o doloroso caminho; os odores rançosos dos bazares do Oriente servindo de incenso ao sacrifício eterno?

Compreendeis que o cenário deste acontecimento é uma rede de ruas estreitas e minúsculas? Vedes os seus desequilíbrios e tropeções desajeitados enquanto avança para uma morte cujos efeitos são divinos?

Mas devemos afastar estes escrúpulos, que têm o sabor de uma grandeza vã. A grandeza deste doloroso caminho mede-se pela grandeza moral, pela misericórdia celeste, pelo amor generoso que se manifestam enquanto Ele passa. Aqui nada existe da magnificência de um cortejo real.

E é melhor assim. Não haverá algo de impressionante no contraste entre estas vielas de morte e a grandeza de um acto cujo fruto é a salvação do mundo? Quem poderia preparar na terra um cenário à altura da redenção? A eternidade e a imensidão nada possuem aqui que as possa simbolizar.

É melhor que a nossa imaginação seja abalada para as realidades mais profundas do pensamento. Um falso esplendor poderia enganar-nos; este contraste gritante reconduz-nos à verdade. Precisamente porque é tão vulgar, a nossa fé compreende que é imenso; e louvamos Deus por ter feito este desvio tão útil.

Um acontecimento sem ostentação, sem outra coroa senão uma coroa de espinhos, uma pequena maldade que é um crime eterno: tal é a Paixão.

Não será deslocado recordar aqui as reflexões de Pascal acerca das três ordens de grandeza: a material, ou grandeza da *carne*; a intelectual, ou grandeza do *espírito*; e a sobrenatural, ou grandeza da *caridade*.

«É absurdo», escreve ele, «escandalizar-se com a humildade de Jesus Cristo, como se essa humildade fosse da mesma ordem da grandeza que Ele veio destruir... Não deu ao mundo invenções, não reinou como rei;

[poderíamos acrescentar: não foi teatral nos seus sofrimentos] mas foi humilde, paciente, santo, santo para Deus, terrível para os demónios e sem pecado. Verdadeiramente, aos olhos do coração que vê a verdadeira sabedoria, Ele veio com grande pompa e majestade.»

O que Jesus é durante toda a sua vida, também o é na sua Paixão; a grandeza do seu sacrifício não é espacial, não é política, não é estética; é moral. Na ordem moral é grande em todos os sentidos, descendo até às raízes do bem e do mal, elevando-se às alturas do mérito infinito, com uma eficácia universal que ultrapassa todos os limites. O caminho da Cruz pode ser estreito, mas a sua via situa-se no reino do invisível; o seu Calvário pode ser pequeno, mas os seus efeitos alcançam o universo.

* * *

A multidão que o rodeia deve ser dividida em grupos; e nela encontraremos tipos de sentimentos pelos quais podemos avaliar os nossos próprios.

Há amigos, secretos ou declarados; há simpatizantes, talvez muitos, mas mais reservados e silenciosos do que os outros; há indiferentes, curiosos, escarnecedores; e finalmente há inimigos, oficiais ou não, no meio da turba tumultuosa.

Os amigos, que mais tarde se reunirão ao pé da cruz, já o seguem; são os primeiros dos fiéis a fazer as estações da via-sacra. O Evangelho menciona um destes grupos de amigos, não o mais tocante — porque o objectivo principal do Evangelho é instruir — mas aquele que oferece a Jesus a sua última ocasião para uma exortação moral.

Não podem faltar simpatizantes, pois muitos não foram afectados pela propaganda dos fariseus, ou perceberam o ódio que a inspirava. Sem examinarem mais profundamente a causa de Jesus, dizem para si mesmos que está a ser cometida uma injustiça, e compadecem-se da vítima.

Estranhos que vêm subitamente diante de si um homem coberto de sangue e maltratado por uma multidão de brutos, notando n'Ele sinais de

dignidade e de mansidão, devem certamente sentir-se movidos à compaixão.

O homem é cruel, mas os sentimentos de piedade permanecem latentes nele, e nunca demora muito sem os sentir; quer resista a paixões contrárias, quer nem sequer as experimente, sente-se tocado — torna-se um amigo ocasional.

Quanto aos «*indiferentes*», é outra questão. A maior parte daqueles que conseguem permanecer indiferentes perante um drama tão pungente usam a sua indiferença apenas como máscara.

São inimigos em potência, ou mesmo já inimigos em parte, a não ser que o egoísmo seja tão grande que absorva todos os seus pensamentos. O comerciante cuja ambição se dirige inteiramente para lucros brilhantes ou investimentos rendosos; a coquete descrita por um salmo como «*ornada ao redor à semelhança de um templo*», estes, no momento presente, podem não ser nem cordiais nem hostis; passam adiante e continuam os seus jogos mesmo diante da morte.

Sim, Jesus roçou os ombros do luxo e da vida apaixonada no caminho para a morte. Ali não havia ódio, nem sequer, ao que parecia, qualquer cumplicidade na sua morte; contudo sabemos que aqueles que continuam a sonhar com futilidades enquanto Jesus passa são seus assassinos no coração.

As zombarias e os insultos relatados no Evangelho são apenas exemplos. A imaginação popular é fértil; as troças passam rapidamente de uns para outros, enriquecidas com comentários pelo caminho. Escárnio e desafio são lançados sem cessar contra Aquele que parece totalmente impotente e, por isso mesmo, presa fácil da cobardia instintiva da multidão.

«*O fazedor de milagres acaba mal.... Belo curandeiro!... Porque não se salva a si mesmo, já que salvou os outros!... Se Deus estivesse com ele, deixá-lo-ia neste estado?... Que Deus o livre, já que diz ser seu Pai!... Não é este o homem que ia destruir o Templo e reconstruí-lo em três dias?»*

Outros são menos subtis e nem sequer se dão ao trabalho de repetir os argumentos populares dos doutores da Lei. Limitam-se a encolher os ombros:

«Que é isto?» — «Oh, nada: apenas um escravo castigado por algum crime; apressam a execução por causa do sábado; um rei imaginário — pode-se ler os títulos na tabuleta que traz; um médico charlatão, um pretense benfeitor, um reformador desequilibrado, um endireitador de injustiças, um agitador, um homem perigoso. Não é nada, nada.»

Nada, de facto; é apenas o Nazareno e o Messias anunciado pelos profetas, prefigurado por Moisés, cantado pelo salmista, acolhido por João Baptista às portas; é o homem misterioso diante do qual todas as coisas tremeram antes de se revoltarem, e que um dia fará todas as coisas tremer novamente; revolta, indiferença e ódio — conservando apenas o amor. Não é nada, apenas o Salvador da humanidade; nada, apenas o Filho de Deus!

Os discípulos disseram certa vez: *«Mestre, a multidão aperta-te!»*, querendo significar que o rodeavam para aproveitar a sua bondade. Agora a multidão aperta Jesus, mas com brutal indiferença diante de um homem que sofre, ou com crueldade diante de um homem que odeiam. Se o primeiro destes sentimentos nos revolta, que pensar do segundo?

É provável que muitos dignitários se tenham rebaixado ao ponto de se misturarem com a escolta e até de excitarem a hostilidade da multidão. Encontramo-los no Calvário; sem dúvida acompanharam a sua vítima. É para eles uma dupla ocasião: receber as saudações que Jesus lhes censurara procurar, e ao mesmo tempo humilhar o inimigo vencido. Ávidos de honras, prodigalizam insultos; exigem homenagens e derramam desprezo.

Por sua instigação, os ultrajes sucedem-se sem contenção. Sem dúvida lançam-lhe pedras e poeira, como outrora as lançaram a David: é a maneira oriental de manifestar desprezo. A inscrição da tabuleta desperta curiosidade, e o Rei dos Judeus é troçado por não ter sabido defender-se.

Ai do homem ambicioso que não consegue impor-se! O pássaro enjaulado, mal adoece, é atacado pelos bicos dos companheiros saudáveis; até do pequeno pássaro o homem cruel aprende uma lição.

Entretanto, o cortejo chegou ao sopé da colina e começa agora a subida. Jesus está tão vencido pela fadiga que o seu avanço se tornou um tropeçar piedoso; vacila tão debilmente após as frequentes quedas que se percebe claramente que não poderá ir muito mais longe. Ao vê-lo assim, tão fraco e contudo tão paciente, silencioso como os rebanhos de ovelhas pálidas que a cada instante roçam por Ele, é impossível não recordar as palavras do profeta:

«Será levado como uma ovelha ao matadouro, e ficará mudo como um cordeiro diante daquele que o tosquia.»

É neste momento que os guardas encontram auxílio num transeunte inesperado. Começam a inquietar-se; a cruz é manifestamente demasiado pesada e a vítima está prestes a sucumbir; se a sentença deve ser executada, será preciso ajudá-lo de algum modo, e nenhum deles se prestará a carregar o madeiro de um escravo.

Não importa! Têm o direito de requisitar ajuda, e exercem-no. Pior para Simão de Cirene, por ter tido o azar de passar por ali ao regressar do trabalho nos campos.

Um acaso feliz, afinal, que fez de Simão e dos seus filhos símbolos eternos! Simão, Alexandre e Rufo são honrados como santos porque o primeiro tomou sobre os ombros a Árvore da Salvação e absorveu a sua seiva vivificante. Quando os soldados o «*obligam*» a carregar a cruz atrás de Nosso Senhor, não sabem a honra que lhe conferem.

Os Romanos vêm nisso um pequeno serviço público; os Judeus encontram aí um meio de poupar as forças da vítima; mas a posteridade verá aqui um tema de louvor e meditação para ocupar os homens de todos os tempos.

Um antigo pintor representou o transporte da cruz como uma procissão composta por toda a humanidade religiosa; à frente deste grupo universal — o Papa, bispos e abades, todos revestidos das suas insígnias — ajudam o Salvador a levar a cruz. São representantes; na sua pessoa somos todos, colectivamente, cireneus, e cada indivíduo deve ser um cireneu na sua própria vida.

Não devemos nós «*completar na nossa carne o que falta à Paixão de Cristo*»? Se o Mestre vacila sob o peso do fardo, a força que d'Ele recebemos não pode ser melhor empregada do que ao seu serviço; e, no caso de cada um de nós, como no de Simão, a ajuda que prestamos é recompensada mil vezes.

* * *

O Evangelho menciona um grupo que não estava ali, como Simão, por acaso, um grupo que seguia o cortejo, ou pelo menos se lhe juntara por uma das ruas que cruzavam o percurso. Era um grupo de mulheres; não as mulheres mencionadas depois da crucifixão, aquelas que vieram da Galileia com Jesus na companhia dos discípulos; mas outras, atraídas pela sua pessoa ou pela sua doutrina, ou talvez algumas dessas mulheres caridosas que assumiam a tarefa de socorrer os condenados, preparando-lhes a poção narcótica ou prestando-lhes outros serviços.

O Talmude atribui este papel às mulheres distintas de Jerusalém, e é certo que tal serviço foi prestado a Jesus, embora Ele não tenha aceitado os seus cuidados.

Estas mulheres judias, ao saudarem a passagem do piedoso Rei dos Judeus, dão um sentido pungente às palavras do Cântico:

«Saí, filhas de Sião, e vede o rei Salomão com a coroa com que sua mãe o coroou no dia das suas núpcias.»

É de facto uma estranha coroa aquela que Jerusalém coloca sobre a cabeça do seu rei! Ele deveria ser acolhido com lamentações, assim como outrora os soberanos eram recebidos em triunfo. Também a inscrição inventada por Pilatos, provavelmente em irónico desprezo pelos Judeus, se revela apropriada.

As mulheres batiam no peito em sinal de luto e lamentação por Jesus enquanto Ele passava. Os seus sentimentos eram bons; na sua pessoa a caridade fazia a sua aparição nesta cena de sangue.

Mas o Mestre do mundo não deixará passar esta última oportunidade sem oferecer uma lição austera.

Tinha guardado silêncio diante dos insultadores, dos indiferentes e dos curiosos; aos seus inimigos respondera com uma calma dignidade que os desconcertava. «*Aos porcos e aos cães*», diz um antigo comentador, «*não se responde.*» Mas àqueles cujas disposições os tornam seus amigos, Jesus fala.

Já não está vergado sob a cruz; pode voltar-se para o grupo e dirigir-lhes algumas palavras. Os executores não parecem opor-se; em todos os países é costume conceder ao condenado alguma pequena liberdade. Só um ódio feroz poderia impedir a expressão de um último pensamento; e, se o ódio domina os chefes judeus, não contaminou os soldados.

«*Não choreis por mim*», diz Jesus. Não rejeita os sentimentos de compaixão; mas lamenta uma cegueira que chora os efeitos e ignora a causa; que se compadece de uma nobre vítima sem atender ao destino muito pior dos seus assassinos; que esquece que aqueles que o ferem são seus parentes — por um misterioso parentesco, mas tão íntimo que ameaça cada membro do grupo que chora; pois esses assassinos são os seus filhos!

«*Não choreis por mim, mas por vós e pelos vossos filhos.*»

Jesus fala-lhes dos filhos, certo de que assim tocará os seus corações; chama-lhes a atenção para o crime colectivo que está a ser cometido em Jerusalém, um crime pelo qual Jerusalém expiará no futuro com terrível castigo.

«*Porque dias virão em que dirão: Bem-aventuradas as estéreis, os ventres que não geraram e os peitos que não amamentaram.*»

Tão grande será a tribulação que os homens amaldiçoarão a própria vida:

«*Então começarão a dizer aos montes: Caí sobre nós. E às colinas: Cobri-nos.*»

«Porque», acrescenta o divino Salvador, «se fazem isto no madeiro verde, que acontecerá no seco?»

Se Deus, na sua ira, parece castigar sem atender ao mérito; se permite que o inocente seja morto, que fará então ao culpado? Eu morro livremente, no cumprimento da minha missão; o fim dessa missão será glorioso, e não há motivo para chorar por um herói que dentro de três dias provará os frutos da vitória.

Mas chorai, sim, chorai por vós mesmas, vós que sois mães de deicidas; chorai pelos vossos filhos que escarnecem à beira do abismo.

Tomemos uma visão mais ampla e compreendamos que, se Jesus diz primeiro «*chorai por vós*» e só depois «*pelos vossos filhos*», é porque tem em mente uma ordem de acontecimentos que envolve a responsabilidade de cada indivíduo.

Fala expressamente dos deicidas judeus; mas fala implicitamente também dos seus cúmplices distantes, e esses — isto é, cada um de nós — devem acolher no coração os avisos da sua severidade misericordiosa.

A tradição introduz aqui outras duas mulheres, outras duas transeuntes: Verónica, com o seu véu, e essa grande transeunte que o Evangelho ainda não menciona, mas que seria surpreendente não encontrar antes da cruz.

Verónica! A mulher do pano misericordioso; a mulher que consola o seu Deus; a mulher que poussa mãos ternas e trémulas sobre o rosto d'Aquele que disse: «*Quem me vê, vê também o Pai*»; a mulher que enxuga o sangue redentor e vai buscar a redenção à sua fonte viva; a mulher que leva consigo para casa o rosto de Jesus!...

Que Maria estivesse presente neste momento não é uma tradição; é apenas uma conjectura, conjectura que na verdade não repousa sobre nenhuma prova positiva, tal como a aparição do Cristo ressuscitado à sua Mãe ou a sua comunhão no cenáculo.

Mas sabemos que os Evangelhos não são relatos completos, e cada um é livre de preencher os detalhes sugeridos pela sua piedade, desde que não

exija fé para aquilo que a história não atesta.

Com ainda maior respeito, e talvez com maior proveito, devemos acolher conjecturas fundadas no sentimento geral e adoptadas pela Igreja.

É difícil imaginar que Maria não tenha observado a cruel procissão ao passar, que se tenha contentado em esperar a chegada ao pé da cruz, e que o seu coração permanecesse insensível ao pensamento do progresso perigoso do Filho por aquele caminho doloroso.

Outras mulheres estão ali, e Jesus fala-lhes. Poderemos supor que Maria esteja ausente? Não arriscará antes todos os empurrões e insultos que a esperam? Não aceitará ser atirada de um lado para o outro na multidão como uma palha ao vento?

Se a reconhecerem, certamente terão compaixão! A dela não é a dor que os homens insultam. E se conseguir passar despercebida, então talvez eles — Ele e ela — possam ter o cruel consolo de trocar um olhar.

Como ela inveja o Cireneu! Como também ela gostaria de carregar a cruz! Não pode; mas com que vontade tentaria o impossível!

Na Idade Média, uma das igrejas de Jerusalém foi dedicada a este encontro. Chamava-se «*Nossa Senhora do Espasmo*», ou igreja do «*Encontro de Jesus com Sua Santíssima Mãe*». Encontraram-se vestígios de uma igreja ainda mais antiga, do século V ou VI, entre eles um fragmento de mosaico representando um par de sandálias. Alguns concluíram daí que os pés de Nossa Senhora ou do seu divino Filho tinham deixado uma marca naquele lugar.

A conclusão foi precipitada. Na Antiguidade não era raro utilizar sandálias desta maneira para simbolizar a presença de uma pessoa, e muitas vezes por motivos totalmente alheios à religião. E mesmo quando o símbolo era adoptado para fins religiosos, geralmente não indicava um milagre.

Deixando de lado tais subtilezas, podemos contudo meditar proveitosamente sobre esse olhar trocado entre Jesus e sua Mãe. Rafael

deu-nos uma representação comovente desse momento no *Spasimo di Sicilia*.

Jesus caiu sob a cruz; os executores espancam-no; Ele ergue-se penosamente, mas heroicamente, sob os golpes, e diante d'Ele, também caída sob o choque da emoção e estendendo os braços em desespero, está sua Mãe, toda a sua vida procurando exprimir-se nos olhos ardentes.

A cena não possui a majestade do *Stabat Mater*. O altar ainda não foi erguido; ainda não começou o rito sangrento que exige da nossa Coredentora uma atitude sacerdotal. Aqui vemos apenas a ternura da Mãe, à qual o Salvador responde consentindo na sua participação no sacrifício. Pois não pertence de algum modo àquela que lha deu a vida que Ele oferece?

* * *

É possível que o encontro de Jesus e Maria tenha tido lugar numa das encruzilhadas da Via Dolorosa. Se não foi assim, então pode ter acontecido junto da Porta de Efraim, onde o espaço aberto permitia permanecer sem receio da oposição das autoridades ou dos maus-tratos da multidão.

Nesse caso estamos quase de regresso à Cruz; e o episódio recorda-nos que devemos voltar ao nosso posto de observação e continuar a contemplar da cruz o espectáculo dos transeuntes.

As portas das cidades do Oriente são essencialmente lugares públicos onde frequentemente se reúnem multidões. No interior da cidade raramente existem espaços abertos; as cidades antigas evitavam-nos cuidadosamente, porque as exigências da defesa aconselhavam a reduzir ao máximo a área urbana, a fim de poupar despesas com muralhas extensas e numerosas tropas para as guardar.

As portas, portanto, são os lugares habituais de encontro da cidade. Ociosos e espalhadores de notícias vêm aqui em busca dos últimos rumores; aqueles que necessitam de informações ou querem tratar de negócios —

comprar ou vender, contratar trabalhadores, negociar casamentos — vêm às portas da cidade e aí permanecem durante longas horas.

Realizam-se mercados em datas fixas, mas todos os dias as portas são cenário de negócios privados acompanhados de intermináveis regateios. É aqui que se assinam contratos na presença dos anciãos, que se resolvem disputas legais e que a justiça é administrada — ou pelo menos reclamada.

A porta é sinal de força defensiva contra o estrangeiro; é também sinal da autoridade pública sobre os próprios cidadãos. «*A porta dos reis*» significa o poder dos reis; e ainda hoje falamos da «*Sublime Porta*».

Jesus utilizou o mesmo símbolo quando disse da sua Igreja:

«*As portas do inferno*» — isto é, os poderes do inferno — «*não prevalecerão contra ela.*»

É sobretudo sob o arco e nas suas proximidades que se discutem assuntos políticos; aí também se encontra a oposição; aí se tramam conspirações; aí se espalham rumores. Foi aí que Absalão preparou a armadilha para derrubar o pai; foi aí que Atalia foi morta.

A porta é o mercado e o fórum das cidades do Oriente.

Consequentemente, a religião, pela sua estreita união com a vida do povo, também se associa às portas da cidade. A religião deve procurar os seus adeptos onde os encontra.

Quando Israel é infiel a Yahweh, instala junto das portas pequenos santuários, «*lugares altos*», que se vêem erguidos sobre os arcos, como as nossas imagens da Virgem Maria. Quando Israel regressa ao seu Deus, ou para ajudá-lo a regressar, os profetas aparecem à entrada das portas, lançando as suas profecias onde todos as possam ouvir.

No livro dos Provérbios, a Sabedoria é representada clamando às portas, bem como nas encruzilhadas. Foi à porta da cidade que o anjo encontrou Lot ao anunciar-lhe a destruição de Sodoma.

Quantas vezes Jesus ali curou doentes e pregou a palavra de Deus! E agora é trazido para morrer; porque o lugar que em teoria — se não na prática — é o lugar da justiça, é também o lugar da execução.

Se a própria justiça, por comodidade dos seus ministros, cedo se refugiou no abrigo de um palácio, as sanções da justiça permaneceram fiéis ao ar livre, pois os grandes não se ocupam de as executar. Além disso, importa fazer do criminoso um exemplo.

Mais ainda: as portas são o ponto de contacto entre os habitantes da cidade e o campo circundante, entre uma cidade e outra; e a Porta de Efraim é particularmente vantajosa do ponto de vista das comunicações com o exterior.

Daí a razão para aí erguerem patíbulos. É o ponto de junção de quatro das estradas mais frequentadas, e a sua importância será demonstrada alguns anos mais tarde, quando se tornar o fórum de Aelia Capitolina, a Jerusalém do Império.

Por ali passa um fluxo contínuo de peregrinos, mercadores, homens de negócios, mensageiros e soldados. O posto de observação do Salvador não dá para um deserto.

E agora olhai mais além, para Gareb, Bezeta e ainda mais longe para o Monte das Oliveiras e o Monte Scopus. Estão cobertos de tendas e acampamentos provisórios destinados aos que vieram para a festa.

Há peregrinos vindos de todas as terras onde os israelitas se espalham; pois entre os Judeus a Páscoa é uma devoção universal. Agrupam-se segundo tribos ou afinidades — Galileus com Galileus, tal como hoje vemos Gregos com Gregos a 15 de Agosto junto do túmulo de Nossa Senhora — todos apertados uns contra os outros; estas cidades provisórias acrescentam um contingente formidável às multidões que enchem a Cidade Santa.

Imaginal o espectáculo. Junto da própria porta há um fluxo contínuo, correndo entre duas margens animadas de mercadores ambulantes, com bancas sobre rodas e barracas permanentes ao longo da rua oferecendo

bebidas e doces; enquanto mendigos, sobretudo cegos — numerosos nesta terra de luz ofuscante — aleijados, paráliticos e leprosos mais ou menos curados, elevam as suas súplicas monótonas e agitam as pequenas tigelas de madeira.

Nos jardins, os ociosos estão agachados no chão ou montados sobre os muros. Nas estradas há pessoas, burros, manadas de gado, veículos e camelos lentos com as suas cargas oscilantes. Nas colinas vêem-se massas compactas de peregrinos, grupos animados sentados em redor das fogueiras.

Imaginaí esta cena e escutai quando Jesus aparece e a cruz é erguida: primeiro há um grande murmúrio de excitação, depois sons de hostilidade e gargalhadas, que por um momento abafam os mais tímidos movimentos de reflexão e de piedade.

«Todos os que me viram escarneceram de mim; falaram com os lábios e abanaram a cabeça: Esperou no Senhor, que Ele o livre; que o salve, se é que o ama.»

Sempre a mesma blasfémia cruel! Cristo é eternamente *«o opróbrio dos homens e o desprezo do povo.»*

E contudo naquela multidão há muitos que lhe devem favores, muitos que outrora o admiraram. Estes mendigos aleijados e estes infelizes tinham lançado aos seus pés as suas orações confiantes; tinham-no aclamado Filho de David. Vinham beijar o seu manto, tocar a orla branca com a faixa azul de jacinto, e prostrados diante d'Ele esperavam um milagre ou uma palavra de esperança.

Agora afastam-se d'Ele, escarnecem d'Ele e, cumprindo as palavras de um Salmo que narra toda a Paixão, cantam atrás d'Ele enquanto atravessa a porta da cidade, bebendo enquanto cantam:

«Tornei-me para eles objecto de zombaria. Os que se sentavam à porta falavam contra mim; e os que bebiam vinho faziam de mim a sua canção.»

«Ó vós todos que passais pelo caminho, olhai e vede se há dor semelhante à minha dor!»

Na verdade, meu Mestre, nunca houve dor tão abandonada, como nunca houve dor tão amarga e tão completa. Não apenas em Jerusalém, mas em todo o universo; não apenas nesta véspera de sábado em que um criminoso odiado é apressadamente levado para a execução, mas ao longo de todos os séculos, quantos transeuntes haverá cujos corações sejam verdadeiramente tocados — e tocados até ao arrependimento — por este espectáculo?

Jesus já não é hoje objecto de zombaria; mas não será geralmente esquecido? A compaixão é rara, mais rara ainda é a devoção activa. E quando dizemos que Jesus já não é escarnecido pensamos apenas na sua pessoa, à qual o próprio Jesus dá muito menos importância do que à sua obra e à nossa salvação.

Quantos insultos são lançados contra as doutrinas, as práticas, os ministros, os preceitos, as promessas, as palavras, as obras, as instituições e as pessoas ligadas ao nome e à obra de Jesus crucificado!

Aqui também há os que escarnecem e abanam a cabeça; aqui também há os bebedores de vinho — o vinho da sofística e da licenciosidade — que cantam atrás de Jesus enquanto Ele passa.

A Páscoa da humanidade continua ainda; os homens armam as suas tendas e seguem caminho, os homens bebem e dançam, os homens inquietam-se e absorvem-se nos negócios, os homens criam afectos e rompem-nos, os homens amam e odeiam — e Cristo permanece suspenso na cruz.

A sua dor encontra apenas desprezo, e o seu apelo, a sua oferta de salvação, não desperta senão um sorriso vago e distraído.

«*Ó vós todos que passais pelo caminho*», vós homens que encontráis Cristo nalguma Porta de Efraim ao longo da vossa vida, seja ela agitada ou apaixonada, infeliz ou dissipada: «*olhai e vede se há dor semelhante a esta dor*», alguma dor tão cheia de significado para vós mesmos, tão digna da vossa compaixão, tão apta a conquistar o vosso amor e a guiar a vossa vida.

Se não há dor semelhante a esta; se o transeunte ocasional é forçado a reconhecer e confessar, apesar de si mesmo, que aqui existe algo de sobre-

humano, que este acontecimento possui um significado que ultrapassa toda a vida terrestre, então que ele pare e se junte ao grupo daqueles que iremos agora estudar, *juxta crucem* — «*junto da cruz*» — daqueles que se oferecem para ser purificados pelo orvalho salvador que cai das chagas sagradas.

CAPÍTULO VII

OS SEUS ENTES QUERIDOS

«Estavam junto da cruz de Jesus sua mãe, e a irmã de sua mãe, Maria de Cléofas, e Maria Madalena.»^[1] A alguma distância encontrava-se outro grupo de amigos que observavam, e havia ainda outras mulheres, «*que tinham seguido Jesus desde a Galileia, servindo-o.*»^[2]

João também, o primeiro destes dois historiadores, estava presente. Não dá o seu próprio nome; mas o feliz privilégio que lhe está reservado revelá-lo-á. É a ele que Jesus legará sua Mãe.

Mas onde estão os Doze?

Quando Jesus baixa o seu olhar do horizonte para as pessoas que o rodeiam, quando procura com os olhos aqueles que «*tinham permanecido com Ele nas suas tentações*»^[3], o que vê? Algumas mulheres e aquele apóstolo cujo temperamento o torna semelhante a elas. Os outros estão longe. Uma tradição diz que se esconderam no vale do Cedron, entre os grandes túmulos. Mais provavelmente dirigiram-se para a parte alta da cidade; estão encolhidos nalgum recanto, cheios de terror e de aflição, esperando os acontecimentos.

Para eles o Mestre já morreu; o «*reino*» está sem rei; a escola sem mestre, a família sem pai. «*Ferirei o pastor*» — eles próprios citarão mais tarde a profecia nos seus escritos — «*e as ovelhas do rebanho serão dispersas.*»^[4]

No Jardim estavam a dormir; quando chega a turba iníqua e lança as mãos sobre Jesus, um deles faz um gesto ousado: desembainha a espada e corta a orelha de um dos inimigos; mas a resistência não vai além disso. Jesus torna-lhes tudo tão fácil! Proíbe a violência, quer apenas lealdade. Diz aos guardas: «*Sou eu; se é a mim que procurais, deixai ir estes.*» Quer que se cumpram as palavras do profeta até no sentido temporal: «*Dos que me deste, não perdi nenhum.*»^[5]

Assim, os discípulos podem fazer o que quiserem; o caminho está aberto em todas as direcções, e só um conduz à morte. Sofreram represálias pela tentativa de defender o Mestre? Foram golpeados pelos guardas e postos em fuga? Ou, mais simplesmente, disseram para consigo que nada podiam fazer para ajudar e que mais valia salvar a própria pele enquanto podiam? Não sabemos; em todo o caso, a hesitação deles é tão breve quanto unânime a decisão: fogem. A serena e bondosa aquiescência de Jesus basta-lhes como salvo-conduto.

E contudo, como tristemente Ele lhes dissera, apenas na véspera: «*Eis que vem a hora, e já chegou, em que sereis dispersos cada um para seu lado e me deixareis só.*»^[6] Como para lhes dar uma desculpa, acrescentara: «*E contudo não estou só, porque o Pai está comigo.*» E depois, num excesso de compassiva bondade, conclui: «*Disse-vos estas coisas para que tenhais paz em mim...*»

A alma de Jesus está nestas palavras. Mas não deveria o amor ter visto nelas o derradeiro vínculo que os prendia ao dever?

Ó Pedro, a «*Rocha*»; Simão, o «*Zeloso*»; André, o «*Corajoso*»; Judas ou Tadeu, o «*Enérgico*»; Tiago, «*irmão*» de Jesus; e tu, Mateus, que recebestes o «*dom de Deus*» — onde estais? Como dareis testemunho desta morte, vós que sois testemunhas? Podeis, sem vergonha, dizer que fostes reservados apenas para as glórias do Túmulo? Sois homens da ressurreição e não homens do sacrifício?

Os discípulos não estão presentes. Dois entre eles, Pedro e provavelmente também João — embora o seu nome não seja mencionado — recuperaram coragem depois da fuga geral; seguiram de longe o grupo enquanto este subia em direcção a Sião e entrou na casa de Caifás.

Nisto corriam pouco risco, pois o discípulo sem nome era conhecido do sumo sacerdote e podia, portanto, justificar a sua presença.^[7] Quanto a Pedro, que entra protegido pelo companheiro, sabemos o que faz; a sombra do perigo e as palavras de criadas bastam para o derrubar; por três vezes nega o Mestre que pouco antes defendera com tão imprudente temeridade, o Mestre a quem dissera: «*Darei a minha vida por ti.*»^[8]

A todos eles Jesus dera motivos cada vez mais constantes e generosos para o amarem. A que intimidade os admitira! Tanto no modo de vida como nos sentimentos e pensamentos, a união deles com Ele era tão estreita quanto surpreendente, dada a distância que os separava d'Ele.

Nos nossos climas ocidentais, a vida de um mestre com os seus discípulos é muito menos íntima do que a vida familiar. No Oriente é mais íntima. Mestre e discípulos vivem juntos como alpinistas, como membros de uma expedição polar ou de uma caravana no deserto. Comem juntos nos campos, num barco ou à beira de um riacho; dormem respirando o mesmo ar, sob uma rocha ou ao relento; agrupados em redor de uma fogueira conversam sem constrangimento, e os seus pensamentos tornam-se tão comuns como o alimento que partilham.

Jesus, um Rabbi como os outros rabbis e humilde de coração como nenhum outro em Israel, entregou-se a esta vida sem reserva. Abriu o seu coração aos discípulos tanto quanto a capacidade daqueles seres tão humanos o permitia: *«A vós foi dado conhecer o mistério do reino de Deus; aos outros, porém, em parábolas.»*^[9] *«Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor. Chamei-vos amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai vo-lo dei a conhecer.»*^[10]

Chamou-lhes, de facto, seus amigos, seus filhos, seus filhinhos, seu pequeno rebanho; mostrou-lhes a indulgência de uma mãe, a paciência e a atenção delicada do mestre afectuoso. Tendo recebido tudo, a ponto de lhes poder dizer: *«Não fostes vós que me escolhestes; fui eu que vos escolhi»*^[11], ainda assim podiam discutir entre si sobre o primeiro lugar junto d'Ele. Mas Ele não os repreendia. Em vez disso, tomava um pequenino sobre os joelhos, beijava-o e dizia: *«Quem se fizer humilde como esta criança, esse é o maior no reino dos céus.»*^[12]

Antecipava as suas faltas e consolava-os de antemão, para que sentissem menos os remorsos que os roeriam. E fez isso também em relação ao abandono em que o deixariam: levantou-os antes mesmo da queda.

Mas, mais uma vez, não deveria isso ter sido um motivo ainda maior para a fidelidade deles? Em vez disso, tornou-se a sua desculpa!

Mas eles podem ficar tranquilos. Apesar de toda a sua indignidade, não precisam de sentir que, diante do tribunal da cruz, serão postos de parte como seres sem valor ou condenados como traidores. O Mestre conhece-os melhor do que eles próprios O conheceram; discerne nos seus corações aquilo que lhes permanece escondido. São fracos, vacilantes, egoístas, pouco inteligentes — e agora provaram também ser cobardes. Mas acreditaram n'Ele e entregaram-se-Lhe, e isso basta para compensar tudo.

Estes amigos que O atormentaram antes de os inimigos O fazerem sofrer, que todos O compreenderam mal em maior ou menor grau, que O fatigaram com as suas loucuras e exigências, que foram um peso nos seus passos durante a obra apostólica — estes amigos, todos excepto um, o traidor — estão profundamente gravados no coração do Salvador.

Para Ele, a boa vontade deles sempre foi suficiente; amanhã o seu Espírito servirá dessa boa vontade para operar uma transformação maravilhosa. Olha para eles com o Cenáculo no pensamento; olha para eles recordando o momento, não há muito tempo, em que os chamara para O seguirem. Tinham deixado tudo, estes homens, ao primeiro chamamento; e mais tarde, um após outro, enfrentarão a morte por sua causa.

Ele não lhes censurará a ausência! Considera-os todos presentes naquele único que permanece junto da cruz; com João e connosco confiá-los-á aos cuidados de sua Mãe, e Ele próprio, mais mãe do que todas as mães que jamais existiram — até mesmo mais do que a sua própria Mãe — reúne-os todos no seu coração amoroso; são o núcleo da sua Igreja.

Passam diante da sua visão: André, irmão de Simão Pedro, o homem que, à vista de um madeiro semelhante ao do Mestre, exclamará: «*Ó boa cruz!*» — Tiago, filho de Zebedeu, que declarou poder beber o cálice e de facto o beberá — Tomé, o duvidoso, o homem que quer tocar, que só acredita em provas tangíveis, mas que, apesar disso, foi o primeiro a exclamar quando subiam para a cidade do sangue: «*Vamos também nós morrer com Ele!*» — Bartolomeu, ou Natanael, «*em quem não há fingimento*», que reconheceu no grande Desconhecido o «*rei de Israel*» — Filipe, a quem foi dito: «*Filipe, quem me vê, vê também o Pai*», e que fitou os olhos divinos com olhos de fé — Mateus, o publicano, que, chamado por um simples gesto enquanto estava sentado na banca dos impostos, deixou

tudo e celebrou a sua vocação oferecendo um banquete jubiloso — Tadeu ou Judas, «*não o Iscariotes!*» — diz João, seu companheiro, quase receoso ao pronunciá-lo — e Simão, o Cananeu, chamado o Zelota: dois homens que permanecerão quase totalmente desconhecidos para nós, brilhando apenas pelo martírio — o outro Tiago, o «*irmão*» do Senhor, que será o venerável sustentáculo da jovem Igreja, guardião da sua piedade e exemplo do seu zelo, até ser precipitado do pináculo do Templo, dizendo com o seu divino Irmão: «*Senhor, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.*»

E por fim, Pedro. Pedro, o pobre renegado, cuja ausência do Calvário talvez se deva mais à vergonha e ao desejo de reparar do que a nova cobardia; Pedro, que neste momento recebe o baptismo das lágrimas; Pedro dos olhos febris e das faces cada dia mais sulcadas; Pedro, cujo nome está incorporado na própria paisagem da Palestina; pois quem pode ouvir o cantar do galo em Jerusalém sem pensar na sua dor dilacerante, sem ver o olhar silencioso de Jesus e o amigo infeliz fugindo arrependido para dentro da noite?

Na *Paixão segundo São Mateus*, de BACH, as lágrimas de Pedro são sublimes; mas surgem numa visão ainda mais misteriosa quando, às três horas da manhã, os galos de Siloé e do Monte das Oliveiras lançam o seu apelo à luz, simbolizando o chamamento divino ao arrependimento e à luz da vida.

Se Pedro estivesse presente ao pé da cruz, encontraria seguramente no primeiro olhar de Jesus aquela expressão triste e doce que o despertou do pecado na casa de Caifás; mas nesse mesmo olhar leria também o perdão. A sua queda conquistou-lhe a virtude da humildade, a primeira força da alma; a sua morte de mártir, coroando uma grande vida, provará a sua generosidade. Também ele será crucificado; mas recuará diante da glória de reproduzir contra o céu a figura do Mestre; pedirá para ser crucificado de cabeça para baixo, mostrando assim, pelo mesmo gesto, a sua humildade e a totalidade do seu sacrifício.

Jesus contempla-o, e embora Pedro esteja longe, deve sentir esse olhar, o olhar que derrete a maldade do coração humano, que vê até ao fundo do seu amor e fortalece a sua fraqueza. A Rocha vacilou; mas é sobre ela que se funda a obra eterna. Onde a carne mostrou a sua fragilidade, o poder de

Deus dará firmeza. Pedro caiu; mas foi o primeiro a acreditar em Jesus, o «*Filho de Deus*», em Jesus, o «*Cristo*» prometido. Na verdade, foi a ele que devemos a junção das duas palavras: «*Jesus Cristo*». Foi ele o primeiro a chamar o Salvador pelo seu nome.

Eles estão presentes, portanto, em espírito; presentes pela sua fé, pelos seus corações dedicados ao serviço do Mestre, pela vocação que não renegaram, pelas suas almas fiéis a Ele; ausentes apenas por timidez. Jesus abençoa-os, e enquanto sangra por eles paga o resgate de cada um.

No dia seguinte chamá-los-á seus «*irmãos*», colocando-os ao mesmo nível que Ele próprio, agora que a tarefa comum lhes será visivelmente confiada, as nações dadas como herança espiritual e todas as gerações asseguradas aos seus descendentes.

Darão testemunho d'Ele; os seus corações serão as tábuas da sua lei; caber-lhes-á organizar a sua obra de salvação e plantar a sua cruz em todas as partes da terra; fará deles o fundamento do seu edifício social, os ramos principais da grande árvore, candelabros para iluminar o mundo, fontes para o fecundar, luminares no céu da Cristandade.

Porque, não se pode negar, o mundo foi iluminado e fecundado por estes homens, e ainda hoje é guiado por eles. Alguns pescadores, um cobrador de impostos e um carpinteiro, lentos de entendimento, cobardes fortalecidos pela graça, ausentes no momento da crise mas eternamente presentes para nós: tais são os nossos antepassados. Este é o milagre da cruz: salva até aqueles que a abandonam, contanto que o coração não se afaste.

Eles estão presentes, mas não todos.

Falta um.

Nesta manhã, ao romper da aurora, quando Jesus fora definitivamente condenado e estava prestes a ser conduzido a Pilatos, um homem encaminhou-se para um lugar deserto. Tinha o rosto transtornado; sentia-se horrivelmente só. Olhou em redor e pareceu-lhe que todas as coisas o

repeliam; não via o olhar que está sempre à nossa espera, os braços invisíveis sempre estendidos para salvar.

Era Sexta-Feira Santa, e ele não compreendeu o significado desse dia; o sangue que a sua traição fizera correr não era, aos seus olhos, a fonte de vida que nada mais desejava senão purificá-lo antes de todos os outros. Lançou o seu último insulto ao amor que o escolhera. Escolheu uma árvore num campo, pendurou o cinto num ramo e apertou-o bem; depois, passando o pescoço pelo laço, lançou-se num duplo abismo de morte.

* * *

Deixemos esta infeliz recordação; visões mais luminosas esperam o nosso olhar. Se fazemos justiça aos Doze mesmo na sua ausência, recusaremos nós o nosso tributo àqueles que permanecem valentemente presentes, àqueles que choram ao pé da cruz?

As Santas Mulheres estão ali, ora perto da cruz, ora mais afastadas, conforme a multidão lhes permite aproximar-se. Seguiram Jesus nas suas viagens, e agora que Ele necessita de alguém que Lhe preste os últimos serviços, continuam presentes.

A sua presença é simbólica; prenuncia o futuro e mostra o papel que a mulher desempenha na vida do Cristianismo, tal como na vida de Jesus.

A mulher ocupa um lugar importante na constituição da Igreja nascente. Já durante o ministério da Galileia, São Lucas descreve o grupo que acompanha o Mestre: São Pedro em primeiro lugar, com onze outros apóstolos ajudando Jesus no seu ministério; e além deles, algumas mulheres, várias das quais haviam sido curadas de diversas enfermidades ou de espíritos malignos, assistem a banda apostólica com os seus trabalhos e os seus bens.

Nisto nada havia de extraordinário; os fariseus, com a sua reputação de piedade, atraíam as almas religiosas das mulheres; recebiam delas ajuda, e ninguém se escandalizava por isso. Que as mulheres acompanhassem Jesus

nas suas viagens talvez fosse uma inovação; mas removiam toda a dificuldade ao ligarem-se à sua Mãe.

Estas mulheres, devotadas a Ele desde o princípio, permanecerão devotadas até ao fim: embalsamarão o túmulo; serão testemunhas da ressurreição; terão parte no derramamento do Espírito em Pentecostes; consagrar-se-ão à obra do seu divino Amigo, depois de terem amado e adorado a sua Pessoa. No Calvário recebem a sua investidura; aquilo que as suas irmãs serão na história do Cristianismo, elas já o são ao pé da cruz. Aqui, no Calvário, está o retrato autêntico da feminilidade santificada.

E tal como os Doze têm uma hierarquia em que Pedro, Tiago e João ocupam o primeiro lugar, com Pedro à cabeça, assim as santas mulheres têm as suas figuras principais em Maria Madalena, sua irmã Marta, Maria de Cléofas (mãe de Tiago Menor e de José), Salomé (mãe de Tiago e João e esposa de Zebedeu), Joana (mulher de Cusa, intendente de Herodes) e Susana. À frente de todas elas está Maria Madalena; e acima e para além de todas, dominando o grupo inteiro, está Maria, a Mãe de Jesus.

Estes corações delicados — deixemos de parte, por um momento, o coração único da Virgem Mãe — compreenderam melhor do que os homens toda a sublime doçura e toda a força terna de Jesus, profeta, Messias e mártir.

A sua grandeza conquistou-as; a sua bondade ligou-as ao seu lado; o seu sofrimento só pode uni-las ainda mais a Ele; fascina-as. A mulher é essencialmente consoladora; a sua visão da vida leva-a a socorrer, porque, sendo ela própria dadora da vida, tem maior consciência da sua fragilidade e das suas necessidades; protege aquilo que deu.

Estas almas compassivas, ao mesmo tempo filhas, amigas e — até certo ponto — mães, estão ali, chorando amargamente. Procuram, com o olhar, dar coragem ao Mestre; convidam-No a partilhar com elas a sua fraqueza humana. Ao mesmo tempo, confessando-O como seu Deus e Redentor, atraem sobre si uma graça; a sua recompensa será a missão de cuidar da sua sepultura.

Já este corpo lhes pertence; uma delas embalsamou-o antecipadamente, e em breve todas correrão, antes que amanheça o sábado, para comprar aromas, a fim de envolver em perfumes o leito de pedra de Jesus.

* * *

E onde está aquela que embalsamou o Salvador antecipadamente, aquela que precedeu as suas irmãs e derramou o primeiro nardo, oferecendo o primeiro sudário — os seus próprios cabelos — para envolver os pés que banhara em perfume e lágrimas?

Não a podemos imaginar senão prostrada ao pé da cruz, abraçando-a com os braços, fazendo-se una com ela e acolhendo o sangue que dela escorre, orvalhando-lhe a cabeça. Na arte será sempre representada assim, a menos que apareça sustentando a Santíssima Virgem nos momentos da sua mais extrema agonia.

Ela nada diz; que palavras poderiam exprimir aquilo que sente? Nem sequer pensa; nem sequer sofre: é Jesus quem pensa e sofre nela. Não ousa falar da opressão do seu coração; porque já não possui coração próprio; sente no peito as grandes palpitações que convulsionam intermitentemente o peito do Mártir.

Já não tem sangue, porque o sangue de Jesus corre; já não tem vontade, porque a entregou à d'Ele. Também para ela «*tudo está consumado*», e agora apenas pode chorar e chorar, chorar enquanto diz a si mesma que Ele a ama, e sofrer sem saber qual das duas coisas é maior: o deleite da sua agonia ou a agonia do seu deleite.

Maria permanece ao pé da cruz; mas Madalena não tem essa obrigação. Madalena não é a co-redentora; é apenas uma alma amante e sofredora, mergulhada na dor do seu Amado e esforçando-se por igualá-la com a sua própria dor. A cena que teve lugar em casa de Simão repete-se agora, mas o seu significado tornou-se evidente, porque já não existe a glória exterior que então a velava.

Que acto foi aquele, e que espanto despertou naqueles que não conseguiam perceber o seu simbolismo dilacerante! A refeição decorre em pleno, o Mestre conversa profundamente com o seu anfitrião, quando — aproveitando-se, é verdade, de um costume reconhecido, mas certamente proibido a uma mulher pecadora! — ela entra na sala trazendo um vaso precioso; coloca-se por detrás de Jesus, que estava reclinado à mesa segundo o costume oriental, e ali, sozinha com o seu amor, sem prestar qualquer atenção à multidão que a observa, começa a banhar de nardo a cabeça do hóspede e a ungir-lhe os pés com perfumes; depois, soltando os cabelos, enxuga com eles o perfume e as lágrimas dos pés sagrados.

Talvez possamos compreender o seu gesto e aquilo que a impeliu a tão ousado acto. Foi arrancada à sua vida desordenada; os seus «*sete demónios*» fugiram, deixando-lhe a alma de uma criança, mas de uma criança mais ardente e cheia de uma compreensão sem limites.

Por meio de Jesus conheceu finalmente a verdadeira felicidade; por Ele aprendeu a não profanar o amor, e o amor que existe nela, agora purificado da mancha, irrompe com tanto mais força quanto tem tantas loucuras passadas a redimir.

Depois dos seus pecados escandalosos, não deveria também mostrar um arrependimento escandaloso? Tendo afrontado em tudo os olhos do mundo, afrontá-los-á agora na humildade, na grandeza de alma e na fé. Tão magnífica será no seu papel que se tornará símbolo da ressurreição espiritual, padroeira dos pecadores arrependidos.

Mas há ainda outro motivo que a decide. Jesus vai morrer, e ela sabe-o; a intuição de quem ama revelou-lhe aquilo que está escondido da quase totalidade dos outros. No túmulo de Lázaro, a atitude dos judeus não lhe escapara; ela que então dissera com confiança: «*Se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido*», poderia agora dizer ao pé da cruz: «*Se não fosse por mim, se eu não tivesse forçado o vosso amor tão terno, talvez Vós, meu adorável Mestre, talvez não tivésseis morrido!*»

No entanto, compreende que para esta morte existem razões mais vastas; ela pode ter fornecido a ocasião, mas e quanto à causa? Jesus é vítima, não apenas dos judeus, não apenas dos amigos cujos pedidos

atendidos atraíram sobre Si a ira dos inimigos; é vítima de todas as almas humanas.

Sim, vítima de cada alma humana na medida dos pecados de cada uma. Nova angústia para Madalena. Que horror a invade ao pensar nos seus pecados! Que sentido da sua responsabilidade eterna! É pelos seus pecados que Jesus paga o preço, e se o amor vem até ela todo ensanguentado, não irá ela ao encontro desse amor?

E assim ela entra na Paixão; antecipa os acontecimentos; une-se a Jesus no conhecimento do que está para vir, embora o conhecimento d'Ele seja eterno; submete-se; humilha-se; chora; dá graças — e entre ambos existe uma espécie de secreta cumplicidade, da qual Jesus apenas deixa entrever um sinal para instrução do seu anfitrião: *«Ela fez o que podia; antecipou-se a ungir o meu corpo para a sepultura.»*

E, como consequência, o perfume então derramado embalsamará o mundo, tal como o Corpo ressuscitado do túmulo o encherá. *«Em verdade vos digo: onde quer que este Evangelho seja pregado em todo o mundo, também o que ela fez será contado em memória dela.»*

A casa de Simão, naquele dia, era como a antecâmara do novo sepulcro reservado às unções funerárias, e o coração de Madalena, depois do da Santíssima Virgem, foi o primeiro túmulo. Madalena chora Jesus antecipadamente; chora-O como se fosse um recém-nascido. Para ela, Ele acaba de nascer, porque acaba de nascer nela.

E o seu vaso? Que dizer do vaso de fino alabastro de gargalo estreito? Ela quebra-o, porque não deve servir para mais nenhum uso. Nem sequer para Ele servirá de novo, porque Ele vai morrer. Quem dera poder lançá-lo no sepulcro! Nos túmulos de Canaã encontram-se frequentemente vasos e outros objectos quebrados em homenagem aos mortos.

Mas já que Ele vai morrer, e morrer por ela, ficará ela para trás? Não pode imitar a esposa hindu que sobe para a pira funerária do esposo, para misturar as suas cinzas com as dele. Mas faz melhor: pela penitência, por uma entrega total de si mesma, sepulta-se tal como sepultou o seu Senhor, e aceita morrer n'Ele.

Ao pé da cruz renova a sua oferta, e é a si própria, mais do que as suas lágrimas e o sangue do seu coração, que derrama aos pés do seu Amado sofredor.

Outrora sentara-se aos seus pés para ouvir as suas palavras; essa era a sua «*parte*», que não lhe seria tirada. Levantou-se dos seus pés apenas para os ungir em casa de Simão. Agora abraça esses pés na cruz. Amanhã tornar-se-á a lançar aos mesmos pés. Não consegue afastar-se deles; porque ali reconhece o seu verdadeiro lugar; ali pode dar livre curso à sua paixão de humildade e de amor. Madalena está sempre prostrada, sempre humilde, porque o amor se apoderou dela, e a sua própria vida já não lhe pertence.

STABAT MATER DOLOROSA

Junto à Cruz permanecia de pé a Mãe dolorosa,
chorando junto de Jesus até ao fim.

Oh, quão triste e aflita estava
aquela Mãe bendita,
do Filho Unigénito!

Cristo pende lá no alto em tormento;
Ela, cá em baixo, contempla as dores
do seu Filho glorioso agonizante.>

Haverá alguém que não chore,
vendo-se mergulhado em tão profunda miséria,
ao contemplar a Mãe de Cristo?

Poderá o coração humano deixar de participar
na sua dor,
na dor indizível daquela Mãe?

Só a liturgia, que esgotou o tema, pode introduzir dignamente um assunto oferecido às meditações dos séculos e ao salutar estremecimento dos corações. A Igreja ama este quadro; poder-se-ia dizer que o *Stabat Mater* é o reflexo dela própria, que é o seu hino de maternal dor e de glória sofrida.

Ela perscrutou as profecias; exclamou com Jeremias à sua grande antepassada: «*Grande como o mar é a tua ruína: quem te poderá curar?*» Aplica à Mãe das Dores, tal como aplica a Jesus, o que se diz da desolada

filha de Sião: «*Ó vós todos que passais pelo caminho, atendei e vede se há dor semelhante à minha dor.*»

Em tudo Maria é única; depois de Jesus e n'Ele, em razão das suas relações com a sua Pessoa sagrada e com a sua obra, supera toda a criatura associada ao destino da humanidade, quer no mérito quer na dor, assim como na glória futura. Ela é a Virgem, é a Mãe, é a Co-redentora; é a flor que abriu a sua corola apenas para o céu, é o sol que nos dá luz, a fonte que nos dá pureza, o sulco em que cresceu o pão da humanidade. É de vós, Maria, que vem a vida do mundo, porque «*Aquele que nasceu para nós quis ser vosso.*»

É natural que aquela que ocupa tal lugar não se separe, no momento da dor, nem da obra nem d'Aquele que a realiza. O que não sofreu ao dá-Lo à luz, diz um dos Padres, sofre-o agora enquanto Ele morre. Outrora sentira-O viver dentro de si; agora é dentro dela que Ele morre.

A infância, a vida escondida, a vida de pregação, tudo isso lhe pertenceu; mas quanto mais o fim exige a presença da Mãe!

A sua dor presente mede-se por aquilo que este Filho era para Maria. Ele era o seu Deus, e era carne da sua carne; fazia parte dela, e era uma das Três Pessoas divinas. Alimentou-O em nome da terra e do céu; viveu para Ele, que quis receber dela a vida, e para quem ela própria nascera. Viu as suas primeiras lágrimas, sorriu às suas primeiras palavras; guiou os seus primeiros passos, vacilantes como os nossos; ergueu nas mãos o tesouro desta alma que deu claridade à nossa carne outrora mergulhada nas trevas, e na qual Deus Se manifestou.

Dela Ele esperava tudo, porque estava predestinada a dar tudo. Durante longos anos nunca a deixou; mais tarde, ela seguiu-O; imaginamos as relações entre ambos durante aqueles três anos como um mistério que só os íntimos podem saborear, mas um mistério tanto mais doce quanto mais profundo. Agora Ele deixa-a; num só dia ela perde o seu Deus e o seu filho. A sua dor é humana apenas porque ela é humana; o objecto dessa dor ultrapassa a compreensão do homem.

E por isso os santos vêem Maria no Calvário como uma mulher ensanguentada. Está coberta do sangue do seu Filho, cujas feridas beija; do sangue da cruz, cujos sulcos percorre com os lábios; do sangue da terra orvalhada. Este sangue e a sua palidez fazem dela uma figura trágica, uma Níobe mais dolorosa do que Níobe, mas também mais terna e mais pura e, pela própria grandeza, mais acessível aos corações humanos.

Mas é sobretudo na sua alma que devemos ver a Virgem sangrar. Ela permanece ao pé da cruz; mas o seu coração está pregado nela com o do Filho e participa da infinidade da sua dor. Ele é a Vítima das cinco chagas; ela é a mulher das sete espadas. Ele é crucificado; ela é trespassada. Ele sofre a Paixão; ela sofre a compaixão. São uma só vítima.

Estão unidos por um esforço comum que os funde num só. Jesus olha para Maria pensando que ela O vê sofrer, enquanto Maria encontra em Jesus o reflexo da sua própria dor. Afligem-se mutuamente, consolam-se mutuamente. Ele não guarda só para Si tudo aquilo que a sua humanidade suporta. Essa humanidade veio de Maria: Maria tem direitos sobre ela, e Jesus não lhe recusa essa reivindicação.

Permite-lhe ver tudo, sentir tudo, provar tudo; deitar-se no leito da angústia, ser trespassada pelos cravos e rasgada pelos espinhos, lutar por respirar no sufoco e sentir a terrível câibra que atormenta o seu pobre corpo. Nada guarda para Si; tudo se reproduz nela. Quer que assim seja; deseja-o instintivamente.

Instintivamente? Sim, instintivamente enquanto filho de Maria; porque Jesus, como todo o homem em agonia, tornou-se de novo criança. Não devemos rezear atribuir a Cristo essas fraquezas enternecedoras que Ele próprio não ocultou no Horto. Se implorou a ajuda dos discípulos, não se mostra inflexível diante da sua Mãe.

Volta o rosto ensanguentado para aquele semblante onde viu pela primeira vez um sorriso humano; a Cabeça inquieta pela coroa de espinhos procura um ombro suave onde repousar. Como desejaria um beijo daqueles lábios!

No passado, não era talvez sua alegria esquecer, de tempos a tempos, que era um homem feito, para regressar ao seio da sua Mãe? Não encontrava ali o seu repouso, a sua Betânia permanente, onde podia esquecer as horas de tristeza e descansar da tensão constante da sua obra? A dignidade e a sublime virilidade do Filho do Homem não parecem incompatíveis com uma infantilidade terna que subsiste mesmo nos homens mais fortes e se manifesta nos momentos de sofrimento.

Com que alegria ela O teria recebido nos braços! E com que felicidade Ele se teria abandonado neles! Em breve, quando expirar, deixará pender a cabeça para ela e relaxará todo o corpo para o confiar aos seus cuidados na morte, como ela cuidara dele ao nascer. Esse será o seu momento; o corpo gelado será a sua porção, e então esses dois corpos, um apenas menos frio do que o outro, serão aquecidos por um só coração.

Podemos ainda recordar que, embora as dores de Jesus sejam incomparavelmente supremas, as de Maria têm duração mais longa. Maria sofrerá a morte do seu Filho, enquanto o Crucificado sofrerá apenas as agonias que a precedem; receberá em si o golpe da lança que trespassou o seu lado; as feridas que ela enxugar parecer-lhe-ão vivas, e na verdade viverão nela; o corpo rígido sobre os seus joelhos, a cabeça pendendo sem vida sobre o seu peito, despertarão estremecimentos de dor no seio daquela que lhes dera vida; e — estando ainda a ressurreição escondida atrás de uma nuvem — ela reviverá a sua morte quando O levarem ao túmulo.

E mais tarde, quantas vezes recordará estas memórias! Vê-la-ão vaguear pelas ruas de Jerusalém, procurando os vestígios da sua Via Dolorosa; demorando-se nos lugares onde Ele caiu; reencontrando o seu olhar nas encruzilhadas ou na Porta de Efraim; juntando-se ao grupo de mulheres a quem Ele dirigiu o seu último discurso; subindo lentamente a encosta do Gólgota, fechando os olhos para melhor ver, caminhando em silêncio para melhor ouvir, e chegando por fim ao lugar da Cruz, ali permanecendo em longa e profunda meditação.

Então viverá apenas para amar ao preço do sofrimento; agora, toda a sua vida se consagra ao sofrimento para amar ainda mais. Então, a sua dor prolongar-se-á por causa da Obra; agora, é imensamente intensa por causa da Pessoa, em razão do vínculo que a une a Ele.

Mas certamente também a Obra tem a sua parte na dor presente. Maria não estaria unida a Jesus se não se consagrasse, e com ela a sua dor, à causa pela qual Ele morre. A cruz é um altar; e a Vítima deve encontrar um altar também em Maria, o altar do seu coração.

Pois para que foi ela feita, senão para esse consentimento que foi a causa próxima da Encarnação, senão para essa cooperação que depois lhe caberia oferecer? Se Jesus é o segundo Adão, não é ela a segunda Eva? Conhece a sua vocação. A espada de Simeão não esperou pelo momento do Calvário. E mesmo antes de Simeão, não houve já a doce tristeza da manjedoura, a Anunciação ao mesmo tempo exquisita e trágica?

Era um Menino crucificado aquele que ela trazia no ventre. Alguns pintores representaram Jesus descendo ao seio de sua Mãe num raio de luz, como uma criança trazendo a cruz sobre o ombro. Têm razão. Maria gera a morte para gerar a vida; o leite do Menino é prenúncio do fel e do vinagre; a pobre manjedoura é o primeiro «madeiro»; o próprio Jesus não considerará impróprio anunciar a Maria estes acontecimentos cruéis, que os seus olhos silenciosos já haviam revelado.

Terá alguma vez a intimidade entre ambos sido tranquila e livre de apreensões? Feliz era, sem dúvida, mas com aquela felicidade austera dos heróis que conhecem o peso do seu destino e o preço formidável da sua glória. Jesus estava sempre a morrer, e Maria sempre a consentir no seu sacrifício; aceitara a sua parte, que era contribuir para tudo; erguera a cruz na sua vontade antes de a ver no Calvário; em espírito já enterrara o seu Filho.

E hoje nada retira ao seu consentimento; pelo contrário, intensifica-o. A dor de Jesus é voluntária nela como n'Ele. Maria, tal como o seu Filho, poderia dizer: «Ninguém me tira a vida; sou eu que a dou por mim mesma, e tenho poder para a retomar.» A alma de Jesus pertence-lhe; ela entrega-a. É a sua hora, tal como é a hora de Jesus. A serva do Senhor continua o seu serviço até ao martírio. Aquela que não esteve presente no Tabor permanece junto da cruz; aquela que se mantivera afastada da procissão dos ramos corre ansiosamente para o altar. A heroína do *Stabat*, a «Mãe das Dores», não será apenas uma Níobe santa; é a nova Eva, aquela que juntamente com

o seu Criador recria o género humano e redime as almas dos homens dando-lhes o seu Filho.

STABAT MATER DOLOROSA

Junto à Cruz permanecia de pé a Mãe dolorosa,
chorando junto de Jesus até ao fim.

* * *

Mas, por mais sem limites que seja a dor de Maria, não será ela suavizada por um sentimento interior que lhe traz uma consolação inexprimível? Devemos acreditar que sim, se é verdade que Maria está plenamente unida a Jesus e consagrada à sua obra. Quem poderá guiar-nos nestes mistérios para além do que o homem pode sondar?

Veremos que Jesus possui o seu céu interior, mesmo durante a Paixão. Isto não é verdade de Maria, porque esse era um privilégio pertencente a Ele na sua qualidade de Filho de Deus. Mas, ao entrever esse céu d'Ele, não o torna ela um pouco seu também? Nada em Jesus lhe é estranho; o seu coração une-se a esses transportes secretos que em Jesus Cristo são profundezas insondáveis.

Da mesma forma, embora o futuro seja constrangido pelo plano da redenção a respeitar a sua dor presente, esse futuro é conhecido de ambos; por detrás da cruz vêem os frutos e as glórias da cruz, e não será isto um mistério de alegria que alivia um mistério de dor?

Lendo na alma do seu Filho, Maria vê para além da Paixão e descobre uma zona de luz; as suas lágrimas são proféticas; Deus, que colocou essas lágrimas no seu coração, colocou também nele o conhecimento do dia seguinte. Ela sabe; espera; e o seu sofrimento em Jesus é temperado pela esperança.

Jesus disse aos Doze: «*A vossa tristeza converter-se-á em alegria.*» Quanto mais não diria isto à sua Mãe! Quando as suas dores terminarem, o universo espera Maria com uma grande aclamação. Se o *Magnificat* cede

agora lugar ao *Stabat*, este transformar-se-á por sua vez num *Magnificat* ainda maior, ao qual o mundo inteiro emprestará a sua voz jubilosa.

O Todo-Poderoso, que realizou grandes coisas em Maria, por meio dela realizará ainda maiores. «*Formosa como a lua, brilhante como o sol, terrível como um exército em ordem de batalha*», ela mudará com o seu Filho o destino das nações, e o Calvário será para ela a recordação de algo já passado.

Devemos imaginá-la, portanto, chorando e ao mesmo tempo arrebatada num êxtase que ultrapassa infinitamente as dores do momento; ela está como que num sonho. Há realidades tão agudas que obrigam a alma a ir para além delas. Mas o sonho de Maria não é uma alucinação povoada de fantasmas; é o sonho da criação — ou antes, é esse sonho divino remodelado e restaurado após o pecado do homem: o sonho da redenção.

E agora um aspecto desse destino está prestes a revelar-se.

Jesus acaba de baixar o olhar para o grupo reunido em torno da cruz. Vê a sua Mãe; vê João, talvez naquele instante fazendo algum gesto filial para com ela. Movido pela profunda afeição que sente por estes dois seres humanos, e por todos aqueles de quem eles são para Ele símbolo vivo, associa-os numa dessas raras interrupções do seu silêncio conhecidas como as «*Sete Palavras*».

Parece reprimir a sua emoção; fala gravemente; não chama a Maria sua Mãe, com receio de lhe partir o coração; mas, usando a fórmula solene e quase impessoal que indica a sua função oficial, diz: «*Mulher, eis o teu filho*», e a João: «*Eis a tua Mãe.*»

A Igreja sempre entendeu que aqui João representa todos os homens. Maria é-lhe confiada pessoalmente, e Maria adota-o pessoalmente; ele é parente próximo de Jesus, e Jesus, modelo dos filhos, substitui-se a si mesmo nele. Mas o vínculo assim criado é também um símbolo. Maria recebe do seu Filho todo o género humano para guardar e amar como filhos seus; o género humano recebe Maria como herança; esta despedida tão terna e comovente de Jesus contém um último mistério de amor.

Não é este o momento de dizer tudo o que está implicado neste dom múltiplo; recordemos apenas que, se para nós é um privilégio terníssimo e precioso, para Maria é uma associação mais explícita e evidente com Jesus Redentor. Jesus pede à sua Mãe que adopte os seus «irmãos»; ela deve agora olhar não só para a cruz e para o túmulo, nem apenas para o lugar da ascensão e da glória, mas para o palco onde a grande Obra será representada, Obra que exige a sua cooperação terna e poderosa.

Maria consente; Maria aceita a sua missão. Não precisa dividir-se em duas, não precisa renunciar às suas lágrimas e deixar sozinho na sua dor o Filho de quem recebeu o legado. É n'Ele que ela vê todas as coisas; mais uma vez mergulha nesse abismo do seu amor que contém todos os mistérios; recebe Jesus tal como Ele é, tanto na sua Pessoa como na sua função; a nova Eva une-se ao novo Adão, quer seja no leito da dor, quer seja nas gerações em que viverá a sua posteridade.

Feito o seu testamento, Jesus volta ao seu silêncio, e Maria à sua meditação. Não pode protestar, não pode dizer «Não»; nem, sem angústia, pode dizer «Sim». A substituição de um homem pelo seu Filho divino, de uma multidão inteira pelo Unigénito — será isto motivo de alegria? O presente não tem o direito de lhe ocultar o futuro; ainda menos o futuro tem o direito de a arrancar ao presente. Que mais pode ela fazer senão permanecer de pé, corpo e alma, sempre serva submissa do Senhor?

STABAT MATER DOLOROSA

No tempo de David, em Gabaon, a trágica Resfa vigiava junto do patíbulo onde dois dos seus filhos inocentes expiavam o crime do povo. Era no começo da ceifa da cevada, um pouco mais tarde no ano do que a Paixão de Jesus. E Resfa tomou um pano de cilício e estendeu-o sobre a rocha; fez dele a sua morada, e não permitia que as aves do céu devorassem os seus filhos.^[13]

A Resfa do Calvário não tem a mesma liberdade; não pode afastar os abutres; e deixa o ódio despedaçar o corpo do seu Filho. Mais ainda: toma parte, não no crime, mas no desígnio misericordioso do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Esposa do Espírito criador que renova a natureza do homem; mãe do Filho, o Homem novo; filha do Pai de quem tudo procede, Maria assiste a esta Família divina na qual a sua vocação sobre-humana a introduziu. Realiza uma obra divina, é auxiliar de Deus, e podemos acreditar que, quando o Salvador agonizante entregar o seu último pensamento juntamente com a sua alma, ela será movida pelo Espírito a dizer com Ele: «*Pai, nas tuas mãos entrego o meu Filho.*»

CAPÍTULO VIII

OS SEUS INIMIGOS

Depois de os amigos de Jesus terem passado diante dos olhos do Crucificado e dos nossos, chega agora a vez dos seus inimigos. Estes vinham de longe; mas a sua oposição a Jesus atinge a tensão extrema no fim, e a Paixão não é senão a fase final de uma longa crise moral, a explosão provocada por dois fluidos que reagem um sobre o outro.

Eis os inimigos — se assim os podemos julgar — por ordem crescente de culpa: os soldados, a multidão, Pilatos e Herodes, os chefes judeus, Judas.

Os soldados que encontramos na Paixão são soldados romanos; não os *equites* das gloriosas legiões romanas, mas mercenários, provavelmente recrutados nas regiões vizinhas e, portanto, talvez não inteiramente livres das paixões e preconceitos judaicos. O governador tinha a sua coorte, que guardava a sua pessoa e assistia ao seu tribunal. A Antónia era uma fortaleza e a presença do Procurador fazia dela o lugar do Pretório; este incluía uma guarnição, uma guarda pessoal e outros servidores encarregados de executar as sentenças.

Mas estes homens, cujo comportamento será tão selvagem e desumano, não são, em si mesmos, responsáveis pela Paixão. Obedecem a ordens; julgam não fazer mal algum ao executar uma sentença pronunciada conjuntamente pela autoridade judaica e pela de Roma. Estes dois poderes assumem toda a responsabilidade — a execução material das suas ordens poderia considerar-se apenas uma cooperação inocente.

As palavras de perdão do Salvador: «*Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem*», parecem ter sido dirigidas principalmente aos seus executores, embora devamos sem dúvida alargar o seu sentido a outros. Neste caso, porém, no que toca apenas aos soldados, o veredicto pronunciado da cruz seria um juízo exacto de justiça. Pede-se perdão para eles: logo, são culpados; mas diz-se que não sabem o que fazem: logo, a sua

culpa não está propriamente no acto que executam, mas na maneira como o executam.

A culpa destes miseráveis está no entusiasmo com que levam a cabo o plano criminoso dos judeus, na crueldade vil e insolência bárbara com que acrescentam os seus próprios excessos ao crime dos outros. São eles os primeiros a necessitar deste perdão sublime.

Quando Jesus olha para estes homens, e quando contempla a Antónia a cerca de quatrocentos metros à sua esquerda, poderá esquecer o que sofreu à sombra dessas muralhas cruéis? A flagelação tivera lugar apenas três horas antes; e ainda lhe queima a carne; acabava de ser renovada quando lhe arrancaram as vestes, ainda pegadas às feridas. Há motivos para pensar que se realizou em condições mais cruéis do que a lei exigia; e porquê, senão porque a besta humana tem sede de sangue, e estes homens soltaram a fera que traziam dentro de si?

Não bastava já terem flagelado o condenado até ele quase deixar de sentir? Correias finas que cortam, serram e rasgam; correntes de ferro carregadas de metal que esmagam e abrem a carne; pontas agudas que perfuram e chegam ao osso: tal é o suplício que a sábia lei romana reservava aos escravos, como preparação para a morte mais terrível inventada pelo homem, morte cujas etapas constituíam uma refinada graduação de tormentos.

Não bastava isto, esta antecipação de um martírio cruel, esta infligida selvajaria calculada ao máximo? Mas os soldados encontram ainda maneira de o ultrapassar; à dor que se poderia chamar necessária acrescentam algo mais, e tão implacável é a sua brutalidade que ainda têm coragem para troçar da vítima ofegante.

A cena do corpo da guarda está ainda diante dos olhos de Jesus; vê-a de novo e prova-lhe toda a amargura em plena agonia da morte; e esta cena deve-se inteiramente aos esbirros de Pilatos.

Jesus foi provavelmente flagelado ao ar livre, no *lithostratos*, diante do tribunal (*pro tou bēmatos*); ou, pelo menos, numa sala exterior. Quando supostamente vai voltar a vestir-se, o destacamento encarregado da

execução apodera-se dele, conduzindo-o ao *Pretório*, neste caso um pátio interior, onde toda a coorte está reunida para assistir à diversão.

Ele chama-se rei. Muito bem, dar-lhe-ão então os emblemas reais. Um deles tira o manto e lança-o sobre os ombros ensanguentados: servirá de púrpura. Vêem um ramo espinhoso nos arbustos, que torcem em forma de diadema; e talvez, como sugere Calmet, os espinhos estivessem floridos nessa época do ano, de modo que parecesse uma grinalda: eis o rei, alegre e glorioso. Uma cana servirá de ceptro, e colocam-lha nas mãos manietadas, ou ele recebe-a passivamente na mão direita.

Então rebentam em gargalhadas e começam a bater-lhe. A coroa, que tinham pousado levemente na cabeça para não se picarem, é agora cravada pelos golpes das canas; fazem chover pancadas sobre este falso potentado que não tenta defender-se; cospem-lhe no rosto e, desfilando diante dele, disputam entre si quem inventa o sarcasmo mais original, a nova variante do seu tema cruel. «*Aproximavam-se dele e diziam: Salve, rei dos judeus!*»^[14] «*E, dobrando os joelhos, adoravam-no*»^[15], acrescentando às homenagens irônicas os escarros e as pancadas.

Foi sugerido que estas farsas de corte faziam parte da rotina habitual; citam-se exemplos na Pérsia e até na própria Palestina; alguns chegaram mesmo a pensar que se tratava de um rito. Na melhor das hipóteses, isso seria apenas uma circunstância atenuante; continua a ser verdade que este procedimento bárbaro é uma das cenas mais revoltantes da Paixão.

Quando chega o tormento final da cruz, já não é preciso aos soldados inventar novos horrores; ela possui uma atrocidade própria. Mas o escárnio continua: «*Os soldados também troçavam dele... dizendo: Se és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo!*»^[16]

Parece ter sido sobretudo esta ideia de realeza que impressionou estes pobres miseráveis; vêem em Jesus apenas um pretendente vencido, um camarada que tentou sair da sua condição e a quem eles se comprazem em recolocar no seu lugar. A multidão tem estes mesmos sentimentos; está obcecada pela ideia de uma igualdade nivelada por baixo. «*Quem se exalta será humilhado*»: tem a sua própria maneira de aplicar este princípio.

Não há nada que estes brutos não transformem em troça, até mesmo o alívio que lhe concedem quando lhe oferecem de beber. Parecem dizer-lhe: «*Tens sede de consolação, tu, rei dos judeus? Porque não usas também para isso o teu poder?*»

Notemos, contudo, que o seu escárnio não parece excluir inteiramente todo o sentimento de humanidade; mas a troça estraga tudo e, pela sua própria vulgaridade, ofende o nosso sentimento de reverência.

O tormento da sede era um dos piores sofrimentos dos crucificados; e os soldados sabiam-no. Tinham bebida à mão. No Oriente, o cântaro é sempre um objecto necessário quando se permanece muito tempo no mesmo lugar; e a permanência no Calvário prometia ser prolongada, além de o tempo estar abafado.

São João diz-nos que havia ali «*um vaso cheio de vinagre*», isto é, água acidulada, a *posca* romana; e a boca do recipiente estava provavelmente tapada com a esponja que utilizarão para dar de beber ao Sofredor.

Quando o Salvador confessa a sua angústia, parecendo pedir alívio com as palavras: «*Tenho sede*», os soldados não recusam partilhar a sua bebida com Ele; mas ao mesmo tempo aquilo diverte-os: «*Estamos a dar de beber ao rei dos judeus!*» E riem-se como se se tratasse de uma piada oportuna.

Um novo incidente aumenta a alegria deles. Jesus acaba de pronunciar o grito trágico: «*Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?*», que em aramaico é: *Eli, Eli, lamma sabachtani?* Ora os judeus presentes conhecem perfeitamente estas palavras, porque são o versículo inicial de um salmo^[17]; mas fingem pensar que Jesus está a chamar por Elias. Não podem enganar-se realmente, porque Elias é *Elijah*, e não *Eli* ou *Eloi*; fazem um trocadilho que lhes parece oportuno.

Elias, segundo a crença dos judeus, devia ser o precursor do Messias, e aqueles que atribuíam ao Messias origens pobres e modestas acreditavam que Elias viria exaltá-lo e manifestar a sua glória. Assim, era uma bela ironia dizer: «*Ouvi este Messias aflito a pedir auxílio a Elias; Elias há-de vir certamente!*»

E os soldados, ouvindo isto e talvez sendo naturais da região e compreendendo a alusão, entram também na brincadeira; e quando um deles toma a esponja embebida na *posca* e a coloca numa cana para a elevar até aos lábios abrasados, os outros gritam-lhe: «*Deixa ver se Elias vem libertá-lo!*»^[18]

E ele, como retomando o refrão mas dando-lhe outro matiz de sentido, responde: «*Esperai, vejamos se Elias vem tirá-lo da cruz!*»^[19], como quem diz: é preciso dar tempo a Elias para vir, e portanto devemos ajudar o sofredor a durar um pouco mais.

Gostaríamos de supor que é o respeito humano ou a necessidade que levam o soldado a falar assim; que, na realidade, ele está movido pela compaixão e procura forçar a mão aos companheiros. Dois dos evangelistas representam-no «*correndo*» para cumprir este gesto; e só o zelo corre, enquanto a ironia procura prolongar o suplício. Se este soldado fosse uma espécie de Bom Ladrão tímido, ou ao menos um homem simples tocado de piedade perante tanto sofrimento, compreender-se-ia porque o doce Salvador acolheu o seu gesto com benevolência. Jesus, sempre pronto a apreciar o menor átomo de bondade, bebe da esponja com uma espécie de alegria, que é já recompensa.

O último acto dos soldados antes da morte do Salvador é a divisão das vestes. Não se trata aqui de um novo ultraje; era um privilégio reconhecido. Um rescrito de Adriano, alguns anos mais tarde, regulamentará esta prática, ordenando que os despojos legítimos consistam apenas nas roupas do condenado, juntamente com os pequenos objectos e moedas que trouxesse consigo no momento da prisão; mas não jóias preciosas nem bolsas recheadas.

Estremece-se ao pensar que semelhantes brutamontes irão vestir as roupas que cobriram o Corpo adorável; esta profanação revolta-nos. Mas estes pobres soldados não podem ser responsabilizados; nisto, como em tudo o mais, «*não sabem o que fazem*».

Estas palavras da cruz, que constantemente nos voltam ao pensamento, parecem exprimir perfeitamente o que o Crucificado sentia em relação aos seus executores. Não os amaldiçoa; aos seus olhos são instrumentos da sua

Paixão, como os martelos, os cravos e as cordas, salvo que possuem uma alma, e Ele ama-os.

Sem os inocentar, a necessidade sagrada da sua morte protege os executores aos seus olhos; vê-os como abrigados sob «*a vontade do Pai*». Quase desejaria agradecer-lhes por o terem «*levantado da terra*», para que pudesse «*atrair tudo a si*»; e quanto ao que provém da iniciativa deles próprios, os episódios do corpo da guarda da Antónia, não lhes estará agradecido por terem dado ao mundo — melhor ainda do que Verónica — uma imagem que jamais esquecerá?

Ecce Homo! «*Eis o Homem!*» A quem devemos esta imagem do homem que é Deus e nosso irmão, esta encarnação da dor meritória, desta realeza vencida pelo amor? Foi certamente o Anjo da Paixão, mais do que um bando de mercenários, quem delineou esta figura nobre! A piedade das gerações gravou-a nas almas; a arte, até mesmo a arte profana, nunca se cansa de a contemplar e glorificar, e chegará o dia em que a impressão de sublimidade será tão forte que fará desaparecer o horror.

* * *

A multidão do Calvário não é inteiramente hostil; mas ocupamo-nos aqui apenas da parte hostil. E esta predomina agora, como sucede sempre quando adquire importância numérica e quando os seus chefes já lançaram a palavra de ordem.

O espantoso é que tenha sido possível mobilizar contra Jesus tantas pessoas que, por razões diversas, deveriam ter sido suas amigas. Nada tinham recebido dele senão benefícios; as suas palavras tinham despertado os seus corações adormecidos; a sua bondade conquistara-lhes a afeição; os seus milagres haviam suscitado admiração; a sua condenação dos abusos não podia deixar de lhes merecer simpatia; e as suas promessas de felicidade, mesmo não sendo acreditadas, ao menos acariciavam os seus sonhos.

Qual é então a sua queixa? Que os chefes dos judeus odiassem Jesus é talvez compreensível, mas a hostilidade da multidão permanece um

mistério muito mais profundo. Só no último momento ela se manifesta, e apenas sob o estímulo e incitamento dos sacerdotes.

No começo do seu ministério sagrado, Jesus aplicara a si mesmo as palavras do profeta: *«O Espírito do Senhor está sobre mim. Por isso me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me a curar os contritos de coração, a anunciar libertação aos cativos e vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a proclamar o ano favorável do Senhor e o dia da recompensa.»*^[20]

Este programa despertara enorme entusiasmo. É verdade que algumas das suas repreensões causaram irritação, e que entre os seus próprios conterrâneos Jesus já experimentara algo da inconstância humana; mas, no conjunto, fora bem recebido pelas multidões.

Se se queixava da sua tibieza e incredulidade, do egoísmo e das exigências deles, não lhes atribuía contudo sentimentos hostis. Muitas vezes fora aclamado; quiseram fazê-lo rei; era recebido e acolhido com gratidão e, nestes últimos dias, desde a ressurreição de Lázaro, o amor do povo por Ele parecia ter atingido o auge.

«Um grande profeta surgiu entre nós! Deus visitou o seu povo! — Fez tudo bem! — Nunca homem algum falou como este homem! — É Elias; é João Baptista ressuscitado, ou um dos profetas! É o Messias: Hosana ao Filho de David! Bendito o que vem em nome do Senhor!» Tais eram os clamores que o saudavam.

Mesmo durante a própria Paixão, na casa de Pilatos, a multidão não parece inicialmente mal disposta. Os chefes não a tinham convocado; dificilmente o fariam! Se não fosse Judas e a ocasião que ele lhes proporcionou, teriam de bom grado adiado a satisfação do seu ódio para evitar precisamente esta concentração popular. *«Não durante a festa»*, diziam eles, *«para que não haja tumulto entre o povo.»*^[21]

A multidão reuniu-se por iniciativa própria; tinha o direito de pedir a libertação de um prisioneiro naquele dia, e vinha reclamar esse direito. Talvez pensassem em Barrabás, talvez em Jesus, que naquele momento aparecia diante do tribunal.^[22]

Infelizmente para a escolha popular — ou para a sua constância — os chefes intervêm; têm tempo para o fazer, pois é precisamente o intervalo durante o qual a esposa do procurador interrompe o processo. As explicações trocadas entre o casal devem ter levado alguns instantes, e era natural conceder-se algum tempo aos reclamantes para decidirem a sua escolha.

Pilatos acaba de lhes apresentar a alternativa: «*Qual dos dois quereis que vos solte?*», e já lhes indicara para onde se inclinava a sua preferência: «*Quereis que vos solte o rei dos judeus?*»^[23] Entregues a si mesmos, os judeus poderiam ter respondido afirmativamente; mas os chefes excitam-nos agora; os sumos sacerdotes dominam-nos, apesar das suas queixas; além disso, Pilatos irritou-os ao referir-se por duas vezes, em tom jocoso, ao «*rei deles*».

Rei, rei, sempre este rei! E um rei derrotado, ainda por cima! Desperta-lhes mais escárnio do que piedade: um Messias acorrentado diante de um governador romano! Eis, aos olhos destes israelitas — que ontem estavam entusiasmados, há poucos momentos hesitavam e agora se tornam de súbito hostis e furiosos — o núcleo da questão.

As multidões não gostam de ser desiludidas; e o homem que as decepciona pode passar num instante da condição de herói nacional ao nada, e até a menos do que nada. As simpatias da multidão estão sujeitas a bruscas inversões. Muitas quedas estrondosas na história deveram-se apenas a isto.

Pense-se no que representava para os judeus ver Jesus naquele estado diante de Pilatos, sem contar as outras acusações que essa situação tornava facilmente credíveis. O Libertador do povo eleito aparecendo como chefe de sedição diante de um tribunal romano e incapaz de se defender da acusação! É o «*escândalo da cruz*» antecipado, e compreende-se que uma multidão enfurecida o abandone ao seu destino.

Da desilusão passam ao despeito, do despeito à cólera, e sob o estímulo incessante dos seus chefes iníquos são facilmente levados ao paroxismo. A palavra «*cruz*» foi pronunciada; a multidão repete-a. A pena da crucifixão fora tantas vezes aplicada aos judeus que eles se espantam da hesitação do

governador. Uma vez rejeitado Jesus, Ele não é já para eles senão um agitador e um inimigo do Império.

«*Que quereis que faça dele?*», pergunta Pilatos. — «*Aquilo que fizeste a tantos outros*», respondem: «*Crucifica-o!*»

Consumada esta mudança de sentimento, o gosto do sangue começa então a embriagar a multidão; um frémito de crueldade percorre-a inteira; a todas as novas perguntas ou objecções do governador a turba enlouquecida responde apenas com um clamor cada vez mais violento: «*Crucifica-o! Crucifica-o!*» E não fica por aí; envolve todo o povo (*ho laós*) na sua própria responsabilidade, e não apenas a geração presente, mas também a posteridade: «*O seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos!*»

E essa oração será atendida. Mas que tragédia para Aquele que quisera reunir este povo ingrato «*como a galinha reúne os pintainhos debaixo das asas*»! Veio trazer-lhes uma mensagem de felicidade, e eles odeiam-no e blasfemam. Mesmo que essa mensagem fosse apenas um sonho, era pelo menos um sonho de bondade; e a única resposta deles é o pesadelo da morte.

Este povo, que o aguardara e esperara durante tantos séculos, recebe-o e não o reconhece; Aquele que devia vir veio, e parte levando consigo todas as suas bênçãos. A sua nação despreza-o, mata-o, expulsa-o; mesmo morto, só o quer fora das muralhas. E enquanto Ele morre, zombam e troçam. Até aqueles que não foram vê-lo morrer estão lá, nos terraços das casas, agitando os braços e gritando como loucos. E Jesus, cuja cruz o eleva acima do nível das muralhas, consegue ver estes traidores do seu amor, estes inimigos distantes.

Quando o cortejo passou pela Porta de Efraim, aqueles que ali aguardavam desde que chegara a grande notícia do pretório, aqueles que tinham ouvido pronunciar a fórmula legal: «*Vai, lictor, prepara a cruz!*», devem ter rebentado novamente em tumultuosa fúria. Porque agora já não exprimiam desejos ou pedidos, mas a sua própria fúria.

A alegria cruel daquele dia subira-lhes à cabeça; a palavra «*cruz*» estava nos lábios de todos, assim como as palavras «*sangue*» e «*morte*»,

misturadas com «galileu», «rabi», «profeta», «Messias»; e cada palavra era pronunciada com escárnio.

Todo o instinto selvagem latente no coração humano estava desperto; as almas espumavam de raiva, e esta delegação antecipada do judaísmo de todos os séculos, representantes daqueles que em cada geração odiariam e combateriam Cristo, explodia num grito de alegria satânica.

As trevas e os outros prodígios que em breve aparecerão hão-de arrefecer este delírio frenético; um arrepio de medo atravessará a cidade; os corações pesarão; aqueles que agora aclamam a morte do Salvador baterão no peito: mais uma vez a multidão inconstante mudará, à sua maneira emocional e infantil.

E contudo o problema permanece: como foi possível esta transformação que acabámos de descrever? As explicações gerais não satisfazem o espírito; não haverá uma causa que talvez vá ao fundo das coisas?

Os místicos dizem-nos que uma grande queda moral é sempre precedida por causas ocultas; os homens caem porque são imperfeitos, e a ocasião apenas fornece a pedra de tropeço. Neste caso, a imperfeição consistia em que as massas judaicas daquele tempo careciam de verdadeiro espírito nacional, de profundo sentido moral e de autêntico sentimento religioso; eram inclinadas sobretudo à curiosidade mística e às práticas supersticiosas.

O êxito que Jesus alcançou entre elas devia-se ao interesse momentâneo e ao entusiasmo suscitado pelos seus milagres, ao fascínio do seu discurso, à satisfação sardónica de ouvir os seus chefes criticados e vê-los desafiados, ao ímpeto de uma imaginação cativada pelos próprios sonhos, mais do que a uma adesão verdadeiramente convicta.

Este povo fora deslumbrado, não convencido; e, vendo frustradas as suas expectativas carnavais sem se elevar ao ideal que as devia substituir, revolta-se contra Ele. Um Messias político, favorável ao fausto exterior, dispensador de benefícios tangíveis e visíveis — como a expulsão do jugo romano, a abolição dos tributos e o regresso dos judeus dispersos — eis o que teria conquistado estas tribos «*de dura cerviz*».

Mas os desígnios e a doutrina do Salvador não eram dessa natureza; e eis por que, logo que vêm as suas esperanças egoístas frustradas, as multidões se voltam contra Ele; o seu favor transforma-se em hostilidade; aquilo que Jesus deixa de lhes dar parece-lhes roubado das suas mãos, e o Messias dos seus sonhos surge-lhes agora como vítima deste Messias ridículo. Jesus é coroado de espinhos e recebe um ceptro de escárnio porque um dia recusou deixar-se fazer rei.

Não sejamos demasiado severos, nestes dias, para com uma multidão tão volúvel e finalmente tão cruel. Porque é a ela que devemos estes últimos dias de Jesus. É verdade que aclamou a sua morte, e que sem ela talvez Pilatos não tivesse cedido aos desejos do Sinédrio. Mas isso não é absolutamente certo; ao passo que é certo que, sem o entusiasmo do Domingo de Ramos e sem a popularidade anterior que servia de baluarte ao Mestre, Jesus teria sucumbido muito mais cedo à sua missão.

Quantas vezes não poderia a sua carreira ter sido abreviada! As armadilhas que lhe armaram fracassavam porque Ele tinha a simpatia e o apoio do povo. A sua reputação era a sua salvaguarda. Se as multidões tivessem permanecido silenciosas, teriam as suas respostas fulminantes triunfado? E quando ousou expulsar os vendedores do Templo, ter-se-iam contentado em perguntar: «*Com que autoridade fazes estas coisas?*» — se Ele não tivesse tido o povo do seu lado?

Não se tocava impunemente no Templo, ainda que fosse para o purificar; menos ainda se podiam afrontar reputações sacrossantas e privilégios dos quais toda a casta dirigente retirava os seus lucros, sem correr risco de morte.

Contudo, também aqui, como nos outros agentes da Paixão, nem tudo é deixado ao livre jogo das vontades humanas, sejam amigas ou hostis; a multidão — como os soldados — não é, em primeiro lugar, responsável pela morte de Jesus. Os actos dos homens pertencem-lhes, e deles prestarão contas; mas é através dos homens e dos seus actos que Deus governa o universo.

Tudo o que acontece no Calvário acontece em obediência à vontade de Deus; esta desordem faz parte do desígnio divino; este ódio é amor de

Deus; no decurso dos séculos em que se desenvolvem os efeitos da Paixão, o conflito das inteligências e o choque das vontades não passam do reflexo de uma ordem imutável; os desígnios da eternidade cumprem-se, e aos olhos de Jesus, como aos olhos daqueles que contemplam a cena, o tumulto da Porta de Efraim, como o tumulto dos séculos, é o tumulto de Deus.

* * *

Da sua cruz Jesus não pode ver Pilatos nem Herodes; vê apenas as suas moradas: a Antónia com as suas cinco torres e o palácio dos Hasmoneus, a sudoeste do patíbulo.

Jesus sempre desprezara o tetrarca incestuoso que mandara matar João Baptista; chamara-lhe «*essa raposa*», e desafiara-o a pôr termo à sua obra antes do momento que Ele próprio determinara.^[24]

Quando Pilatos o envia àquele monarca infame, procurando desembaraçar-se de uma situação difícil, Herodes não parece mostrar-se duro para com Ele, nem sequer recordar os seus antigos projectos contra o Salvador; era demasiado frívolo! Fica até «*muito contente*» por vê-lo; «*havia muito tempo que desejava vê-lo, porque ouvira dizer muitas coisas a seu respeito*».^[25]

No entanto, mandara reunir a sua guarda; talvez porque temesse vagamente algum poder misterioso; talvez porque desejasse que os soldados partilhassem um espectáculo interessante. Em todo o caso, esperava ver «*algum milagre*». Queria um prisioneiro divertido, assim como a multidão queria um Messias glorioso; nisso é semelhante ao povo, e também no facto de falar muito: põe-se a interrogá-lo «*com muitas palavras*».

Mas Jesus cala-se.

Oh, esse silêncio! Como é esmagador e humilhante para o tirano insolente, e quão instrutivo para nós!

Uma vez que Herodes não possui autoridade religiosa, Jesus não tem motivo para lhe explicar a sua missão; a verdade de nada lhe serviria,

porque ele não é sincero; um milagre seria apenas um suborno e equivaleria a tentar Deus.

Jesus encerra-se no seu silêncio; resigna-se humilde e pacientemente, mas não se entrega.

E agora Herodes, desprezado pela segunda vez, responde ao desprezo com desprezo. Sem dúvida odeia Jesus secretamente — há um tigre escondido por detrás daquela aparência frívola — mas disfarça a sua cólera; mostra apenas o seu desdém e, julgando dar um desfecho espirituoso à entrevista, manda reconduzir o pretendente revestido com uma veste esplêndida, uma túnica festiva semelhante às que os príncipes usam no dia da sua investidura.^[26]

O Evangelho diz-nos que Pilatos e Herodes estavam então desavindos. Jesus, como galileu, estava sujeito à jurisdição de Herodes, mas, tendo sido preso na Judeia, encontrava-se à disposição de Pilatos; por isso, o governador, ao enviá-lo ao tetrarca da Galileia, não apenas se desembaraçava de um prisioneiro incómodo, mas fazia também uma amável deferência a Herodes.

Herodes sente-se lisonjeado e responde com um gesto que declina a honra; julga de certo modo o caso e, ao mesmo tempo, retribui a cortesia; e é por isso — observa o Evangelho — que desde aquele dia se tornaram amigos.

Os amigos gostam de brincar entre si. Mas Herodes não se deixa enganar por semelhante assunto. Sabe perfeitamente o que pensar da «*realeza*» deste pobre visionário! Não passa de um brinquedo com que se podem divertir enquanto Pilatos, político experimentado, decide o que há-de fazer dele. Que faça como entender!

E assim o Salvador do mundo torna-se divertimento de príncipes frívolos, enquanto a fúria da multidão rugue em redor como acompanhamento.^[27]

O papel de Pilatos no drama é mais importante do que o do tetrarca; por isso ocupa lugar mais destacado nos nossos pensamentos, como também

nos de Jesus. Contudo, Jesus fala dele com indulgência. Também este romano tem uma função providencial a desempenhar. «*Não terias poder algum sobre mim*», diz-lhe o Salvador, «*se do alto te não tivesse sido dado.*»^[28]

A propósito destas palavras, Pascal faz a seguinte reflexão:

«*Jesus não quis morrer sem as formas da justiça; porque é mais ignominioso morrer às mãos da justiça do que às mãos de uma multidão desordenada.*»^[29]

Duas sentenças já tinham sido pronunciadas, mas nenhuma era sentença de morte; e era necessário que tudo se fizesse segundo a lei, para que se pudesse dizer que Jesus era culpado; para que fosse tratado como culpado, no quadro da substituição misericordiosa pela qual devia salvar as almas dos homens.

Contudo, na ordem temporal do plano divino, cada homem conserva a sua responsabilidade, e o Salvador não absolve Pilatos da sua culpa; diz apenas que a sua culpa não é tão grande como outra culpa, uma culpa única — a de Judas.^[30]

Façamos a justiça de reconhecer que Pilatos percebeu perfeitamente o jogo do Sinédrio. As primeiras palavras deles já o tinham denunciado. Quando lhes pergunta: «*Que acusação trazeis contra este homem?*», respondem com uma altivez impaciente que, naquela circunstância, se torna suspeita: «*Se este homem não fosse um malfetor, não to entregaríamos.*» Esperavam apenas uma confirmação formal da sentença já pronunciada.

Compreendendo a situação, Pilatos começa então a manobrar para libertar o prisioneiro; mas o seu sentimento de justiça não tem raízes profundas; a violência e a obstinação acabarão por vencê-lo. Este político que gostaria de fazer o que é justo não pertence à raça daqueles que se expõem à ruína ou ao perigo por amor da justiça; é favorável à justiça quando ela nada custa; está pronto para qualquer compromisso que a sua tranquilidade ou o seu crédito junto do Imperador exijam. E é nisso que consiste o seu crime.

Uma comparação dos relatos evangélicos permite-nos formar ideia bastante exacta do que então se passa. Os membros do Sinédrio, convidados a explicar-se, apresentam três acusações contra Jesus: perturba a ordem pública; proíbe o pagamento do tributo; afirma ser Cristo Rei.

Pilatos, bom jurista e romano prático como é, vai directamente ao essencial. Considera apenas a última acusação, da qual dependem as outras.

Interroga Jesus, e as respostas que recebe convencem-no de que se trata de uma realeza mística da qual o Estado nada tem a temer, e na qual um juiz político não tem que interferir. Declara que, quanto a ele, não encontra culpa naquele homem.

Para reforçar a sua posição, tenta fazer Jesus falar diante dos chefes do seu povo, para os reduzir à confusão e pôr a descoberto os sentimentos que os animam.

Jesus não pronuncia uma palavra, e Pilatos admira-se, porque lhe está a oferecer uma oportunidade de salvar a vida. Mas Jesus já aceitara a morte; não tem intenção de se defender; a sua missão está consumada e espera apenas o selo final; a ideia de discutir questões judaicas com aquele estrangeiro repugna-lhe; já dissera o suficiente para esclarecer uma consciência recta e permitir-lhe evitar uma sentença injusta; isso basta-lhe, e desde então permanece em silêncio.

Pilatos começa então a admirá-lo. Poucos acusados desprezam tanto a vida; nenhum jamais assumira atitude tão nobre. Gostaria de salvar este «*justo*», como o chamará mais tarde o seu centurião, e como ele próprio em breve o chamará; mas quer salvá-lo sem provocar queixas contra si mesmo e sem se expor a acusações perante o tribunal de César.

Dirige-se então à multidão. Compreendeu que aí está o ponto decisivo da discussão; que a «*inveja*» do Sinédrio se dirige contra a popularidade de Jesus e contra a difusão de ideias que ameaçam a sua própria influência. É um bom movimento; porque será difícil aos acusadores confessarem os seus verdadeiros sentimentos e oporem-se abertamente aos desejos do povo.

Mas, para que a manobra tivesse êxito, seria preciso falar-lhes de modo a não alienar as suas simpatias; e é precisamente isso que Pilatos não faz, dominado pelo seu desprezo irreprimível por aquela plebe judaica.

«*Quereis que vos solte o rei dos judeus?*» — «*Que farei do vosso rei?*»
— «*Hei-de crucificar o vosso rei?*»

Tudo isto é dito com intenção de escárnio, e Pilatos engana-se se pensa que eles não o percebem. Um apelo aos seus bons sentimentos talvez pudesse ter salvado tudo; a ironia apenas precipita a crise.

Entretanto, os sumos sacerdotes não perderam tempo; durante as interrupções da audiência e dos interrogatórios, e enquanto Pilatos e a mulher conversam acerca de um sonho, trabalharam as paixões da multidão, excitando-lhe a vaidade, acusando Jesus de mil crimes; e quando o governador insiste: «*Mas que mal fez Ele?*», ninguém já está disposto a discutir; o ódio rompe todas as barreiras e a torrente desencadeia-se.

O envio do prisioneiro a Herodes não melhorou a situação; pelo contrário, deu mais tempo para inflamar as paixões. Também de nada serve propor uma pena mais branda. Essas concessões apenas arruínam as últimas possibilidades de salvação, porque mostram à audácia que ela venceu.

Depois da flagelação — e isso já significava que Jesus estava abandonado, porque segundo a lei era o prelúdio habitual da pena capital — Pilatos faz uma derradeira tentativa de negociação, procurando evitar o crime supremo.

Observa o que os soldados fizeram no corpo da vítima, o estado em que reduziram o prisioneiro; não os censura; sem dúvida considera aquilo natural, e talvez julgue que tal espectáculo poderá ajudá-lo.

«*Ecce homo!*» — «*Eis o homem!*» — «*Eis o vosso rei!*»

Mas já é tarde; mostrar sangue a um tigre é um erro. A multidão está fora de controlo; ruge; apela para César.

E tudo termina aí; o nome de César é onipotente; é mais forte do que uma consciência como a de Pilatos; doravante Jesus tem tudo contra si, excepto a justiça; e a justiça não possui força suficiente sobre um ambicioso fraco, despreocupado e amante do conforto, para o levar a desafiar uma coligação que agora se tornou ameaça.

Pilatos «*decretou que se fizesse como eles pediam*».^[31] Em vez de juiz, torna-se executor; ele, o responsável, abdica da sua magistratura e faz-se cúmplice do crime; e pensa proteger-se lavando as mãos, enquanto diz:

«*Estou inocente do sangue deste justo. Isso é convosco.*»^[32]

A sua manobra cobarde é apenas parcialmente bem-sucedida; a multidão, em nome do povo, toma sobre si e sobre os seus filhos a responsabilidade do crime; mas, ao assumi-la, apenas a partilha; não pode absolver o juiz sem o qual nada teria sido feito.

Quanto ao gesto de lavar as mãos, não passa de superstição ridícula. Romanos e judeus, com algumas diferenças de interpretação, usavam esse gesto para afastar a vingança do sangue derramado. Pilatos acredita nesse género de esconjuro; a cobardia e a superstição andam quase sempre juntas.

Além disso, a mulher ficará mais tranquila; não segue o seu conselho, mas oferece-lhe uma aparência de satisfação.

«*Vês? Estou fora deste assunto, e o povo assume toda a culpa!*»

Não insistamos na vileza de semelhante conduta, nem na pesada sentença que o Juiz do Calvário deveria, em rigor, pronunciar sobre ela. O seu veredicto é, de facto, de grande misericórdia; mas a misericórdia supõe um pecado, e esse pecado é tão terrível que o seu horror só pode ser diminuído pela comparação que o próprio Salvador faz com outro:

«*Aquele que me entregou a ti tem maior pecado.*»^[33]

* * *

Antes de considerar essa responsabilidade suprema e de mencionar Judas, devemos ainda considerar o caso dos membros do Sinédrio e dos seus cúmplices officiosos, saduceus e fariseus.

Esses Jesus pode vê-los; vieram saborear o espectáculo dos seus sofrimentos e certificar-se com os próprios olhos do êxito das suas maquinações. O respeito por si mesmos não os impede de se misturarem com a multidão, com os criados e com a soldadesca grosseira, para insultarem a vítima agonizante.

Até onde pode conduzir a paixão os homens! Será este o lugar adequado para dignitários que se julgam tão importantes? Não receiam perder a autoridade ao revelarem tanta baixeza? A morte não possui para eles qualquer solenidade?

No entanto, há algo na sua atitude que os distingue dos restantes; estes escarnecedores não se dirigem directamente a Jesus; as zombarias destinadas a Ele trocam-nas entre si.

Não têm necessidade de falar directamente com Jesus; outros o fazem por eles, outros cujas línguas foram preparadas por eles próprios com insultos. «*Os que passavam*», «*os que olhavam*», os «*soldados*» e os «*ladrões*» são apenas os seus representantes.

De vez em quando, os chefes juntam-se ao coro que organizaram^[34]; mas é sobretudo entre si, em círculo escolhido, que fazem circular a torrente do seu ódio.

«Do mesmo modo também os sumos sacerdotes, escarnecendo, diziam entre si com os escribas: Salvou os outros; a si mesmo não se pode salvar. O Cristo, rei de Israel, desça agora da cruz, para que vejamos e acreditemos.»^[35]

Dir-se-ia quase que procuram mutuamente dar-se coragem, cada um esforçando-se por provar aos outros que tinha razão e por demonstrá-lo.

É possível até que alguns deles sintam alguma dúvida e lamentem o passo dado. Sabemos que o conselho não fora unânime e que José de

Arimateia «*não consentira no seu parecer nem nas suas acções*». ^[36] Seria bom possuir uma confirmação final da sentença pronunciada.

Apesar de tudo, ainda haveria tempo para revogar a decisão! Eles não estão prevenidos! Basta que Cristo, para quem tudo é possível, desça *agora* da cruz! ^[37] Esquecerão então que Ele consentiu em ser nela pregado; reconhecerão o seu poder e a sua realeza. Basta verem isso, e acreditarão.

Pode notar-se que a conversa destes sacerdotes contém uma confissão:

«*Salvou os outros...*»

Estas palavras poderiam, sem dúvida, ser entendidas ironicamente, como quem diz: «*Ele afirma ter salvo os outros.*» Mas o contexto e os acontecimentos anteriores sugerem antes que a consciência deles se inquieta por causa dos «*sinais*» que o divino Mestre dera em tão grande abundância.

Viram milagres e fecharam os olhos. Quando lhes mostravam os doentes curados e os mortos ressuscitados, respondiam:

«*Mostra-nos um sinal do céu!*» ^[38]

E à medida que os milagres aumentavam, pediam ainda mais, repetindo sempre:

«*Que sinal nos mostras?*» ^[39]

A má-fé procede sempre assim; nada lhe basta; quanto mais se faz para a satisfazer, mais exige, adiando continuamente a submissão inevitável. Renan não exigia acaso que se realizasse um milagre diante dos seus olhos e na presença de um júri de cientistas, obedecendo às suas ordens e repetindo-se tantas vezes quantas desejasse? Assim excluía-se a si mesmo de qualquer possibilidade de convicção; os milagres não tinham motivo para o inquietar.

Os membros do Sinédrio antecipam essa lição. Basta olhar para este Messias! Quatro pregos são demasiado fortes para Ele; e querem que

aceitemos estes pretensos milagres que, se fosse realmente o Messias, poderia confirmar facilmente por esta prova final e irrefutável!

«Tu que destróis o templo de Deus e o reedificas em três dias, salva-te a ti mesmo. Se és Filho de Deus, desce da cruz!» — «Confiou em Deus; livre-o agora, se o ama. Porque disse: Eu sou Filho de Deus.» — «Salve-se a si mesmo, se é o Cristo, o eleito de Deus.» — «Se és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós.»

Esta última frase vinha de uma das cruzes, misturando-se às que eram gritadas pela multidão ou murmuradas pelos sumos sacerdotes entre si. Mas a origem de todas é a mesma: uma ordem lançada ao Sofredor, acompanhada do meneio de cabeça, gesto judaico de sarcasmo e de cruel satisfação. Porque há aqui dois sentimentos: o orgulho que escarnece e o ódio que se deleita.

Jesus, que recusara defender-se enquanto ainda havia esperança de salvar a vida, não responde agora que está pregado à cruz. Estas sugestões não são novas para Ele; já as ouvira no início da sua missão, daquele de quem os judeus são apenas satélites. Satanás dissera-lhe:

«Se és Filho de Deus, lança-te daqui abaixo.»^[40]

Mas para que serviria tal milagre? E que proveito haveria agora em Jesus salvar-se a si mesmo, apenas para mostrar que era incapaz de nos salvar?

Realizará um milagre maior ainda; porque, afinal, o que é mais difícil: descer da cruz ou sair do sepulcro? Há muito tempo que Jesus remete os seus inimigos para o sinal de Jonas profeta, milagre tão eloquente aos olhos do futuro que os apóstolos considerarão suficiente missão serem apenas testemunhas dele.

É instrutivo investigar, como Pilatos o fazia há pouco, os motivos do conflito entre Jesus e os chefes dos judeus que agora desemboca na cruz. Já dissemos quais eram as razões da multidão; os seus chefes partilham-nas, embora o seu maior conhecimento e melhor educação os preservem dos

erros mais grosseiros do povo; mas possuem ainda outras razões, e muito mais fortes.

Para as compreender, é preciso saber quem são estas pessoas.

Os chefes propriamente ditos compõem o Sinédrio, simultaneamente tribunal, parlamento e conselho. Esta assembleia compreende três ordens: os «*sumos sacerdotes*», os «*escribas*» e os «*anciãos*».

Os primeiros incluem o sumo sacerdote em exercício, os antigos sumos sacerdotes, os seus parentes próximos e os chefes das grandes famílias sacerdotais. Os segundos, os escribas, constituem o corpo dos doutos. Os anciãos são sacerdotes ou leigos influentes que não pertencem às duas primeiras categorias.

O Sinédrio recruta os seus membros, em proporções desiguais, das duas seitas religiosas que dividem Israel: os saduceus e os fariseus.

Os fariseus são os «*separados*», os «*puros*», zelosos da lei, comentadores subtis e casuístas, rigoristas na política interna, desconfiados dos estrangeiros e grandes inimigos da dominação romana. Esperam o Messias; e são espiritualistas, acreditando nos anjos, na alma e na imortalidade.

Os saduceus, pelo contrário, ricos e pouco numerosos, são mais ou menos cépticos, materialistas e amantes do prazer. Representam uma aristocracia arrogante; aceitam a Lei, mas rejeitam os comentários e todas as tradições dos fariseus; pouco lhes importa o Messias; toleram o domínio romano e procuram viver em paz com o estrangeiro. São amigos de Herodes e de César.

O povo não gosta deles, enquanto sente certa simpatia pelos fariseus, impressionado pela sua piedade exterior e pelas suas doutrinas mais elevadas.

O rico da parábola parece ser um desses saduceus que, depois de uma vida de gozos egoístas, desperta subitamente para outra vida em que não acreditava e para a qual não se preparara.

Mas, apesar de tão profundamente divididos, todos estes homens podem unir-se sob a influência de um interesse comum ou de uma grande paixão; e é isso precisamente o que sucede em relação a Jesus.

Os chefes saduceus opõem-se a Jesus por razões políticas; dizem que Ele mina a sua influência e põe toda a nação em perigo. É o argumento de Caifás:

«Vós nada sabeis; nem pensais que vos convém que um só homem morra pelo povo e não pereça toda a nação.»^[41]

As disputas doutrinárias interessam-lhes pouco, excepto quando podem servir os seus objectivos.

Já os fariseus fundamentam sobretudo aí a sua oposição a Jesus; atacam-no em nome da doutrina mosaica, que aos seus olhos qualquer inovação compromete. São puristas, e Jesus corrompe o povo; possuem uma tradição à qual estão mais ligados do que à própria Lei; Jesus não faz caso dessa tradição, à qual opõe uma verdadeira moral.

Jesus não observa as abluções cerimoniais; convive com publicanos e pecadores; nem Ele nem os seus discípulos jejuam; não guardam o sábado, pois nesse dia os Doze esfregam espigas de trigo ao atravessarem os campos, e o próprio Jesus cura paralíticos. É um homem de Satanás, o enviado de Belzebu, o deus de Acaron.

Durante toda a sua vida pública, Jesus encontrou diante de si estes fariseus. Os menos hostis não Lhe perdoavam trazer a mensagem da eterna juventude para o mundo envelhecido deles; a maioria atacava-O furiosamente em todos os pontos. Os saduceus, na maior parte do tempo, observavam-No à distância, embora por vezes também os vejamos desempenhar papel de relevo.

Certamente Cristo não poupou os seus sentimentos. A sua doutrina não procurava qualquer compromisso com as ideias deles; a sua prática não tinha em conta os seus preceitos; a oposição que estabelecia entre a antiga lei e a nova não podia deixar de lhes despertar a inimizade; e eles não encontravam grande consolo no paliativo:

«*Não vim destruir, mas cumprir.*»

Reivindicava o poder de perdoar os pecados; apresentava-se como senhor do sábado; deixava-se chamar Messias, Filho de David, Filho de Deus e por outros nomes considerados «*blasfemos*». Mas, acima de tudo — acima de tudo —, em numerosas ocasiões lançara contra os chefes do seu povo ataques tão vigorosos, cobrira-os de invectivas tão mordazes, que uma reacção terrível era inevitável.

«*Tende cuidado*», dizia Ele, «*e guardai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus*»^[42], «*que é a hipocrisia.*»^[43]

Descrevia estes sectários de cerviz endurecida como falsos puros, inferiores até às cortesãs, que entrariam antes deles no reino de Deus; opunha às suas orações ostentosas a do publicano, que regressa justificado enquanto eles são condenados. Ridicularizava a sua pose de profissionais do jejum, desprezava as longas vestes, as franjas e os filactérios.

O Decálogo dançava-lhes diante dos olhos em pequenos rolos de pergaminho, mas não governava a sua conduta; a religião deles era apenas fonte de lucro, ocasião para «*ocupar os primeiros lugares*»; o amor à lei transformara-se num formalismo estéril que favorecia a letra contra o espírito, sacrificando a lei de Deus às tradições vazias. Comercializavam o reino dos céus; faziam-se porteiros dele e traficavam os bilhetes de entrada, mas eles próprios não entravam. «*Guias cegos de cegos*», acabariam inevitavelmente por precipitar toda a caravana no abismo.

O auge do seu ódio e a resolução da crise que, ao longo destes três anos, atravessara tantas fases, chegam dois ou três dias antes da Paixão. É então que se ouve, no próprio Templo, a acusação fulminante contra aqueles que pretendem ser os seus guardiães:

«*Ai de vós, escribas e fariseus, porque limpais o exterior do copo e do prato, mas por dentro estais cheios de rapina e de imundície... Sepulcros caiados, que por fora parecem belos aos homens, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda a podridão... Serpentes, raça de víboras, como escapareis à condenação do inferno?*»^[44]

Estes anátemas eram seguidos de um desafio cujo significado ninguém podia ignorar. Na pessoa dos seus próprios inimigos, Jesus evocava todos aqueles que, no passado, tinham assassinado os profetas:

«Sois testemunhas contra vós mesmos de que sois filhos dos que mataram os profetas. Completai, pois, a medida de vossos pais... Para que recaia sobre vós todo o sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o templo e o altar.»^[45]

Pode imaginar-se facilmente que tal linguagem equivalia a uma sentença de morte para quem a pronunciava. Daí em diante — talvez mesmo antes — a oposição dos chefes de Israel assume forma oficial; desencadeia-se um verdadeiro processo judicial; e é por isso que o Evangelho passará agora a referir-se aos fariseus e saduceus apenas pelos nomes dos seus representantes no Sinédrio: os «*sumos sacerdotes*» para os saduceus, os «*escribas*» para os fariseus e os «*anciãos*», que compreendem membros de ambos os grupos.

A opinião dos primeiros pesaria mais junto da autoridade romana, porque esta aristocracia oportunista era favorável a Roma e detinha o poder religioso, embora obrigada, por causa do sentimento popular, a exercê-lo com certa dependência dos fariseus. Por isso os sumos sacerdotes ocupam o primeiro plano no tribunal de Pilatos, e o seu ódio é o mais furioso de todos, porque é o mais sacrílego e o mais amargamente egoísta.

Tão grande é a raiva que os possui que nenhum tormento lhes parece suficientemente cruel para infligir ao inimigo vencido. Estas almas de lodo e fel, estas víboras viscosas, têm também sede de sangue. Os seus rostos rebocados e pintados escondem um ódio brutal e apaixonado. Há três anos que combatem para chegar a isto: a sua vitória deve ser assinalada por um suplício sem nome.

Que exigem eles? Que levam a multidão a pedir, além de Barrabás, como presente para a festa?

É de rezear que, nos nossos espíritos, a imagem da crucifixão se tenha tornado um pouco embotada; que a familiaridade com os elegantes

crucifixos de prata e marfim das nossas cabeceiras, os crucifixos de bronze das estradas, as esculturas artísticas e os pequenos pendentos que usamos, tenha amortecido em nós a percepção de tudo o que implicava aquele grito furioso:

«*Crucifica-o!*»

A pena da crucifixão era considerada pelos romanos como a mais cruel e infamante de todas as sanções legais; reservava-se aos escravos, considerados abaixo do nível da humanidade. Os judeus, cuja lei desconhecia tal suplício, tinham tão grande horror a esta tortura estrangeira que a infâmia recaía sobre toda a família da vítima; tornava-se uma «*casa de crucificados*».

O facto de a vítima ser despojada das vestes aumentava ainda mais a vergonha. Relutamos até em pensar nisso em relação a Jesus. Aquele que está «*revestido de luz como de um manto*» consentiu em ser despojado de tudo, salvo talvez o pano de linho que, após um instante de total humilhação, alguma mão respeitosa Lhe terá concedido. A lei parece não proibir tal concessão; o costume judaico permitia-a — e Maria estava ali, com as santas mulheres.

Mas que necessidade havia de acrescentar à humilhação de Jesus — cuja cruz poderia muito bem ter sido um trono de glória — o facto de colocarem ao lado do seu madeiro as cruces de dois criminosos? Barrabás fora preferido a Ele; e agora é posto ao nível de dois ladrões.

Porquê dois? Talvez a proximidade de um só ladrão não parecesse suficiente para O envergonhar, e compensassem duplicando o número. Ou talvez os próprios executores tivessem organizado assim as coisas para ganhar tempo! Nesse caso, mudam-se os motivos e os autores, mas o insulto permanece.

Como suplício, a cruz era uma invenção satânica; a morte pelo fogo lento seria menos terrível. A vítima era pregada ao madeiro. Pense-se no efeito de pregos quadrados, com dez a doze centímetros de comprimento, atravessando partes do corpo tão cheias de nervos e vasos sanguíneos como

as mãos e os pés! O nervo mediano das mãos era particularmente atingido, e a dor repercutia-se por todo o membro.

Os pés, pregados horizontalmente à cruz, enquanto os joelhos eram dobrados para fora, provocavam dores atrozes e câibras; a posição do corpo inteiro exigia um esforço extenuante do sistema muscular. Se existia um apoio para a coluna (*antenna*), diminuía-se um pouco a tensão geral, mas aumentava-se o sofrimento local.

A imobilidade provocava uma contracção crescente dos músculos e uma congestão cada vez maior. Instintivamente, o condenado tentava erguer-se sobre as mãos ou os pés, procurando mudar de posição, apenas para sofrer novos tormentos sem alcançar qualquer alívio.

O esgotamento sobrevivia rapidamente, mas era um esgotamento sem remédio. A vítima não desmaiava; esse recurso pelo qual a natureza procura fugir à dor através da inconsciência tornava-se impossível devido aos contínuos espasmos nervosos.

O peito convulsionava-se horripelantemente; a posição dos braços e a tensão dos músculos intercostais faziam o condenado arquejar por ar; sufocava lentamente; o coração, sobrecarregado, batia depressa mas fracamente; o sangue alimentava-se mal de oxigénio, acumulando-se o ácido carbónico e os resíduos orgânicos. Daí resultava ainda uma excitação tetânica das fibras musculares e uma congestão cerebral — aquele «*círculo de fogo*» que constituía, por assim dizer, uma coroa interior correspondente à coroa de espinhos que Lhe cingia a cabeça.

Os músculos do pescoço trabalhavam desesperadamente; a cabeça, inclinada para diante pelo peso da coroa de espinhos, desviava o corpo da vertical, e as pontas afiadas dos espinhos picavam e rasgavam a pele. Tudo isto agravava as câibras, a congestão e as convulsões tetânicas.

E não devemos esquecer a sede, esse suplício particular dos feridos. Jesus nada bebera desde a prisão, nada, na verdade, desde o Cenáculo; estava em febre contínua; suava sangue; fora amarrado; maltratado na casa de Caifás; carregara a cruz nas condições já descritas; recusara a bebida narcótica, e a sede agravava-se ainda mais pela atmosfera abafada.

Agora, a respiração ofegante, que O obrigava a abrir a boca, ressequira as mucosas irritadas até aos pulmões. As veias esvaziavam-se pouco a pouco, não talvez de sangue, mas de qualquer líquido nutritivo ou refrescante.

Supõe-se que a perda de sangue não tenha sido muito abundante; as feridas das mãos e dos pés fecharam-se rapidamente pela coagulação; mas disso a vítima nada lucrava; o sangue retido não encontrava alimento, e sobrevivia outra espécie de hemorragia, aquela que os antigos cirurgiões chamavam «*hemorragia das dores*». Um esgotamento nervoso comparável à perda de sangue conduzia lentamente o condenado enfraquecido, através de um método de tortura sabiamente graduado, ao fim doloroso.

Compreende-se assim como a cruz pôde ser chamada «*leito de terror*», e como a contemplação de Jesus submetido a tal suplício levou os místicos a clamar de compaixão. O amor é engenhoso na construção das suas cenas; e aquele que ama reproduz, com fidelidade atormentadora, cada espasmo do ser amado que sofre.

Foi seguramente um místico quem inseriu no hino *Vexilla Regis* aquelas súplicas dirigidas à cruz que mostram quão profundamente foi compreendido o essencial deste tormento:

«*Flecte ramos, arbor alta, tensa laxa viscera...*»

«*Inclina os teus ramos, árvore sublime, afrouxa os membros distendidos... suaviza o teu rigor natural, para que os membros do soberano Rei repousem mais levemente sobre a tua madeira!*»

Estas palavras são o protesto de um coração terno; são a resposta ao lamento do Crucificado pela boca do profeta:

«*Derramei-me como água, e todos os meus ossos se desconjuntaram... cercaram-me muitos cães... traspassaram as minhas mãos e os meus pés. Contaram todos os meus ossos.*»^[46]

Mas os sumos sacerdotes de Jerusalém têm almas de hienas; desconhecem a piedade; assemelham-se àqueles orientais que lambem o

sabre com que mataram um inimigo; «*a sua língua é espada afiada*», diz o Salmo^[47]; «*as mãos estão desarmadas*», acrescenta Santo Agostinho; «*não assim a boca; dela sai uma espada que mata Cristo.*»

Esta é, de facto, a vingança deles; Jesus golpeara-os impiedosamente com esse amor «*forte como a morte*», que não permite a ninguém apoderar-se das almas que lhe pertencem. Recusara ser o homem deles, e por isso mataram-No; julgavam assim salvar os seus privilégios; mas a última palavra ainda não foi dita; os poderes deste mundo estão esgotados, e a sua morte será o fim deles.

Devemos pensar que a obstinação deles os exclui do benefício das palavras celestes:

«*Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem*»?

Não. Jesus não exclui ninguém. Até estes, de certo modo, não sabem o que fazem. Não compreendem toda a extensão do seu crime. Por mais enorme que ele lhes pareça, mesmo à consciência degradada que possuem, não conseguem avaliá-lo como ele realmente é: um crime universal.

Poderão eles ver Jesus, vivendo no meio deles e opondo-se-lhes, sob a mesma luz em que nós O vemos depois de quase vinte séculos de vida misteriosa, glória e amor? É mais difícil acreditar em Jesus quando Ele percorre as estradas da Judeia do que quando Se manifesta como Rei sobre-humano.

Os fariseus vêem os seus milagres mas não vêem o seu poder; Deus está velado sob o homem de carne e sangue. Estão de má-fé; mas precisamente por isso necessitam de maior fé para acreditar. São carnisais como nós, mas não possuem os nossos auxílios; em compensação, têm os seus interesses imediatos, os seus preconceitos, as suas influências recíprocas. Quem poderá dizer até que ponto a sua consciência está enganada, e até que ponto é clara e francamente criminosa?

Jesus é um revolucionário, não há como negá-lo; a sua santa revolução deve ser aceite. Mas aceitá-la custa tão caro a certos homens que a reacção dos interesses contrariados e dos preconceitos desmentidos pode oferecer

alguma aparência de desculpa. Jesus, que conhece «*o que há no homem*», que pesa todas as coisas numa balança exacta, não desespera de encontrar até neles algo com que possa alcançar a misericórdia do Pai, algo sobre o qual possa fundar o seu próprio perdão.

* * *

Depois da multidão, turbulenta e ostensivamente hostil, cobarde e cruel, eis agora o pântano secreto, o mistério da iniquidade sombria e astuciosa: eis Judas. Judas, «*um dos Doze*», como os evangelhos insistem em recordar; Judas, o homem de Cariot.

«*Dizem-nos a terra do seu nascimento*», escreve São João Crisóstomo, «*quando nós desejaríamos nunca o ter conhecido.*»

Cariot fica na Judeia. Judas não é galileu como os outros; contudo foi chamado nas mesmas circunstâncias, incorporado e associado ao grupo ao pé da montanha, depois da oração.

Embora Jesus conhecesse todas as coisas, não o rejeitou. Quando um homem se oferece, Deus aceita-o; Deus não diz: «*Tu não perseverarás, é inútil receber-te.*» A liberdade que determina as nossas decisões vincula também uma Providência divina que respeita e suporta essa liberdade; a liberdade é um mistério que parece atar as mãos de Deus. Sob o governo de Deus, a alma é tão independente como se estivesse sozinha, e contudo tão dependente como qualquer outro ser diante do seu Criador.

Judas ocupa um lugar definido no grupo apostólico; está encarregado das finanças; administra o dinheiro destinado aos pobres e às necessidades quotidianas. O tesoureiro deste pequeno grupo é assim distinguido pelo Mestre com uma marca especial de confiança. E ele é ladrão. São João chama-lhe isso sem rodeios.

Mas um ladrão que se liga a Jesus não pode ser um ladrão vulgar; certamente é algo mais; o seu vício nasce de outro vício, e a sua avareza deve ter um objecto de que o dinheiro é símbolo mais do que substância.

Jesus desconfia do dinheiro; certamente não permite que se acumule; por isso há pouco dinheiro a roubar-Lhe. Mas talvez este fundador do reino de Israel possa vir a ser distribuidor de outras coisas desejáveis? Dinheiro haverá também, sem dúvida; porque a grandeza traz riqueza. E valerá seguramente a pena ser um dos seus discípulos no momento em que a sua glória aparecer.

Judas é um homem ambicioso. Não tem a franqueza de dizer, como os filhos de Zebedeu pela boca da mãe:

«Quero um lugar elevado no reino!»

Esses dois são crianças; mas Judas é homem — um homem astuto. Toma discretamente o seu lugar entre os outros; conquista-lhes a confiança; será tão dedicado ao Mestre quanto necessário; não procurará chamar a atenção. Entretanto, a situação evoluirá e o Mestre crescerá em poder; escolherá Ele próprio o momento e a maneira de declarar o seu verdadeiro objectivo.

Este homem acreditava em Jesus! Isto é, via n'Ele uma força que o conduziria a grandes coisas. Entregou-se a Jesus por interesse próprio; lançou-se na aventura messiânica, à qual atribuía, como a maioria dos seus compatriotas, um fim temporal.

Os outros discípulos alimentam ilusão semelhante e também têm as suas ambições; mas amam; a sua dedicação é generosa desde o princípio e, se necessário, tornar-se-á desinteressada. Judas não ama de todo; este coração endurecido trai-se na casa de Simão o fariseu quando, depois de assistir a uma cena como raramente acontece na história dos homens, nada encontra para dizer senão:

«Para que este desperdício?»

Um homem que fala assim condena-se a si próprio. Está abaixo do nível da humanidade comum; e ainda mais abaixo dos homens de aspirações elevadas. Que faz então num grupo cujo objectivo é precisamente uma vida superior e ideais elevados? Só pode acabar por o trair.

Judas está entre os Doze, mas não é dos Doze; segue-os, mas não partilha os seus sentimentos nem os do seu Mestre; está presente corporalmente, mas não em espírito. Este «*ladrão*» quer apoderar-se do reino de Deus e transformá-lo em fonte de lucro; entretanto vai fazendo pequenos ganhos e espera pacientemente.

Mas a paciência destes homens termina bruscamente. Judas não pode deixar de perceber que os negócios da pequena comunidade tomam mau rumo; torna-se cada vez mais evidente para ele que o caminho seguido não é o seu. Deve ter sido um daqueles profundamente desiludidos pelo Sermão da Montanha!

As referências constantes às desgraças iminentes são outras tantas punhaladas no seu coração, e quase o ouvimos dizer consigo:

«Fizeram de mim um tolo! Envolveram-me numa empresa insensata. Prometeram-me um grande futuro, e agora dizem-me que assinei a minha própria perdição. Basta deste homem que não fala senão de morte, e basta deste reino miserável!»

Já vimos até que ponto a desilusão foi responsável pela mudança da multidão judaica; a traição de Judas teve a mesma causa, ainda mais acentuada no seu caso. Desiludido, Judas torna-se amargo; sem amor, torna-se furioso; a contenção que se impôs pesa-lhe cada vez mais; rumina as suas queixas dia após dia. Incapaz de se retirar sem uma confissão vergonhosa, talvez mesmo sem perigo, começa a odiar.

E aqui está a resposta à pergunta que surge sempre que tentamos compreender este monstro de iniquidade: se Judas deixou de estar moralmente unido a Jesus e aos Doze, porque não se afasta simplesmente?

«Esse procedimento lógico», respondeu M. Loisy, «é precisamente o género de procedimento que um Judas raramente adopta. O cobarde moral, confrontado com uma situação demasiado difícil para ele, não se contenta geralmente em desaparecer; procura evitá-la por um acto vil de violência.»

Isto é profundamente verdadeiro. Judas não pode partir sem provocar uma crise; está demasiado comprometido no interior do grupo e demasiado

comprometido no exterior. Que seria dele, marcado apesar de tudo como discípulo, já sem as garantias de discípulo, inimigo tanto do novo Israel como do antigo, de Jesus e dos seus acusadores?

A salvação, tal como ele a entende, só pode estar numa direcção; e, olhando para lá, percebemos a terrível tentação que deve assaltar esta alma. Quando dois exércitos inimigos se enfrentam num espaço fechado, que faz um soldado que pretende desertar? Passa para o inimigo; não há outra saída. Depois de trair os amigos, torna-se zeloso pela causa adversária para dissipar a desconfiança que a traição suscita; redime a sua reputação indo até aos extremos.

Judas utiliza exactamente o mesmo método. Os sumos sacerdotes estão decididos a destruir Jesus; Judas sabe-o, porque Jesus o sabe, e em todo o caso isso é suficientemente evidente; eles apenas aguardam uma oportunidade. Ora, esses espões para além da ponte são na realidade os cúmplices secretos do espião infiltrado no campo. Porque não há-de ele ir procurá-los? Colocando-se do lado deles e destruindo por meio da sua traição este reino efémero, sairá da sua posição impossível e voltará a encontrar terreno firme.

Existem, é verdade, as trinta moedas de prata, e pode pensar-se que isso basta para explicar tudo; mas, reflectindo bem, parece muito improvável. Trinta moedas de prata não são nada — pouco mais do que uma libra esterlina do nosso dinheiro; o preço de um escravo. É aproximadamente o preço do perfume de Madalena, e Judas, com a sua traição, recupera esse dinheiro «*desperdiçado*». Mas será isso suficiente para explicar uma acção de tão imensas consequências?

Mesmo deixando de lado toda a questão sentimental, permanece ainda o risco que ele tem de correr e a dificuldade de encontrar uma saída. Pode até haver golpes de espada; e de facto haverá. Um homem que esperou durante tanto tempo e com tanta paciência expõe-se a perigo mortal por uma soma tão miserável? Não. O dinheiro é secundário; é apenas o traço de baixeza neste horror sombrio da sua traição.

Em certas almas, até a traição conserva algum orgulho; procura manter as aparências. Aqui, pelo contrário, mostra toda a sua habitual vileza e

assume uma forma quase vulgar. Judas aparece na sua traição tal como fora durante o período da sua infidelidade latente: avarento e ganancioso, grosseira e mesquinamente, conforme o seu carácter. Quase se poderia pensar que, ao ajustar as trinta moedas de prata, contemplava um primeiro adiantamento para os dias em que estivesse livre.

Quando, na sala da Ceia, Jesus entregou ao traidor o pão molhado no prato e assim o designou misteriosamente como aquilo que era, São João observa:

«Depois do bocado, Satanás entrou nele.»^[48]

«Entrou num lugar que já estava aberto», diz São João Crisóstomo. O venerável Beda observa que entrava então pela segunda vez, tendo a primeira sido quando Judas consentiu no crime. No dia em que pela primeira vez consentiu na traição, Satanás entrou em Judas como numa casa estranha; agora entra nela como em sua própria casa.

Não poderíamos dizer que já ali estava instalado havia muito tempo? Podemos dizê-lo, se considerarmos o que Jesus afirmara um ano antes, quando, depois da multiplicação dos pães, explicava a natureza do pão da vida e o sentido da mensagem divina. Judas, que no dia 13 de Nisan se levantou da mesa em plena festa eucarística, já mostrara então a negrura do seu coração quando Jesus prometeu o pão vivo.

Era um daqueles que diziam:

«Dura é esta palavra; e quem a pode ouvir?»

A propósito disto, São João comenta:

«Jesus sabia desde o princípio quais eram os que não acreditavam e quem era aquele que o havia de trair.»

Por isso diz:

«Não vos escolhi Eu a vós, os doze? E um de vós é um demónio.»^[49]

Assim, havia pelo menos um ano que Jesus conservava entre os seus seguidores um homem que já tinha desmascarado. E, contudo, tratava-o exactamente como aos outros; também a ele chama «*amigo*»; também sobre ele derrama a luz da sua alma; concede-lhe todos os direitos e privilégios da intimidade.

Nem sequer parece tê-lo privado de auxílio espiritual, nem excluído quando, nos dias do entusiasmo, os enviou dois a dois com a missão de preparar o caminho diante d'Ele, confiando-lhes os segredos do Reino para que os anunciassem, cada qual segundo a sua medida.

Ontem à noite lavou-lhe os pés; talvez ainda pudesse conquistá-lo por este acto solene de humildade. Como o trata com delicadeza! Recordamo-nos das palavras do profeta:

«Não quebrará a cana rachada, nem apagará o pavio que ainda fumega.»^[50]

A atitude de Jesus para com Judas é exactamente a atitude de Deus para com toda a alma humana, para com cada grupo de homens, para com a humanidade inteira: uma paciência admirável, até ao momento em que toda a esperança se perde e o homem sela a sua própria condenação.

Jesus foi paciente com Judas, mas não passivo. Quantas vezes o advertiu! A palavra «*demónio*», pronunciada um ano antes sem aplicação pessoal explícita, era um convite à reflexão e ao arrependimento. As palavras dolorosas da véspera:

«Vós estais limpos, mas não todos»,

eram um apelo. «*Um de vós há-de trair-me*» era outro. E ainda outro estava contido nestas palavras:

«O Filho do Homem vai, conforme está escrito acerca d'Ele; mas ai daquele por quem o Filho do Homem será traído.»^[51]

Jesus é tão delicado que, até ao último momento, os Doze perguntam-se «*qual deles seria capaz de fazer tal coisa*»^[52]; cada um teme por si mesmo,

sem que os outros suspeitem de nada. Mas entre Jesus e Judas não há mistério. Se Ele adverte o seu «*amigo*» de que o plano foi descoberto, não será porque Jesus quereria desviá-lo dele, levá-lo a confessar e a detestar o crime que ainda pode ser evitado?

«*O que fazes, faze-o depressa*», diz-lhe finalmente; e o traidor, em vez de cair aos pés do Mestre, sai para a noite.

O sinal — «*Aquele que eu beijar, esse é; prendei-o bem*» — parece ter sido combinado depois de ele ter saído da sala da ceia. Que espécie de alma tem este miserável, para escolher como sinal o gesto do amor!

A traição é a dor da realeza; Jesus saboreia-a há já muito tempo; nesta noite prova-a em toda a sua amargura. O contacto da boca vil de Judas sobre o seu rosto divino é o derradeiro refinamento da tortura.

Outras vezes guardara silêncio; mas agora faz uma observação e abre a sua alma:

«*Amigo,*» diz Ele, «*a que vieste?*» e, talvez fitando-o directamente no rosto: «*Judas, é com um beijo que entregas o Filho do Homem?*»

Oh, que o miserável assim interpelado considere o seu acto e pense em quem é que lhe fala! Que esse coração endurecido se derreta enfim numa torrente de lágrimas como as de Madalena! Que o discípulo desvairado retome o seu lugar, ainda que seja apenas debaixo da cruz que ele próprio levantou, da cruz na qual Jesus está disposto a morrer por ele, derramando o seu sangue por aquele que o fez correr! Que revogue a sua decisão, porque ainda é tempo. O filho pródigo será recebido na família que agora se institui, a família à qual o Pai, depois de três dias de sofrimento, voltará. Ele tem direito ao vitelo gordo, ao anel e à veste branca.

Basta que diga:

«*Pai, Mestre, pequei contra o céu e contra Ti!*»

Mas Judas fecha o coração. Leva a sua tarefa até ao fim. E depois, vendo as consequências, com aquela visão clara da realidade que surge

depois das névoas do auto-engano, fica horrorizado com o seu crime.

Vê o que fez. Durante três anos abusou de uma confiança concedida sem reservas; pagou essa confiança com traição; precipitou o fim do seu Amigo, do seu Mestre, proporcionando uma oportunidade a inimigos ainda tímidos e indecisos; rompeu o dique que continha a torrente de ódio, iniquidade e crueldade.

Quando saiu do Cenáculo, a sua partida foi o começo da morte de Jesus. Depois de ter introduzido uma nota perturbadora no último discurso familiar do Mestre, saiu para O entregar à morte; depois de ter provado o amor na sua manifestação mais delicada e generosa, escolheu o símbolo do amor como sinal da sua traição.

Os antigos escritores comparam-no a Joab, que com uma mão segurava o queixo de Amasa para o beijar, enquanto com a outra lhe cravava um punhal no flanco.^[53]

Judas não empunha ele próprio a espada; tem medo da acção directa; manda os soldados prender o Mestre e «*levá-lo com cautela*».^[54]

É verdade que, assim, conferiu um grande benefício ao universo; ao precipitar a Paixão, pôs em movimento a obra da nossa salvação; a sua traição impele-nos à reparação e oferece um tesouro ao nosso amor.

«*Foi um bom negócio para nós*», escreve um dos Padres antigos; «*Judas vende-O, os judeus compram-No, e nós recebemos o Salvador*».

«*Já que Jesus está à venda*,» escreve outro, «*compremo-Lo com os nossos corações*».

Mas estas consequências nada mudam nos sentimentos nem na responsabilidade do traidor. O acto de Judas permanece aquilo que é; Jesus apresenta-o a Pilatos como o mais hediondo de todos os crimes, porque é o mais decisivo e o mais sacrílego. E agora o próprio Judas o vê em toda a sua nudez horrível.

Uma vez condenado Jesus à morte, o homem de Cariot parece recuar diante da sua obra funesta; sem se arrepender no sentido moral da palavra, parece renunciar aos frutos do crime. O dinheiro queima-lhe as mãos; a ambição é sufocada pelo remorso; a acusação implícita que fez contra o Mestre ao entregá-Lo torna-se-lhe um pensamento intolerável.

Vai ter com os judeus.

«*Pequei, entregando sangue inocente*», diz ele, devolvendo as trinta moedas de prata, como se esperasse que, em troca, libertassem a vítima. Os sacerdotes zombam dele.

«*Que nos importa isso? É contigo.*»

Então, vendo-se repellido, entregue a si próprio e não encontrando no coração a matéria de que é feito o verdadeiro arrependimento, Judas cai presa de um desespero sombrio; o sentimento da sua desolação moral apavora-o; é tomado pelo desejo de fugir, e o infinito do espaço parece-lhe insuficiente para a fuga; evita o Templo, evita a cidade, evita a própria vida, que já não deseja. Num impulso, atira ao chão as trinta moedas de prata, e o campo de Haceldama — «*campo de sangue*» — perpetuará o seu crime.

Infeliz miserável! Que esperava ele obter para a cura da sua alma indo ter com os sacerdotes? Porque recorreu, na sua aflição, a esse inferno onde nenhuma caridade velava pela sua chegada? Esperava encontrar redenção entre canalhas? Serão o ódio e a brutalidade bálsamo para um coração ferido?

Judas arrepende-se, diz o Evangelho; arrepende-se, mas em vez de ir Àquele que único pode acolher o seu arrependimento e torná-lo eficaz, permanece fechado em si mesmo e volta-se para os seus cúmplices. Quer livrar-se desses monstros sem se apegar a Jesus; sente horror de si mesmo, mas não se confia ao Mestre; quer encontrar água purificadora fora da fonte da vida, e, vendo-se rejeitado, julga encontrar na morte o único refúgio.

Esse é o seu crime final.

Aos olhos de Jesus tudo pode ser perdoado. Não o vemos no caso do pobre ladrão arrependido que, ao compreender que a Vida está ao seu lado, se volta para Ela com tão comovente simplicidade?

«Nem sequer tu temes a Deus,» diz ele ao ladrão que blasfema, «estando sob a mesma condenação? Nós, na verdade, justamente, porque recebemos o castigo merecido pelas nossas obras; mas este nada fez de mal.»

E voltando-se para o Mestre, acrescenta:

«Senhor, lembra-Te de mim quando entrares no teu reino!»

Fala-Lhe familiarmente; dirige-se a Ele como a um companheiro de infortúnio. Não está Ele pregado na cruz, tal como ele próprio?

«Meu irmão no sofrimento,» parece dizer, «não terás consideração pelo meu arrependimento e não me farás teu irmão na glória?»

O coração divino não pode resistir a semelhante transporte de confiança. O pobre judeu, ao falar da glória do reino, parece pensar apenas na segunda vinda do Messias; mas o perdão do céu é magnífico:

«Hoje estarás comigo no Paraíso.»

Este é o modo de agir do Salvador. Parece que esperava aquele derradeiro apelo; à primeira palavra a resposta já está pronta; não delibera; acrescenta um codicilo ao seu testamento e lega a este pobre miserável as riquezas do seu reino.

E esta é a lição de Judas: aos olhos de Jesus tudo pode ser perdoado, tudo, excepto a recusa do próprio perdão.

Essa recusa é uma blasfémia suprema; nega a bondade suprema; significa uma desconfiança que é o insulto mais cruel que o amor pode sofrer, insulto que, por si mesmo, implica ausência total de amor.

E assim tudo se resume a isto: Judas não ama.

Não ama, e por isso trai; não ama, e por isso, depois de rejeitar a traição porque ela o horroriza, acaba por se detestar sem se arrepender. O ódio de si mesmo só é salutar quando unido ao amor de Deus; sozinho é homicida; tem poder para destruir tudo e nenhum poder para reparar seja o que for.

Naquele momento, não tendo compreendido o coração do Mestre e não encontrando auxílio algum no seu próprio coração, Judas concluiu que já não havia lugar para ele entre os homens; enforcou-se naquela manhã, lívido e só — mais do que só, porque se tinha esvaziado de si mesmo.

Enforcou-se na Sexta-Feira Santa!

É erguido entre o céu e a terra, como Jesus, e contudo de maneira tão diferente! É estranho ao céu e à terra, e separa-os. Jesus pertence a um e a outra, e une-os.

Da cruz, porque ali tudo é perdão e sofrimento redentor, Jesus não amaldiçoa o discípulo perdido; não há ira no seu coração; mas deixa-o «*ir para o seu próprio lugar*», segundo as terríveis palavras dos Actos; porque ele escolhera esse lugar em vez do Calvário.

Os onze estão no Calvário, quer em pessoa quer no seu representante; estão lá de coração. Judas não está lá; Jesus não o vê; Jesus, tristemente, abandona-o.

Com majestade dolorosa, afasta o olhar daquele que fugiu d'Ele numa fuga eterna.

Não lança um olhar sequer ao «*filho da perdição*».

CAPÍTULO IX

O SEU TÚMULO

QUANDO Jesus transpôs o limiar da Porta de Efraim, encontrava-Se na condição do mártir que é lançado na arena. O mártir olha para as fauces dos leões; Jesus via o seu túmulo, e a boca escancarada deste devia recordar-Lhe o texto de Job:

«O meu espírito desfalece, os meus dias extinguem-se, e só o sepulcro me resta.»^[1]

Contudo, olhando para além dele, outra perspectiva se abria diante d'Ele; podia dizer com confiança, com David seu antepassado:

«Não abandonarás a minha alma na morada dos mortos, nem permitirás que o teu Santo conheça a corrupção. Mostraste-me os caminhos da vida.»^[2]

Há uma beleza simbólica no facto de o túmulo de Jesus se encontrar apenas a poucos passos da sua cruz. O sofrimento e a morte são apenas dois aspectos da mesma realidade; um abate-nos, o outro completa a obra da destruição; mas, através de Jesus, ambos nos elevam, e a nossa ascensão comum apresenta três etapas: a cruz, o túmulo e o céu.

Os túmulos judaicos eram geralmente colocados em jardins, e este bairro ajardinado nos arredores da cidade continha muitos deles; alguns subsistem ainda hoje e é bastante fácil imaginar a sua disposição.

As câmaras sepulcrais eram escavadas na rocha nua. Os antigos israelitas construía pouco, mas escavavam muito; ganhavam assim espaço e durabilidade. É por isso que os seus lugares de sepultura duraram mais do que as suas cidades; muitos antigos sítios apenas podem hoje ser identificados pelos buracos na rocha, com degraus conduzindo à entrada das cavernas.

No tempo de Jesus havia grande actividade de picareta e cinzel; além disso, encontram-se trabalhos decorativos inspirados na técnica greco-romana. Exemplos característicos podem ver-se no vale de Josafat e na região de Aboud, Tibneh e outros lugares. O visitante que estude estes Evangelhos com o texto na mão encontrará aí elementos para uma viva «*composição de lugar*» nas suas meditações.

O aspecto exterior dos túmulos varia desde a simples abertura quadrada ou rectangular até à estrutura piramidal isolada, rodeada por uma trincheira e por vezes encimada por uma cúpula. Entre estes dois extremos, toda uma gama de molduras, volutas, rosáceas, cruces, grinaldas, falsas pilastras e colunas indica o luxo ou o orgulho, a piedade ou o gosto dos proprietários.

Em quase todos os casos, o monumento (*μνημα, μνημεῖον*) compreende um vestíbulo, quer sob a forma de um espaço coberto precedido de colunas, quer de um pátio aberto. Esta última disposição tornava-se necessária quando a escavação era feita numa ligeira encosta, como no caso do Calvário. O átrio era então uma área nivelada, apropriada à meditação solitária ou às reuniões familiares.

Na parede do fundo abria-se uma porta baixa, conduzindo à câmara funerária, ou então a uma antecâmara ligada a uma ou mais salas providas de *arcosólios*^[3], poços funerários^[4], bancos de pedra ou sepulturas em nicho.

Comparando os detalhes fornecidos pelos relatos evangélicos com os dados topográficos e arqueológicos, é possível formar uma ideia muito precisa do túmulo de José de Arimateia, daquilo que foi originalmente o Santo Sepulcro.

O acesso fazia-se por uma trincheira, relativamente longa devido à inclinação gradual. O seu comprimento era diminuído e a profundidade aumentada por meio de degraus que desciam do limiar até um vestíbulo situado num nível inferior. Diante havia uma porta baixa que conduzia a uma primeira câmara destinada aos ritos funerários: lavagem do corpo, embalsamamento e orações. Mais além, outra porta baixa dava acesso ao túmulo propriamente dito, cuja parede, à direita, estava perfurada por um nicho abobadado destinado a receber o corpo.

Não se sabe se tinham sido previstos outros corpos. Era sempre possível escavar novos túmulos conforme fossem necessários. Essa era a vantagem do sistema: podia ampliar-se indefinidamente o sepulcro, escavando mais profundamente a encosta da montanha, sem perturbar os corpos já depositados.

A parte inferior do nicho sagrado seria ligeiramente curva; uma almofada de pedra sustentava a cabeça. Ainda hoje se encontram vestígios desse cuidado: os mortos devem estar confortáveis para poder dormir. As duas câmaras situavam-se a um nível mais baixo do que os corredores de acesso, para tornar mais profunda a gruta funerária; a primeira sala conteria um banco circular de pedra e um espaço livre ao centro, conveniente para as deslocações e para o embalsamamento.

Quanto ao modo de abrir e fechar o túmulo, dificilmente pode haver dúvidas. Quando chegam ao sepulcro, as santas mulheres dizem umas às outras:

«*Quem nos removerá a pedra?*»^[5]

A pedra em questão era uma mó, como as que ainda hoje se podem ver no Túmulo dos Reis ou no Túmulo dos Herodes, em Abougoch, em Nablus e noutros lugares. Estas mós podem pesar mais de uma tonelada; a do Túmulo dos Herodes pesa ainda mais, e dizem-nos que a pedra do túmulo do Salvador era «*muito grande*» (*μέγας σφόδρα*).^[6]

O mecanismo é fácil de imaginar. Do lado exterior da porta aberta existe uma ranhura para receber a mó quando é deslocada para diante da abertura ou afastada dela. Quando o túmulo está fechado, a pedra encaixa contra a parede direita, ligeiramente cavada para a receber; mantém-se nessa posição graças a cunhas. Para a abrir, retiram-se as cunhas e a pedra, que fora erguida com alavancas por uma ligeira subida até à ranhura da parede, rola então por si mesma para baixo, até uma outra ranhura situada à esquerda. É claro que tal manobra ultrapassava as forças das santas mulheres; seriam necessários pelo menos dois homens. Para retirar as cunhas era preciso empurrar um pouco a pedra para cima; depois seria necessário deixá-la deslizar suavemente pela inclinação. Não só as mulheres correriam o risco de se ferirem, como não tinham autoridade para agir sozinhas.

Todas as preparações mencionadas no relato evangélico tinham sido feitas simultaneamente com o túmulo; tudo estava, portanto, pronto na Sexta-Feira Santa, de modo que não há necessidade de supor que José de Arimateia tivesse previsto o que ia acontecer. Parece, de facto, que não o previra; São João diz-nos que agiram assim devido à iminência do sábado e à proximidade daquele túmulo.^[7]

Que honra para José de Arimateia! Torna-se semelhante ao Cireneu; Simão leva a cruz, José leva o Crucificado. E Nicodemos, o doutor da entrevista nocturna,^[8] compra cem libras de aloés e mirra para perfumar a sombria gruta onde terá o seu último encontro com Jesus.

O embalsamamento apressado da sexta-feira, contudo, não passa de um trabalho provisório dessas mãos piedosas; depois do sábado haverá um embalsamamento solene. Mas, quando chegar esse momento, um anjo aparecerá para dizer o que deve ser dito e anunciar às mulheres o milagre.

Com que clareza tudo isto devia apresentar-se ao espírito do divino Mestre, e que sentimentos devia despertar no seu coração! Da cruz já não pode ver o Túmulo; mas sente-o a atraí-Lo; tem consciência da sua proximidade; pensa na sua importância para a sua obra. Precisa dele para tomar o repouso do trabalhador diligente que aguarda a tarefa que o espera ao amanhecer; ali há-de «*dar a sua vida*» e ali há-de retomá-la de novo; por um momento depõe o fardo do amor.

Quando pronuncia «*Tudo está consumado*», Jesus pensa no túmulo; as suas palavras são um comentário não apenas da cruz, mas também dos efeitos da cruz e de tudo o que preparou o caminho para ela. Esta gruta escavada na rocha há-de fornecer a sua manifestação mais convincente, o seu «*sinal*». Ela é a sua prova e o seu derradeiro dom.

A sepultura é a consumação da Paixão. Da parte dos inimigos de Jesus, representa a sua última perseguição contra Ele; da parte d'Ele, é o último abatimento, o sacrifício supremo. Quando descemos ao túmulo damos aquilo que já não podemos conservar; é a nossa queda final. Jesus entrega uma vida da qual continua a ser o senhor, e faz sua a própria potência de Deus.

Ele quer, pelo seu túmulo, colocar o selo sobre a sua obra, e a Sinagoga, sem o querer, ajuda-O ao selar o seu túmulo. Este sepulcro é a última imagem do Evangelho ilustrado, o símbolo final ligado à sublime realidade da redenção. Com semelhante imagem para o gravar profundamente, a palavra do Filho do Homem jamais será esquecida, o significado eterno da sua mensagem nunca poderá ser contestado; os seus discípulos já não poderão dormir, nem as gerações, nem a história. Um novo princípio de regeneração foi inserido na raça humana, e a vida florescerá de novo; doravante haverá apenas um grande acontecimento ao longo dos séculos: aquele que termina e começa na gruta sagrada.

E este acontecimento não diz respeito apenas ao homem. A Paixão destina-se à nossa salvação; mas é também um acto de adoração. Quando Jesus desce da cruz para os braços dos seus entes queridos e daí passa ao túmulo, terá atingido o extremo da adoração. Deve ir até esse ponto pela honra do seu Pai. Descendo até às profundezas, dará a mais alta glória que o amor pode dar. Abandonando-Se até aos últimos limites do nada, louvará o Pai dando-Lhe ocasião para realizar a mais nobre das suas obras.

Na manhã de Páscoa aparecerá o poder d'Aquele «*que dá vida aos mortos e chama à existência as coisas que não existem*»; então será vista a sabedoria dos seus desígnios; o amor que inspira essa sabedoria será correspondido por um amor igual que o reconhecerá tal como é: um amor manifestado até ao extremo, um amor divino que é modelo para todos — o amor que se entrega.

* * *

A ideia de sacrifício não deve levar-nos a afastar todo o pensamento das glórias futuras; são elas que, no espírito de Jesus, dão ao túmulo o seu verdadeiro significado.

Jesus é o Senhor do tempo; da cruz vê todas as suas fases; experimenta esse frêmito do futuro que agita os profetas; lendo no livro da eternidade, contempla os acontecimentos do dia seguinte.

Ele morre; o seu corpo é depositado no túmulo; a mirra e o aloés espalham o seu perfume; o grupo das santas mulheres guarda silenciosa vigília; os anjos velam; os sentinelas do Sinédrio pensam dominar com os seus selos o poder do céu; na manhã do terceiro dia a rocha fende-se e estala; ergue-se o sol da Páscoa; palavras misteriosas passam entre o mensageiro e as santas mulheres; a região deserta ressoa com os passos de Pedro e João correndo; notícias de alegria aquecem o coração dos discípulos e enxugam-lhes as lágrimas; inaugura-se o mistério da vida depois da morte; os dois homens de Emaús caminham ao crepúsculo da tarde; a última barca de pesca balança ancorada; os anjos da Ascensão olham do alto, com as estolas cruzadas sobre o peito. As dores preparam activamente a alegria, e as sete palavras de angústia não abafam as palavras pelas quais a Igreja é fundada, palavras que em breve serão solenemente repetidas. Os braços estendidos na cruz prefiguram o gesto com que Ele enviará os Doze aos quatro cantos da terra.

Surrexit Christus, spes mea! — «Cristo, minha esperança, ressuscitou.» Este túmulo que é a esperança do mundo é também, e sobretudo no Calvário, a esperança de Cristo. Pensemos, pois, primeiro n'Ele, que não pode esquecer a sua humanidade mais do que nós podemos esquecer a nossa. Sofre; não deseja deixar de sofrer; submete-Se voluntariamente à morte; mas isso não significa que não espere o fim do seu sofrimento depois de concluída a sua obra.

«Ao entardecer vem o pranto; pela manhã, a alegria.»^[9]

A tarde atravessa a noite e vai ao encontro do dia.

Para nós, o túmulo é uma prisão onde somos esquecidos até ao fim dos tempos; a alma escapa-lhe, mas o corpo reduz-se a pó e perdemo-nos da memória dos homens. O túmulo de Cristo é apenas uma fase passageira; é como uma passagem subterrânea que desemboca num arco triunfal; Jesus serve-Se dele como porta da morte, mas imediatamente o transforma em porta da vida; enquanto o sepulcro nos reclama durante toda a duração do mundo, Ele paga apenas um tributo mínimo às suas exigências.

Dois dias, e esta pedra sepulcral será quebrada como uma casca de ovo; mais dois dias, e esta gruta abrir-se-á como dois lábios, e a vida sairá dela

como um sorriso divino.

Pascal observou que «*Jesus Cristo não realizou milagres no túmulo.*» O milagre vem depois; o milagre consiste primeiro na ressurreição, e depois nesta vida maravilhosa após a morte, da qual o Espírito que Ele nos deixou é o princípio animador, e da qual o universo inteiro é o teatro.

Vexilla Regis prodeunt
Fulget crucis mysterium.

Não é este o «*governo*» que «*está sobre os seus ombros*»?^[10] Não é este o império que repousará sobre os ombros que se curvaram sob a cruz? A cruz levantou voo como uma águia; há-de rasgar o horizonte de um extremo ao outro; e onde quer que brilhe, a alma encontrará a sua pátria e Jesus o seu reino.

Se é verdade que «*a história é a ciência dos acontecimentos que têm posteridade*», então deve dizer-se que Jesus domina toda a história. Os prodígios começam a suceder-se logo após a sua ressurreição. Depois da Paixão do Evangelho vem a Acção dos Actos; depois da Ressurreição vem o entusiasmo das grandes testemunhas e dos apóstolos, a fé dos taumaturgos misturada com a dos beneficiários dos seus milagres; a sombra de Pedro que cura os doentes; os céus que se abrem sobre a cabeça de Estêvão; o raio benfazejo na estrada de Damasco; a conquista que começa lentamente, se espalha e se consolida; as igrejas que se formam e entram em comunhão umas com as outras; a unidade que se enriquece pela sua concentração e se fortalece pela sua riqueza; a sociedade civil que reage, persegue e depois cede; o mundo que pouco a pouco é conquistado, até que, no século IV, tudo o que tem nome no mundo civilizado se encontra cristão.

Depois virão vicissitudes, porque nenhuma força constringe a nossa liberdade. Dissemos que, em contraste com os desejos do Filho do Homem, os resultados da sua obra podem ser chamados um revés; mas, se avaliarmos o que existe em vez de lamentarmos o que não existe, então devemos ver neste mesmo futuro uma imensa regeneração.

Não se deve esquecer que, aos olhos do observador imparcial, Cristianismo e civilização são sinónimos; a luz recua quando Cristo recua;

avança ao mesmo passo que Ele. A história tem duas faces; no Getsémani Jesus viu a face das trevas; na cruz, olhando para além do túmulo, viu a face da luz.

* * *

Finalmente, há acontecimentos mais próximos que atraem o olhar do Crucificado quando a imagem do túmulo se apresenta diante d'Ele. Jesus vê antecipadamente tudo o que acontecerá depois do sábado que agora se aproxima: a persistente malevolência dos seus perseguidores; a sua intervenção junto de Pilatos para assegurar uma vigilância rigorosa sobre o sepulcro; o engano e o suborno dos guardas quando o milagre se tornar conhecido. Mas prefere-se supor que os seus pensamentos se detêm junto dos seus entes queridos e que, sem ignorar a sua aflição inicial, as suas esperanças desfeitas e as suas hesitações, Ele prevê sobretudo a sua alegria.

Os seus entes queridos julgarão tê-Lo perdido, como Maria e José O haviam perdido no Templo; e depois, tal como no Templo Ele fora encontrado conversando com os doutores, também agora por um encontro milagroso porá termo à sua conversa com a morte.

No Calvário havia poucos amigos, e eram sobretudo mulheres; junto do túmulo haverá poucas testemunhas, e serão sobretudo mulheres. Antes de partirem esta tarde, observarão a disposição do Sepulcro tendo em vista o seu regresso; montarão silenciosa vigília; comprarão aromas para o embalsamamento final; e voltarão na primeira hora após o sábado para cumprir a sua missão de amor em nome de todos nós.

Encontrarão aberto o vestíbulo; notarão a presença de seres celestes; mas o grande Ausente em quem unicamente pensam parecer-lhes-á perdido de novo, e correrão sem fôlego para levar a notícia aos Doze. O mistério do que aconteceu não estará longe dos seus espíritos; ocupará as suas esperanças e os seus pensamentos; contudo, a sua angústia não desaparecerá até que, após repetidas aparições do Mestre, a luz da Páscoa brilhe claramente sobre elas.

É neste ponto que devemos situar o episódio da Madalena, episódio ligado ao túmulo de Lázaro, à casa de Simão e ao Calvário.

Ela estava ali, Maria Madalena, com as outras duas Marias, mulheres unidas a ela no nome e no coração. Apesar da luz angélica, apesar de um anúncio que para um espírito menos perturbado teria sido perfeitamente claro, ela nada vê senão isto: levaram o seu Senhor e não sabe «*onde O puseram.*»

Diante de um crime que lhe roubou o último tesouro, esse objecto querido e dilacerante do seu amor terno, ela é como um corpo sem alma; vê e contudo não vê; ouve e contudo não ouve; não está onde está, mas onde Ele está. Tal é o estado da sua alma transtornada quando pergunta ao suposto jardineiro: «*Dize-me onde O puseste.*»

Fala com uma espécie de violência piedosa e alucinada; as palavras irrompem-lhe impetuosamente; não tem medo; só se teme quando se ama, e agora que o seu Amor desapareceu, nada existe no mundo que Madalena possa amar.

Jesus revela-Se pronunciando apenas uma palavra; em que tom, só ela o poderia dizer: «*Maria!*» Reconhece-O pela doçura desse nome.

«*Maria!*» Ao nomeá-la, Ele nomeia-Se a Si mesmo; dentro de «*Maria*», ela ouve «*Jesus*»: tantas vezes ouvira esse nome sair dos lábios e do coração do seu divino Bem-Amado. Madalena só pode responder com um eco: «*Rabboni! Mestre!*»

Ter-se-ia lançado para Ele; Ele detém-na com um gesto; uma reserva sublime é exigida neste momento único, a meio caminho entre a vida e a sobrevivência, entre a terra e o céu. Mas o amor fez-se reconhecer e palavras eternas foram trocadas; Aquele que dá nome aos seres para toda a eternidade chamou-a sua amada, e ela proclamou-O seu Mestre.

E assim termina a lição de Madalena para nós. Ela ensina-nos a onipotência das lágrimas e a onipotência do amor. Pelas suas lágrimas alcançou o próprio perdão, a ressurreição de um irmão querido, uma união antecipada com a Paixão e a alegria do túmulo glorioso. Foi a primeira a

compreender, e por isso recebeu em primeiro lugar a missão de anunciar a boa nova; é a apóstola dos apóstolos. Tal é o privilégio do amor. E assim será ao longo da história cristã. O amor desempenhará um papel que, sob certos aspectos, é mais importante do que qualquer autoridade, poder ou saber.

O que acontece com Madalena acontece, em proporção, com todos aqueles que partilham os seus sentimentos e a sua missão.

As outras santas mulheres estão tão intimamente associadas à sua irmã que é difícil distinguir, pelos Evangelhos, o que pertence exclusivamente a Madalena e o que é comum a todo o grupo. Os discípulos têm também a sua parte, e, como seria de esperar, trata-se de uma parte predominante nos acontecimentos decisivos. Todos têm uma parte feliz a desempenhar; os corações ressuscitam dos mortos, e contudo em todos encontramos um estranho espanto e as imperfeições de uma fé vacilante.

Haverá entre eles algum perfeito? Sim, um. Maria, a sublime Mãe, saboreia em segredo a plenitude da alegria reencontrada, depois de ter dado prova de virtude exemplar no tempo da provação. Ela ergue-se da sua Compaixão, como Jesus se ergue da sua Paixão, como Madalena se ergue da sua desolação, como os apóstolos se erguem do seu medo e do seu extremo abatimento.

Se o Evangelho guarda silêncio acerca dela, não é porque a tenha esquecido, mas porque não pode falar. Um sentimento delicadíssimo quer que se vele um mistério tão terno, para que as palavras não lhe manchem o encanto. O silêncio que paira sobre Maria, longe de significar que ela é negligenciada, serve apenas para acentuar a sua grandeza.

CAPÍTULO X

O CÉU

Aos olhos do Salvador agonizante, as coisas e as pessoas nunca são arrancadas ao seu ambiente natural nem isoladas da esfera divina em que estão encerradas; quando medita sobre aquilo que vê, não pode deixar de considerar o seu conteúdo divino. O céu envolve a terra e todas as coisas que nela existem; elevado acima da terra, mais pela sua alma do que pela sua cruz, Cristo encontra no céu o primeiro objecto da sua contemplação; do céu veio e ao céu regressa; por isso devemos imaginá-Lo pronunciando as suas primeiras e últimas palavras com os olhos erguidos para o céu, palavras que começam ambas pelo nome «*Pai*».

Ao dizer isto não confundimos os céus materiais com Aquele de que eles são símbolo; queremos apenas sublinhar o carácter impressionante desse símbolo, a associação inevitável que fazemos entre essas alturas azuis e as coisas sublimes do espírito.

A abóbada azul do céu representa para nós o extremo da altura; toda a ordem em que estamos envolvidos parece presa ao seu ciclo giratório; os nossos destinos são governados por ela; as obras eternas e o seu Autor brilham ali incessantemente; a vida futura a que aspiramos parece despontar nas suas profundezas.

E assim é natural que o céu participe em todos os nossos sentimentos, sobretudo nos seus extremos; e com Jesus acontece o mesmo que connosco. Quando procuramos uma sublime e santa reverência, o céu oferece-nos as suas noites; na aflição é para o céu que erguemos os braços; quando afirmamos alguma coisa tomamos o céu por testemunha; os nossos amores e os nossos ódios invocam-no; a nossa ideia do necessário é simbolizada pela sua indefectibilidade; e quando outros nos querem consolar, falam-nos em nome do céu.

Deus, que sempre Se adapta às nossas formas de conceber as coisas, liga Ele próprio aos fenómenos celestes as lições espirituais que deseja transmitir e os acontecimentos espirituais que governa.

É para o céu que sobem os seus eleitos, desde o homem no carro de fogo até ao próprio Cristo e à sua bendita Mãe; do céu virá o Filho do Homem anunciado pelas trombetas dos arcanjos; Yahweh fala pelo trovão como pela sua própria voz; o éter é o seu reino; o sol é o seu tabernáculo; as nuvens e os ventos são os seus mensageiros; a lenta aurora é o seu olhar; e no silêncio das estrelas quer que o crente escute um hino de louvor ao seu Criador.

Por vezes, nas Escrituras, os céus são chamados a sala superior de Deus (*ὑπερῶον*), e o escritor sagrado — e também Jesus — deseja que este domínio sublime não perca esse significado na nossa imaginação.

Que sucede ao homem se esquece que, lá em cima, um Pai vela por ele; que as luzes do céu revelam a sua presença; que as suas leis exprimem a sua providência; que o grande templo sem nome O tem por hóspede, o mesmo hóspede que habita no templo do nosso coração? Não reconhecer isto é a infidelidade primordial do homem; é porque se afastam de Deus que os homens deixam de compreender a linguagem da natureza e frequentemente lhe atribuem uma voz que é blasfémia. Logo que regressamos ao primeiro Amor, tudo o que antes era véu torna-se revelação.

Do mesmo modo, a expressão criada pelo próprio Jesus — «*Pai celeste*» — pretende recordar-nos a paternidade de Deus e sublinhar o carácter benfazejo e o sentido religioso do universo criado, este sublime manto exterior da divindade que São Pedro, ao falar da Transfiguração, chama «*a glória excelsa*».

Só assim o aspecto trágico do mundo se torna familiar para nós, e os seus acontecimentos reveladores; a sua terrível imensidão já não nos aterroriza; o seu silêncio não nos desnorteia; a vasta perspectiva que o espaço sem limites impõe, tão violentamente contrastante com a nossa actividade diminuta, gera apenas uma grande paz religiosa; tudo é segurança e tudo é ensinamento.

Perco-me no universo; mas em Deus reencontro-me, e não posso extraviar-me para fora deste seio imenso, fora do qual nada existe. Braços invisíveis sustentam o horizonte; sinto a vida do meu Deus infinito; compreendo que o «*inacessível*» está próximo de nós, que o «*inexorável*»

tem alma e que essa alma é aparentada com a nossa: *Ipsius genus sumus*. E assim não tenho medo quando, à noite, abro a minha janela para o abismo das trevas. Mas quão desumana seria a noite, e quão falsa, se não nos falasse de Deus!

Não deixa de ter importância, ao pé da cruz que reconcilia todos os extremos, notar como o céu — sobretudo o céu nocturno — se relaciona com o mistério da alma. O éter ultrapassa toda a medida, e igualmente sem medida e sem compreensão são os movimentos do coração. Não podemos subir até às estrelas nem descer até às profundezas do nosso ser; dois infinitos estendem-se para além dos limites da nossa experiência, e ambos nos atraem irresistivelmente ao mesmo tempo que nos mantêm à distância.

Que poderemos fazer sem Deus nas alturas, e que poderemos fazer sem a sua graça nas profundezas de nós mesmos? E contudo sentimos que estes dois domínios se unem e que Deus, que está em nós e infinitamente acima de nós, funde toda a natureza numa só unidade. Se formos até Deus e nos entregarmos a Ele, então poderemos reconciliar todas as coisas — o ser, o nosso próprio ser e o Ser Subsistente de quem tudo depende.

Não podemos duvidar de que Cristo possui sempre uma realização íntima destas coisas. Se «o Pai Lhe entregou tudo nas mãos», foi seguramente com plena consciência de que assim era; cheio do conhecimento do que existe, possui por isso mesmo plena certeza naquilo que faz. A sua visão alcança infalivelmente Deus, o céu vivo; a alma, esse humilde céu onde o outro se reflecte; a natureza do universo; e Ele próprio, em quem todos estes fragmentos da realidade encontram a sua unidade.

Que poderemos dizer aqui que não seja vão? Não estará toda a explicação condenada à inutilidade? Quem poderá traduzir em palavras o estado da alma de Cristo ao erguer os olhos para o céu? Contudo, é bom tentar até mesmo o impossível; a descrição pode falhar, mas o contacto dará fruto. Digamos as coisas de que temos certeza, conservando sempre diante do espírito essas vastas perspectivas que se abrem quando pronunciamos essa palavra tão simples e todavia tão carregada de significado harmonioso: *Céu*.

* * *

Jesus amava as belezas da natureza. A abóbada azul do céu, o seu brilhante cortejo de nuvens, a sua noite misteriosa, os seus reflexos cambiantes que as coisas da terra recolhem e fazem cintilar de um lado para o outro — Àquele que em tudo foi o Filho do Homem não podiam deixar indiferente.

É consolador imaginar Jesus no meio da beleza do mundo, contemplando-a como um místico e exprimindo-a como um poeta, num pensamento silencioso de que apenas entretemos um vislumbre na eloquência contida das suas parábolas. A visão do seu espírito não se limita a este mundo sublunar, nem sequer ao firmamento com os seus inúmeros sóis; mas o ambiente imediato a que a sua carne mortal está ligada, que é simultaneamente medida e objecto dos seus sentidos, que alimenta a sua imaginação e prende a sua memória, permanece todavia em primeiro plano no seu pensamento humano.

Lança um olhar amoroso sobre esta parcela do céu a que chamamos terra; é seu filho; voltando-Se para a sua Fonte, entrega-Lhe em amor tudo aquilo que dela pode receber, assim como dela recebeu tudo aquilo que ela podia dar.

A natureza encanta-O e eleva-O ao êxtase: *«Olhai para os lírios do campo, como crescem! ... Em verdade vos digo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles.»*^[11]

Com fervor, juntamente com os seus discípulos, recita a oração do Templo: *«Contemplo os vossos céus, obra dos vossos dedos, a lua e as estrelas que fundastes.»*^[12] Os seus discursos estão cheios dos campos, da eira, do moinho, da colmeia, da casa, do aprisco aberto com a sua torre de vigia, da figueira e da oliveira, do ramo da videira e da uva esmagada sob os pés; neles ouvimos as andorinhas e as pombas; o cão que mendiga o seu pão como humilde suplicante; a galinha que teme pela sua ninhada a águia e a tempestade, assim como Ele próprio teme pela humanidade. A sua mensagem vem envolta em símbolos terrestres, e instintivamente escolhe os

mais belos, que são também os mais familiares, aqueles cuja grandeza simples constitui a base da poesia humana.

E contudo não é um esteta puro e simples; é toda a verdade e toda a acção. Mas a verdade tem as suas servas, e sem se dedicar inteiramente a elas, Jesus serve-Se delas na medida em que servem o seu propósito espiritual.

Nunca a impressão geral do mundo O abandona; e quando deixar o mundo terá imprimido nele o selo do seu pensamento. A natureza tornar-se-á mais rica de significado, mais eloquente espiritualmente, mais cheia de vida, assim como será também uma adoradora mais fervorosa, animada pelo espírito cristão.

Quem melhor do que esta alma humana e celeste poderia saborear Deus no universo e o universo no Deus que o sustenta? Associado à harmonia divina (Um em Três, Três em Um), não estará Ele totalmente afinado com a música da criação? Filho do Homem, não encontra Ele na morada do homem a sua própria casa? Reuniu em si toda a humanidade; traz em si a Ideia, geradora dos seres; é «*o princípio da criação de Deus*»^[13] e é também o Fim; tudo é símbolo d'Ele; a natureza tende para Ele com todo o seu significado e todas as suas forças. Poderia deixar de amar este património, este espelho, este resultado da Ideia que é Ele próprio, este mundo, altar do repouso de Deus?

A beleza que apenas embriaga a alma pagã com um arrebatamento lânguido fixa o pensamento de Jesus no Pai; e a sua adoração do Pai, que leva o místico estreito a esquecer o universo, volta novamente o seu espírito para a beleza criada.

Percebe a harmonia da criação como uma Vontade eterna cujas aplicações à vida humana formam o objecto do seu ensinamento, das suas exortações e da sua graça. Mistura o céu com a terra, a natureza com a alma, o tempo com o resultado eterno do tempo; porque estes extremos estão ligados, e de cada um destes reinos Ele é cidadão.

Dissemos que, ao contemplar a natureza, o pensamento de Jesus não se limita ao pouco que nos é visível; a sua visão dos céus não é delimitada

pelos nossos horizontes. O céu é o firmamento azul; mas o céu é também o conjunto de todos os mundos; para além destes grandes testemunhos e entre eles está o éter em que flutuam, esse elemento desconhecido que eles atravessam e pelo qual são atravessados, corrente prodigiosa que até o pensamento mal consegue conceber e que permanece totalmente desconhecida aos sentidos. Até onde se estende este mar com as suas ondas harmoniosas, onde termina este perpétuo prodígio, ninguém o sabe; mas Cristo, unido ao Pai como Verbo e Mediador, com Ele «*conta o número das estrelas*» e das esferas, «*e chama-as a todas pelos seus nomes*».^[14]

Na direcção oposta, nas profundezas do ser, no coração das substâncias e dos acontecimentos, o infinitamente pequeno — que também são mundos — abre céus não menos vastos à visão de Cristo. Os átomos são estrelas, e talvez as nossas estrelas sejam os átomos de corpos ainda mais vastos, como acreditava Pascal.

Esta vastidão sobre vastidão, cujo pensamento nos enche de terror e parece reduzir-nos ao nada, tem Cristo por testemunha e juiz; no seu espírito está escrita a lei destes mundos, que é a lei de todas as coisas; os mais sábios entre nós são míopes nestas imensidades, mas o seu pensamento não sofre de nenhuma das estreitezas ou enfermidades do nosso. Na contemplação de Cristo todos os limites desaparecem; Ele penetra o Ser de uma extremidade à outra; sobe de céu em céu e desce de abismo em abismo; a sua visão alcança tão longe quanto o poder do Pai; o seu êxtase é semelhante ao sopro do Criador que faz estremecer de vida a terra fecunda e desperta todas as regiões para a primavera.

* * *

Devemos supor que estas visões se obscurecem na cruz, e que o céu já não resplandece para o Salvador sofredor? Pensá-lo seria uma ilusão e quase uma ofensa. Já mais de uma vez falámos dessa clarividência dos moribundos, dessa torrente de recordações que parece esforçar-se por preencher o vazio que a morte vai criar. Em Jesus, mais do que em qualquer outro, no Gólgota como no Getsémani, todas as imagens da vida passam e tornam a passar, as impressões naturais renascem e, longe de desaparecerem, tornam-se mais vivas do que nunca.

No momento da grande morte, o céu e a terra manifestar-se-ão; o seu tumulto protestará contra o crime dos homens. Não é justo que Aquele que morre saude também a natureza, sua fiel serva?

Ele aceitou os perfumes de Madalena como anúncio da sua sepultura; certamente os aromas que se elevam da terra neste dia de Primavera, os dos lírios que formam um tapete sobre os rochedos, os que as brisas trazem de Jericó e transportam até à cruz, terão para Ele o mesmo significado e receberão da sua parte semelhante acolhimento.

A toda a glória desta terra de rochedos cinzentos, à de todas as terras onde habitam os homens, e a todas as belezas do universo que Lhe pertence, o Verbo Encarnado presta homenagem ao morrer, assim como em vida recebeu a sua reverência. O céu azul, as colinas verdes e as flores oferecem-Lhe as cores do Pai. O quadro do mundo que Ele próprio pintou, quadro tão belo e tão verdadeiro, permanece diante d'Ele mesmo enquanto morre na cruz.

Sem dúvida, a cruz escurece no meio destas visões. Mas foi a cruz que as trouxe; porque foi para a cruz que veio Aquele «*que havia de vir*», e foi a caminho desta noite trágica que atravessou esta esplêndida aurora.

E assim Jesus pode ainda contemplar as belezas da natureza enquanto morre; não as rejeita; não há trevas na sua dor; a sua dor é gloriosa e calma, e o esplendor interior alegra-se com a beleza que exteriormente O envolve. Morre na Primavera; o voo das aves cerca-O; a voz das rolas acompanha os seus suspiros; da sua alma saúda a sua Galileia, a sua Judeia, os campos verdes da Samaria que as unem, e a terra, cofre onde estas jóias estão engastadas; o seu olhar estende-se para além do pequeno recanto de terra que percorreu; e deslumbra-Se com essa visão longínqua; a nuvem escura que em breve se estenderá será apenas um véu diáfano; as anémons do Gólgota, vistas sob uma luz enganadora, tinham avivado o seu tom vermelho quando Ele subia a colina; agora agrupam os seus densos cachos como uma constelação em redor do pé da cruz, e ali, ao longe, sobre os terraços das casas, há inúmeras outras anémons, enquanto inúmeras papoilas e margaridas — estrelas vermelhas e brancas com coração de ouro — espalham um céu florido diante do seu olhar.

Porque tudo aquilo que Jesus vê é céu para Ele; para Jesus todas as coisas são céu; a natureza é celeste à superfície e nas profundezas, nas alturas e nos abismos, no seu esplendor e na sua substância; os atributos divinos aí reflectidos encontram em Jesus atributos semelhantes, e ninguém melhor do que Ele os pode contemplar. Em redor da cruz o céu está em toda a parte, porque Jesus vê todas as coisas como mergulhadas, sem contudo se apagarem, no mar da imensidade, implicadas, sem contudo se perderem, no desígnio eterno.

* * *

Um aspecto desta visão celeste deve ser considerado à parte. Apenas na aparência se distingue do resto, ou quando muito por sinais exteriores; contudo, aos nossos olhos sobressai e exige um estudo especial — estudo audacioso, sem dúvida, se pretendêssemos definir; mas queremos apenas adorar e, com algumas palavras reverentes, erguer uma barreira em redor de uma zona de silêncio.

Jesus reza; a sua oração na cruz é continuação da sua oração constante; se o céu é o firmamento, se o universo, a alma e Deus são céu, então o acto pelo qual Jesus une todas estas coisas num único pensamento comum é uma comunhão com o céu no sentido mais pleno da palavra, uma visão do céu ilimitada e sublime.

A oração habitual de Jesus é um cumprimento antecipado do preceito do seu Apóstolo: «*Orai sem cessar.*» E isto significa que n'Ele o desejo está sempre voltado para Deus, que o Espírito com os seus «*gemidos inefáveis*» nunca deixa de inflamar e oferecer ao Pai todas as aspirações da sua vontade.

A sua palavra habitual reza; o seu silêncio reza; o seu próprio ser reza; sob as duas formas que nos são prescritas, a oração constitui todo o fundamento da vida do divino Mestre; todos os seus actos, mesmo os mais obscuros, não são mais do que uma longa, solene e perfeita adoração. Como vítima oferecida para sempre, Ele é uma oração viva.

Contudo, como vive esta nossa vida e quer servir-lhe de Modelo, não pode omitir aqueles actos visíveis e periódicos que santificam essa vida e a elevam. Reza em tempos determinados; reza no Templo e na sinagoga; além disso, reza três vezes por dia, segundo o costume dos judeus; prolonga a oração à tarde, ao ar livre, muitas vezes sobre os montes; e esta última oração associa expressamente aos transportes do seu coração esse olhar erguido para o céu que vemos na cruz.

O Evangelho pintou-nos este quadro maravilhoso: Jesus sozinho sobre uma montanha, os olhos voltados para a imensidão do espaço, ora talvez prostrado, ora de braços cruzados, rezando com todo o seu ser e sobretudo com toda a sua alma, enquanto os céus rezam com todas as suas estrelas.

Quando a tarde caía como uma cortina sobre a vida da terra, quando, cansado da palavra e da acção incessante, Ele necessitava de repouso tanto para a alma como para o corpo, deixava os discípulos ao abrigo de algum rochedo ou árvore e, subindo a um monte próximo, ali, no cimo da colina, como à beira do próprio mundo, envolvia-Se no silêncio eterno.

A noite era para Ele libertação e apelo; deixava os caminhos dos homens para ir ao encontro de Deus, diante de quem a natureza depõe o seu fardo. Quando chega a noite, o mundo dilata-se; a terra dissolve-se na obscuridade e deixa-nos sós com o céu; somos arrebatados para os espaços sem limites e os seus archotes guiam-nos o caminho; tudo nos convida a subir mais alto e a abrir o coração, e a contemplação torna-se quase uma necessidade. Para Cristo, em quem a contemplação é contínua, ela torna-se então mais doce e mais intensa; também mais pacífica, e Ele prolonga-a de bom grado.

Pode acontecer que, por vezes, a estrela da manhã, ao surgir, O encontre ainda em oração. Então o símbolo encontra a realidade; sob a asa rosada da aurora, a estrela que anuncia o dia une a sua luz Àquele que Se chamou a Si próprio «*a Luz do mundo*».

Jesus contempla o éter vibrante; imagino-O entoando um hino grandioso em nome de todos, dando vida e significado ao silêncio, enquanto o silêncio adorador é entrecortado pelos gritos do chacal e da coruja.

Quantas vezes não terá cantado o *Laudate Dominum de cælis*^[15] :

«*Louvai o Senhor desde os céus; louvai-O nas alturas.*

Louvai-O, todos os seus anjos; louvai-O, todos os seus exércitos.

Louvai-O, sol e lua; louvai-O, todas as estrelas luminosas.

Louvai-O, céus dos céus; e que todas as águas que estão acima dos céus louvem o nome do Senhor...

Porque só o seu nome é exaltado. O seu louvor está acima do céu e da terra.»

Jesus é o maestro deste imenso coro; Jesus é o chefe do louvor da criação, e todos os louvores são por Ele transportados como um peso leve levado sobre uma asa. Do seu monte de oração irradia através do universo como de um centro de vida; dá alma a todas as coisas; é a oração viva de todos os seres; o seu mandato universal constitui-O como *Aquele que é* diante d'*Aquele que é*, e as estrelas e os espíritos voltam-se para Ele.

À sua adoração segue-se a sua súplica; para todos pede o pão de que cada um necessita para a própria vida: saúde para os corpos, verdade para as inteligências, amor para os corações, liberdade para as vontades, fraternidade para os homens, e para todos pede a realização que constitui a perfeição dos seres, e o fruto dessa realização, que é a alegria.

Pede, e sabe que recebe segundo toda a capacidade daqueles por quem reza. Nada limita o seu poder de súplica, assim como nada limita o seu poder de acção, excepto as deficiências do sujeito finito que se afasta d'Ele pelo mal.

Contudo, mesmo a imperfeição da capacidade humana de receber não diminui a generosidade com que Deus dá; Deus dá sempre tudo; colocou todas as coisas nas mãos de Cristo, e assim como Cristo, entregando-Se a Si próprio, compensa os homens que recusam a sua entrega, assim também aceita e utiliza aquilo que os homens não conseguem receber. A sua graça é, de certo modo, infinita, como dizem os teólogos; é a fonte de onde brota a

graça de todos os homens, o reservatório no qual Deus derrama sem necessidade de moderar a sua magnificência.

Como pode a cruz prestar-se a este movimento recíproco e intensificá-lo com poder miraculoso? Nunca Jesus rezou mais, nunca foi melhor ouvido; nunca sobre a terra esteve em comunhão mais íntima com o Rei do céu.

Duas palavras, se as compreendêssemos verdadeiramente, dariam a chave do mistério; a primeira dessas palavras é amor, e a segunda é sacrifício.

O amor dá valor ao nosso culto e eficácia à nossa oração. Entre pessoas de igual condição, aquele que ama mais presta maior honra e recebe maiores dons. O amor de Cristo pelo Pai é a alma da sua adoração, e em nenhum lugar prova melhor esse amor do que no sacrifício da sua vida: *«Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos.»*^[16]

A cruz é, portanto, o grande lugar da oração, assim como é o grande altar, a grande custódia e o primeiro tabernáculo. Não é em vão que nos dizem para começar e terminar as nossas orações com o sinal da cruz.

Compreendido devidamente, este sinal significa: *«Adoro-Vos, meu Deus, pela cruz, por Jesus na cruz, com Jesus na cruz, como Jesus Vos adorou na cruz, num espírito de memória e confiança, mas também num espírito de obediência e sacrifício... Peço-Vos tudo aquilo de que necessito em nome da cruz, isto é, em nome da mesma memória, em nome dos mesmos méritos, aos quais humildemente uno aquilo que me falta, segundo a exortação do Apóstolo.»*

O silêncio de Jesus durante as suas noites de comunhão com o Pai completava as orações explícitas que formulara para Si e para nós.

Na montanha entregava-Se mais ao êxtase do que às palavras; permanecia longamente absorvido na contemplação, a sua vida sagrada mergulhada profundamente na própria Fonte da vida, as suas artérias palpitando, o seu coração batendo, o seu espírito esmagado, a sua vontade rendida, todo o seu ser prostrado numa homenagem muda e perfeita.

Não dissemos já que Ele é uma homenagem viva, uma oração viva? A sua própria pessoa é um acto de culto; para suplicar e adorar basta-Lhe dizer: «*Eis-me aqui!*» Como João Baptista, e mais ainda do que João Baptista, Ele é inteira e totalmente uma Voz. Quando não fala, é e ama, e isso basta para nos salvar, isso basta para glorificar o Pai de quem nenhuma palavra pode falar dignamente.

Na cruz estas razões têm força acrescida, e o silêncio que liga entre si as sete Palavras constitui um comentário eloquente a essas mesmas palavras misteriosas. O olhar erguido para o céu fala por si mesmo, e que explicação poderia acrescentar algo ao significado trágico desse olhar?

Silêncio, flor da adoração; silêncio, para o qual não pode haver culto mais eloquente quando abriga um desejo inspirado pelo amor; silêncio que equivale, no Calvário, a todas as orações que o Mestre ofereceu durante a sua vida; silêncio que as contém todas, e também as nossas; silêncio que as concentra todas — e é deste tesouro que a Igreja tirará quando espalhar pelo mundo a oração e o louvor, fazendo-os ressoar como a voz de águas caudalosas.

* * *

Cristo contempla o céu. Não poderemos agora dizer que, para a contemplação do céu, Ele nem sequer necessita de abrir os olhos? Nem os olhos do seu espírito precisam de voltar-se para qualquer objecto distinto de Si próprio; porque Cristo traz o seu céu dentro de Si.

Não podemos aqui expor a admirável psicologia implicada na união hipostática e nas suas consequências. Explicar o céu que está em Jesus seria explicar toda a doutrina da Encarnação. Mas devemos tê-lo em conta, se não quisermos mutilar o nosso tema.

Cristo é Deus e homem; por mais próximo de nós que Se mostre, é todavia «*essa porção bendita da humanidade que Deus tomou para unir à sua divindade*», como disse São Francisco de Sales. Desta união maravilhosa não podemos formar uma concepção exacta; mas, felizmente para a obra da nossa salvação, o nosso espírito não é a medida do ser.

O nosso Cristo é um mistério vivo; traz um nome incomunicável, «*que ninguém conhece senão Ele próprio*»^[17]. Este nome é-Lhe revelado numa intuição completa, num contacto íntimo que ninguém partilhou, e esse nome é o «*Verbo de Deus*»^[18], assim como o «*Filho do Homem*». Ele é «*Rei dos reis e Senhor dos senhores*», e contudo este continua a ser o nome de um homem mortal.

Daqui resulta que Jesus nunca Se exprime plenamente em nada daquilo que faz, diz ou pensa no plano humano; resulta que o destino do homem não é a totalidade do seu destino enquanto Pessoa, nem a sua missão humana é tudo n'Ele. O contacto do Deus que traz em Si, do Deus que é Ele próprio, confere-Lhe uma vida superior. Além de Enviado e sublime peregrino, é também o viajante que está em casa, que já não necessita de chegar.

A humanidade é apenas a sua oficina, a terra o seu ponto de apoio. Precisamente porque é dado ao mundo, comunica com o mundo apenas através de uma porta estreita, aquela por onde Deus passa para vir aos homens e pela qual os homens vão para Deus.

Todo o resto é mistério, recolhimento, transcendência; o êxtase é o seu estado normal; vive perpetuamente arrebatado pela consciência da sua filiação divina e pela irrupção constante da Divindade, com a qual é uno, em todas as potências do seu ser. O êxtase, que para o místico é uma projecção para fora de si mesmo, para Ele consiste em possuir-Se tranquilamente a Si próprio.

Refugia-Se constantemente aí, onde o peso da humanidade já não oprime; a sua existência visível é como o voo de uma estrela que surgiu dos reinos da sombra e mergulha novamente neles. Para os grandes corações, a recompensa divina é a própria grandeza; o maior de todos os corações possui em si mesmo a sua suficiência, possui em si mesmo a sua fonte incompreensível, de onde fluem todos os dons para Ele e para todos.

No seu discurso não pode fazer mais do que tocar no indizível; mas o fundo oculto dá ao que revela uma força penetrante e uma energia criadora. Desvenda mistérios com a abertura da sua mão. Fala «*como quem tem autoridade, e não como os escribas e os fariseus*». É iluminado pela sua

própria luz e atravessa a nossa noite como coroado por uma auréola. Vê clara e incessantemente aquilo que nós apenas percebemos pela intuição intermitente da fé. Vendo-o, pode exprimi-lo com certeza; sendo senhor disso, pode inculcá-lo com a onipotência dessa primeira Palavra que cria aquilo que diz.

Foi do seu céu interior que Jesus tirou a luz do mundo; foi das profundezas do seu coração que nos enviou o seu Espírito.

E não apenas a humanidade, mas também a natureza está sujeita à sua influência vivificadora; Ele é a Cabeça da natureza enquanto homem, enquanto como Deus é o seu Criador e a sua Providência. Não só a luz das almas, mas também a luz dos mundos é alimentada por Ele; n'Ele os astros têm o seu ser e da sua vida procede toda a vida como uma torrente. O jogo da natureza desperta a admiração do seu pensamento e da sua imaginação humanos; mas a divindade que traz em Si cria-a; Ele é a Sabedoria que «*brinca continuamente*» diante do Princípio de todas as coisas; é ao mesmo tempo sujeito às potências criadas e Ele próprio o Poder eterno que as criou.

Não poderemos dizer que existe em nós, de certo modo, uma imitação deste dualismo, desta divindade e desta humanidade, das quais uma é claridade e a outra a sua passagem? Também nós temos archotes no coração. A graça, e até as profundezas da própria natureza, esse algo em nós que quase não é nós mesmos, que faz fronteira com a Fonte do ser, o que é isso senão uma espécie de divindade humana, uma participação nesse Verbo que outrora nos foi dado? Enquanto Deus nos irradia a sua luz pela revelação e pela natureza, ao mesmo tempo Ele ergue-Se do mais profundo de nós; nesse plano onde nascem os nossos melhores pensamentos, onde as nossas graças se manifestam, Deus encontra-Se consigo mesmo; e assim nos é dado um céu interior, um céu estrelado de verdades e percorrido por correntes de bondade, um céu radioso apesar da nossa noite.

Torna-se então evidente que o silêncio de Jesus, do qual dissemos ser-Lhe mais natural do que a própria oração, está ligado a uma solidão não perturbada por quaisquer contactos ou relações humanas. Esta mesma alma que jorra pensamentos e transborda palavras, de tal modo que «*se cada uma delas fosse escrita, nem o próprio mundo poderia conter os livros que se escreveriam*», permanece no seu centro um abismo de silêncio; esta alma

ligada a toda a alma e a toda a realidade, visível e invisível, está de certo modo sempre só.

No meio da nossa vida agitada, Jesus permanece tão desprendido como quando está na montanha ao cair da tarde. A terra conta os seus dias e as suas noites; Cristo conta a sua vida com a mesma regularidade paciente e firme; mas, no mais íntimo de Si, existe um repouso maravilhoso. Age, e o seu espírito governa a acção, o seu coração consente; contudo permanece livre; pode sempre receber mensagens secretas; escuta uma música divina; realiza plenamente as palavras do seu Apóstolo: «*A nossa pátria está nos céus.*»^[19]

...e silêncio, vendo sempre e possuindo o seu Objecto supremo, a alma de Jesus é precisamente por isso um abismo de felicidade. A alegria inunda essa alma e nunca a abandona; permanece num dia eterno. A dor vem e apodera-se dessa alma; atinge unicamente uma sensibilidade tão requintada como a alma cuja sensibilidade ela é; contudo, para além dessa zona de sofrimento, existem vastas regiões onde reina apenas a alegria.

Em Cristo há duas vidas: uma vida temporal, que vai da manjedoura à cruz e ao túmulo, e outra eterna, imutável à direita do Pai. A visão beatífica, idêntica em ambas, une por assim dizer estas duas vidas numa só. Para Jesus, a vida depois da morte não é inteiramente uma renovação; é uma continuação. Jesus renasce e é glorificado na sua carne; mas, na sua alma, apenas prossegue o seu destino e continua o seu eterno colóquio com Deus. A coroação do seu destino não produz n'Ele mudança profunda.

No pó da acção quotidiana e sob o fogo abrasador da dor, Ele já estava na glória; via Deus face a face. Que lhe restava ainda adquirir, senão que o seu corpo viesse finalmente a partilhar a glória da sua alma?

Aqui na terra, Ele está dividido; é um oceano de silêncio e paz sobre o qual rugem uma maré tumultuosa; a tempestade assalta-O na sua Paixão e, no fim, as «*dores da morte o cercarão*»; mas entre estes aspectos contrários da sua vida anuncia-se uma harmonia, e essa harmonia realiza-se na sua ascensão.

Será possível associar assim dois estados opostos um ao outro, cada um tendendo a absorver toda a acção vital da alma: um sofrimento quase permanente com uma beatitude permanente, a alegria celeste com a cruz? Temos de os associar. A união hipostática implica a visão beatífica como um direito; o sofrimento é o meio designado para a redenção: compete ao Omnipotente reconciliar os dois. Estando aqui o Criador unido à sua obra, não podemos supor que recuará perante a sua tarefa e Se mostrará incapaz de resolver o problema psicológico que Ele próprio colocou.

* * *

Mas isto não é tudo. Onde já tantos mistérios nos confundem, os nossos teólogos procuram ainda mais um mistério. Detêm-se neste grito: «*Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?*» e, sem verem nele, como alguns vêem, um grito de desespero, atribuem-lhe contudo um carácter tão pungente que, em comparação com o estado de alma que exprime, a Agonia do dia anterior seria quase nada; vêem nele o próprio extremo da angústia humana.

Esta interpretação, é preciso reconhecê-lo, não é exigida pelos factos. A expressão de Jesus é uma citação do salmo vinte e um, do qual forma as palavras iniciais; pode portanto sugerir muito naturalmente a ideia de uma oração mentalmente continuada, e não de um grito trágico.

O salmo é profético e contém as referências mais impressionantes à Paixão. No final aparece uma visão de glória, com a esperança de frutos abundantes resultantes destes sofrimentos. Nada nos obriga a isolar o apelo inicial, nem a fazer dele outra coisa que não seja uma entoação, ou, se se preferir, um resumo do salmo.

Mas os nossos teólogos acharam esta explicação simples demasiado superficial; alguns deles, pelo menos, suspeitam que existe algo mais. Cristo, pensam eles, encontra ainda uma última gota no fundo do seu cálice; experimentou todos os tormentos que o homem pode infligir e agora deve sofrer um às mãos de Deus.

O sentimento de esperança sustém-n'O: tem de o perder. O Pai é o seu único recurso contra a crueldade e o abandono dos homens: o Pai manter-Se-á afastado. A terra rejeitou-O; restava-Lhe ainda o céu: esse céu será agora velado ao seu olhar interior, tal como o firmamento se cobrirá de trevas. Tem de conhecer o sabor do inferno! Conhecê-lo-á sob as suas duas formas. A condenação eterna da qual nos liberta compreende duas penas: a pena da perda e a pena dos sentidos; a primeira será representada pelo abandono do Pai, a segunda pela cruz. Só então poderemos dizer que a Paixão está consumada, que a redenção está realizada; a maré da dor terá então atingido o seu auge e daí em diante apenas poderá baixar; de outro modo, restaria ainda uma fortaleza na alma de Jesus que não teria sido atacada.

Assim seja! Dilaceremos o coração, se quisermos, ao pensar que o nosso Salvador perdeu o seu céu para nos conquistar o céu. Suponhamos que o perde conservando-o ainda, no sentido de que já não o experimenta; que está diante do Pai como diante de um Deus inexorável-ou pior ainda, que o Pai já não aparece de todo, de tal modo que, permanecendo embora no paraíso porque é o Filho de Deus, sofre contudo todo o tormento do inferno.

«*Parece já não saber que é Deus*», escreveu Santo Anselmo; ergueu-se uma barreira terrível entre a sua humanidade e a sua divindade; sente uma espécie de maldição sobre Si: é a nossa, que tomou sobre Si juntamente com o peso dos nossos pecados. A sua amargura é então verdadeiramente infinita, infinita como o amor que se esconde, infinita como o bem que parece ter perdido, infinita como a felicidade que desapareceu.

Mas Ele ama, e isso alivia o horror da sua dor; ao Bem soberano que Lhe escapa continua unido com um amor tão ardente que o seu coração não pode encher-se de trevas. Pode haver desespero n'Aquele que quer com toda a sua vontade a vontade d'Aquele que ama? Se Santa Teresa tinha razão quando definia o inferno como um lugar onde não existe amor, então um inferno onde há amor já é um céu. Mas este céu envolto em trevas não deixa por isso de ser para Jesus o extremo da dor. O seu sol espiritual morreu. É uma terra sem luz, presa pelo gelo de um pólo ao outro.

Entre Ele e o Pai cessou de correr a torrente da consolação. O coração do seu coração saiu d'Ele. Pensai na dor do Filho de Deus se sente que, para Ele, Deus já não existe!

* * *

«*Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?*» Este abandono aparente e temporário ocupa, no Calvário, o lugar entre duas fases de confiança e de paz; tal como a Agonia no jardim foi intermédia entre os derramamentos do Cenáculo e a coragem sublime da Prisão; como uma queda entre dois degraus.

Depois dessa provação, Jesus recupera a sua tranquilidade; o seu céu abre-se novamente; os braços do Pai estendem-se outra vez para Ele; como mais tarde Santo Estêvão, Jesus vê os céus abertos e entra no céu com os olhos da sua alma.

Outro céu, e este o último de que teremos de tratar: o céu que conquistou, desta vez, em vez de apenas contemplar ou possuir; um céu que não é apenas seu, mas nosso. Esta é a sua visão da Vitória, simbolizada no Calvário por esses olhos que contemplam a infinidade do espaço através de um véu de sangue.

Não será o céu, para nós, símbolo desse Céu: um estado espiritual remoto e sublime em comparação com a nossa condição presente, uma morada de liberdade e de paz, um lugar de delícias? Cristo prometeu-nos esse Céu, pois disse aos seus discípulos na Última Ceia: «*Vou preparar-vos um lugar.*» Tem em mente a ascensão, que parecerá situar essa misteriosa sede da sua glória acima das nuvens. Entretanto, merece para nós a entrada nele.

Aquele que foi constituído mediador entre Deus e a humanidade saberá certamente uni-los; Aquele que traz o Céu dentro de Si saberá certamente abri-lo para nós. Já agora bate às suas portas. Dentro de instantes forçá-las-á a abrir-se. Não é isto que diz ao bom ladrão: «*Hoje estarás comigo no Paraíso*»^[20]?

Quando a madrugada no Monte das Oliveiras é velada por uma ténue camada de névoa e a estrela da manhã cintila debilmente por detrás dela, basta pouco para que o astro nascente se liberte e se eleve acima das trevas que permanecem. Ele, Cristo, é uma luz que não conhece ocaso, luz que se ergue da terra brilhando serenamente aos olhos da humanidade»^[21].

E agora o Céu para o qual o Sol vivo vai ascender, e para o qual todas as constelações das almas humanas devem segui-Lo, mostra-se diante dos seus olhos; Jesus contempla-o profundamente com os olhos do espírito; sem desviar o pensamento da obra em curso, da qual esse grande futuro é objecto e finalidade, observa a sua cidade, a «*cidade do ar*»; a cidade «*coroada de anjos como a esposa é coroada pelas suas tranças*»^[22]; a cidade das harpas e dos cálices de ouro, das trombetas e dos turíbulos, das vestes brancas e das palmas, dos cânticos e das coroas. É a cidade onde «*Deus enxugará todas as lágrimas dos seus olhos, e já não haverá morte, nem luto, nem clamor, nem dor; porque as primeiras coisas passaram*»^[23].

Jesus contempla, e o seu olhar parece dizer: «*Eis o nosso caminho, ó homens; Eu vou primeiro e todos vós me seguireis. A coroa é certa. Ao vencedor darei que se sente comigo no meu trono, assim como Eu também venci e me sentei com meu Pai no seu trono*»^[24]. «*Estai todos comigo para a grande vitória; e, uma vez que não há vitória sem sofrimento, sofram; uma vez que a vitória pressupõe uma santa morte, morramos e preparemo-nos comigo para uma santa morte. Bem-aventurados, desde agora, os mortos que morrem no Senhor.*»

«*Doravante*», responde o Espírito, «*repousem dos seus trabalhos. Porque as suas obras os acompanham*»^[25].

EPÍLOGO

O fim aproxima-se lentamente. Jesus toma o seu último gole de fel, que Lhe recorda todos os outros que tomou; a dor crescente faz-Lhe sentir que a última chama da vida se eleva dentro d'Ele. A sua obra está concluída, à árvore resta apenas crescer. Cumpriu a sua tarefa; as suas consequências, no decurso dos séculos, já não necessitam de Cristo; mais ainda, excluiriam a sua presença: «*Convém-vos que Eu vá*», disse Ele.^[25]

As Escrituras cumprem-se n'Ele; tudo o que tinha de fazer está feito, e sofreu tudo o que tinha de sofrer. Reúne todas estas coisas no seu espírito e exprime-as numa só palavra, como que significando à Morte que pode agora aproximar-se do seu Mestre:

«TUDO ESTÁ CONSUMADO.»

Tudo está, de facto, consumado para Ele e, portanto, também para nós. O homem já nada mais pode pedir e Jesus, que quis dar para além de tudo o que o homem poderia pedir, nada mais tem para dar. Restaurou todas as coisas em si mesmo, e a sua cruz permanecerá para sempre erguida entre o céu e a terra, trazendo todas as bênçãos à terra e afastando todo o mal. Que mais desejaria Ele, e que mais poderia realizar?

Os sinais finais aparecem à medida que a hora nona se aproxima.^[26]

A noite do Gólgota adensa-se; Gareb cobre-se como um catafalco. A escuridão anuncia a grande luz que há-de vir.

A terra treme; há uma estranha agitação entre os sepulcros escavados na rocha, e os mortos saem deles. O véu do Templo — talvez arrancado por um vento violento, o negro siroco que se supõe trazer a escuridão no seu rasto — rasga-se de alto a baixo. Trata-se do primeiro véu, aquele que separa o Vestíbulo do Lugar Santo. Revela os segredos de Cristo e os mistérios que Cristo ensinou, deixando apenas, para além do véu do Santo dos Santos, o maior de todos os mistérios.

Tal é a demonstração de Deus. Se utiliza a natureza para a realizar, isso é apenas mais um exemplo da harmonia das suas obras. Proclama a sua

terrível misericórdia na linguagem dos acontecimentos.

Jerusalém encolhe as suas pálidas cúpulas sob a nuvem, como a galinha da parábola recolhe os seus pintainhos. Ali jaz a cidade de sangue, já cadáver, sob a espada erguida do Romano.

Não há claridade na natureza, não há claridade nos corações fechados dos homens. Apenas o amor do santo grupo se eleva para o Salvador sofredor; apenas o amor de Jesus cobre o mundo.

Madalena continua a soluçar; um pouco mais afastadas, as santas mulheres vigiam; os poucos discípulos permanecem silenciosos; João sustenta a sua «Mãe», quebrada mas inflexível, de pé embora prestes a sucumbir. Se as próprias pedras se fendem, que será do seu coração!

Jesus está exausto e deixa lentamente esvair-se a sua derradeira força. Ofega para respirar e uma sede ardente continua a devorá-Lo. Mas a febre dessa sede é sobretudo espiritual; Ele tem sede da terra, e a terra, sem o saber, tem sede d'Ele. Não desejaria Ele, com esses pobres lábios torcidos, dar ainda um beijo mais a esta terra que ama? Não desejaria ainda, na sua humilhação, uma vez mais, para hoje e para todos os tempos, oferecer a sua face ao beijo do traidor?

O seu corpo exangue está pronto para o túmulo; a sua alma está pronta para o seu Deus.

Diante dos seus olhos, a paisagem começa agora a desvanecer-se; Moab desapareceu há muito na escuridão; os contornos do Monte das Oliveiras e as encostas de Sião diluem-se na distância; o Cenáculo e o palácio de Herodes, o Templo e a Antónia, as muralhas com a escancarada Porta de Efraim, a própria colina do Gólgota — tudo mergulha nas trevas. As anémonas perderam o seu tom escarlate; as gotas vermelhas sobre a sua frente endurecem sob a cruel coroa.

No entanto, Jesus possui-se plenamente; «ninguém Lhe tira a vida»; será Ele próprio a «entregá-la». Entregá-la-á nas mãos de seu Pai.

«PAI, NAS TUAS MÃOS ENTREGO O MEU ESPÍRITO.»

Todas as coisas estão na mão de Deus; mas essa mão quer receber todas as coisas da liberdade que Ele torna associada do seu poder. A liberdade de Cristo presta-Lhe esta homenagem soberana. O seu último gesto é como o primeiro: «*Eis que venho*»; esta é a nota dominante e a consumação de toda a sua vida.

É um gesto de confiança e de amor, de união e de abandono. Todos os homens devem partilhá-lo porque é realizado em seu favor, e os eleitos de todos os séculos e de todos os mundos colherão o seu fruto.

E agora, nada mais tendo a fazer nesta terra, pronto para entregar a sua vida, pronto para reclinar a cabeça sobre o peito, de tal modo que a sua coroa forme uma auréola em torno do seu coração; nada mais tendo a contemplar com este olhar que agora encontra o Mistério supremo de todos,

JESUS FECHA OS OLHOS

NOTAS Caps. I a VI

[1] Rom. XIII, 14.

[2] Gál. ii, 20.

[3] Padre H. Vincent, autor da parte arqueológica e, em certa medida, também da parte histórica da grande obra: *Jérusalem; Recherches de topographie, d'archéologie et d'histoire*, dos PP. H. Vincent e F. M. Abel, O.P.

[4] João XII, 32.

[5] O uso deste acessório deu origem à expressão macabra: «*cavalgar a cruz*», *equitare crucem*.

[6] Hino da Sexta-Feira Santa.

[7] Salmo XLV, 6 e passim.

[8] Salmo XLVII, 3.

[9] Mt. XXIII, 2-3.

[10] Mt. V, 17.

[11] Salmo LXXXIII, 2.

[12] Salmo XLIX, 2.

[13] Ageu II, 10.

[14] Jeremias XIX, 11.

[15] Marcos XIII, 1.

[16] Marcos XIII, 5.

[17] Cf. Marcos XIII, 32.

[18] Marcos XIII, 30.

[19] Jeremias IV, 23-26.

[20] Josué VIII, 28.

[21] Jeremias XXXI, 40.

[22] Actos iv, II.

[23] 1 Cor. III, 11.

[24] João XIII, 1.

- [25] Lucas XXII, 15.
- [26] Lucas XXII, 15.
- [27] João XVII, 11.
- [28] João XIII, 3-10.
- [29] Isaías III, 7.
- [30] Lucas XXII, 15-16.
- [31] Lucas XXII, 19-20.
- [32] Lamentações IV, 4.
- [33] 1 Cor. X, 16.
- [34] Lucas XXIV, 33.
- [35] Actos I, 13.
- [36] Actos I, 14.
- [37] Lucas XXIV, 36.
- [38] João XX, 25.
- [39] João XX, 28.
- [40] João xvi, 7.
- [41] Lucas XII, 49.
- [42] Mateus XXVIII, 19.
- [43] João XI, 52.
- [44] Apocalipse XXII, 16.
- [45] Apocalipse II, 26-28.
- [46] Isaías XL, 3.
- [47] Lucas XXIV, 50.
- [48] Actos I, 12.
- [49] João XIV, 31.
- [50] João XV, 5.
- [51] João XII, 27.

- [52] Salmo LIV, 5-6.
- [53] 1 João V, 19.
- [54] Salmo XVII, 6.
- [55] 2 Coríntios V, 21.
- [56] Daniel III, 55.
- [57] Mateus XVIII, 12.
- [58] Cf. Pascal, *Le Mystère de Jésus*.
- [59] Mateus XXVI, 40.
- [60] Marcos XIV, 37.
- [61] P. Lagrange: *L'Évangile de Saint Marc*.
- [62] Lucas XXII, 43.
- [63] Marcos XIV, 36.
- [64] Mateus XXVI, 39.
- [65] Marcos XIV, 36.
- [66] Lucas XXIV, 50-51.
- [67] João XX, 17.

NOTAS Caps VII e VIII

- [1] João XIX, 25.
- [2] Mateus XXVII, 55.
- [3] Lucas XXII, 28.
- [4] Mateus XXVI, 31.
- [5] João XVIII, 9.
- [6] João XVI, 32.
- [7] João XVIII, 15.
- [8] João XIII, 37.
- [9] Lucas VIII, 10.
- [10] João XV, 15.
- [11] João XV, 16.
- [12] Mateus XVIII, 4; Marcos IX, 35.
- [13] Cf. 2 Reis 21, 10.
- [14] João 19, 3.
- [15] Marcos 15, 19.
- [16] Lucas 23, 36.
- [17] Salmo 21 (22), 1.
- [18] Mateus 27, 49.
- [19] Marcos 15, 36.
- [20] Cf. Lucas 4, 18-19.
- [21] Mateus 26, 5.
- [22] Cf. Marcos 15, 11-13.
- [23] Marcos 15, 9.
- [24] Lucas 13, 32.
- [25] Lucas 23, 8.

- [26] Lucas 23, 11.
- [27] Cf. Lucas 23.
- [28] João 19, 11.
- [29] Pascal, *Le Mystère de Jésus*.
- [30] João 19, 11.
- [31] Lucas 23, 24.
- [32] Mateus 27, 24.
- [33] João 19, 11.
- [34] Cf. os relatos da Paixão nos Evangelhos.
- [35] Marcos 15, 31-32.
- [36] Lucas 23, 51.
- [37] Lucas 23, 35; Marcos 15, 31-32.
- [38] Mateus 16, 1.
- [39] João 6, 30.
- [40] Mateus 4, 6.
- [41] João 11, 49-50.
- [42] Mateus 16, 6.
- [43] Lucas 12, 1.
- [44] Mateus 23, 25.27.33.
- [45] Mateus 23, 31-32.35.
- [46] Salmo 21(22), 15.17-18.
- [47] Salmo 56(57), 5.
- [48] João 13, 27.
- [49] João 6, 65-71.
- [50] Isaías 42, 3.
- [51] Mateus 26, 24.
- [52] Lucas 22, 23.

[53] 2 Reis 20, 9.

[54] Marcos 14, 44.

NOTAS Caps IX e X

- [1] Job 17, 1.
- [2] Salmo 15 (16), 10-11.
- [3] Túmulos em forma de nicho abobadado.
- [4] Túmulos escavados na rocha em que o corpo era introduzido verticalmente.
- [5] Marcos 16, 3.
- [6] Marcos 16, 4.
- [7] Cf. João 19, 42.
- [8] Cf. João 3, 1.
- [9] Salmo 29 (30), 6.
- [10] Isaías 9, 6.
- [11] Mateus 6, 28.
- [12] Salmo 8, 4.
- [13] Apocalipse 3, 14.
- [14] Salmo 146, 4.
- [15] Salmo 148.
- [16] João 15, 13.
- [17] Apocalipse 19, 12.
- [18] Apocalipse 19, 13 e 16.
- [19] Filipenses 3, 20.
- [20] Lucas 23, 43.
- [21] Bênção do Círio Pascal.
- [22] Hino para a dedicação de uma igreja.
- [23] Apocalipse 21, 4 e *passim*.
- [24] Apocalipse 3, 21. a Apocalipse 14, 13.
- [25] João XVI, 7.

[26] A hora nona corresponde aproximadamente às três horas da tarde.